

Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo

**A formação em Arteterapia no Brasil:
contextualização e desafios. Textos do III
Fórum Paulista de Arteterapia da AATESP**

1^a. Edição

São Paulo

Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo

2010

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo

A formação em Arteterapia no Brasil: contextualização e desafios. Textos do III Fórum Paulista de Arteterapia. - São Paulo: Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo, 2010. 163p.

ISBN 978-85-63203-02-1

1. Arte-terapia

CDD 610

Autoria

Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo – AATESP

www.aatesp.com.br

Organização

Maíra Bonafé Sei

Ressalva: Os textos apresentados são de criação original dos autores, que responderão individualmente por seus conteúdos ou por eventuais impugnações de direito por parte de terceiros.

Sumário

Capítulo	Página
Programação do III Fórum Paulista de Arteterapia	6
A formação em Arteterapia no Brasil: contextualização Maíra Bonafé Sei	7
A ética em arteterapia Sandro Leite	30
A pesquisa científica em arteterapia no Brasil: estado da arte Cristina Dias Allessandrini	34
A importância de pensar a Arte na Arteterapia Karen Ferri Bernardino	59
Arteterapia rumo à profissionalização: perspectivas para o século XXI Maria de Betânia Paes Norgren	67
A Formação do Arteterapeuta, Contextualização e Desafios, nos Posteres do III Fórum Paulista de Arteterapia Mailde Jeronimo Tripoli Tatiana Fecchio Gonçalves	74
A Arte como proposta do trabalho da intersetorialidade entre Centros de Convivência e CAPS-AD José Francisco Padovani Forti e Sibeles Ribeiro Campos Martins	80
A arteterapia nos bastidores da competição Fabiola Matarazzo	81
A fotografia como instrumento arteterapêutico Julia de Montalembert Kater Milani	82
Artes em Família: relato de uma proposta intergeracional empreendida em um Centro de Convivência Maíra Bonafé Sei, Diane Bianchi Carvalhaes Cardoso Sá e Iara Fais Ferreira	87
Ateliê Arte e Vida na Comunidade: Espaço ArtePsicoterapêutico - Um Projeto de Vida... Mariângela Borret Bonjour Nascimento	93

Atelier arte-culinário terapêutico: lazer, crescimento pessoal e autoconhecimento. Mailde Jeronimo Tripoli	95
Diálogos entre Arteterapia e Arte Educação Claudia Colagrande	101
Estágio supervisionado em Arteterapia: Relato de experiência e contribuições para a formação profissional do arteterapeuta Melina Del' Arco de Oliveira	103
O lúdico como recurso arteterapêutico Margaret Rose Bateman Pela e Cristina Dias Alessandrini	119
Oficina Multiplicidade, uma questão sensorial: Os princípios do yoga no contexto terapêutico Katia Hardt	141
Exposição de Arte Postal: um convite Claudia Colagrande, Ronald Sperling e Sue Steinberg	142
A Arte Postal na Arteterapia Claudia Colagrande	143
Arte Postal: considerações Ronald Sperling	145

Lista de Figuras

Figura	Página
Arteterapia	8
Varal de Imagens Oficina 1	98
Gráfico 1: Primeiro critério de análise dos dados	50
Gráfico 2: Distribuição da produção científica brasileira de acordo com a 'Grande Área'	51
Gráfico 3: Distribuição da produção científica por Arteterapeutas brasileiros, de acordo com o ano de publicação	52
Gráfico 4: Distribuição da produção científica brasileira concluída e em fase de produção	53
Gráfico 5: Distribuição dos Mestrados concluídos e em andamento	53
Gráfico 6: Distribuição dos Doutorados concluídos e em andamento	54
Gráfico 7: Estado da arte da produção <i>stricto sensu</i> brasileira	54
Gráfico 8: Produção brasileira de acordo com o Ciclo de Vida	55
Aspectos fundamentais da formação em Arteterapia	114
Arte Postal 1 - Betânia Norgren	146
Arte Postal 2 - Carolina Wiermann	147
Arte Postal 3 - Carolina Wiermann	148
Arte Postal 4 - Claudia Colagrande	149
Arte Postal 5 - Claudia Colagrande	150
Arte Postal 6 - Lucila Bertolini	151
Arte Postal 7 - Lucila Bertolini	152
Arte Postal 8 – Mailde Tripoli	153
Arte Postal 9 – Mailde Tripoli	154
Arte Postal 10 – Mailde Tripoli	155
Arte Postal 11 – Mailde Tripoli	156
Arte Postal 12 - Mariângela Bonjour	157
Arte Postal 13 – Sall Viana	158
Arte Postal 14 - Silvana Di Blásio	159
Arte Postal 15 - Silvana Di Blásio	160
Arte Postal 16 – Solemar Ontoria	161
Arte Postal 17 - Sue Steinberg	162
Arte Postal 18 - Sue Steinberg	163

III Fórum Paulista de Arteterapia da AATESP
“A FORMAÇÃO EM ARTETERAPIA NO BRASIL: CONTEXTUALIZAÇÃO E
DESAFIOS”

05 de Dezembro de 2009 - 8h-18h

Programação

Horário	Atividade
8h00	Credenciamento
8h30	Abertura Dra. Maíra Bonafé Sei
9h00	Palestra: A formação em Arteterapia no Brasil: contextualização - Palestrante Dra. Maíra Bonafé Sei
10h00	Coffee Break
10h30	Mesa Redonda: Postura Arteterapêutica - A ética em Arteterapia Sandro Leite - A pesquisa científica em Arteterapia no Brasil: estado da arte Dra. Cristina Dias Allessandrini - A importância da supervisão e do ateliê arteterapêutico diante necessidade da formação continuada Ms. Karen Ferri Bernardino
12h30	Almoço
14h00	Poster Interativo - Coordenação: Ms. Mailde Tripoli e Ms. Tatiana Fecchio Gonçalves
15h30	Coffee Break
16h00	Atividade Expressiva - Introdução – exercícios respiratórios Katia Hardt - Proposta Arteterapêutica Sue Steinberg Ronald Sperling Claudia Colagrande
17h30	Encerramento - Arteterapia rumo à profissionalização: perspectivas para o século XXI Dra. Maria de Betânia Paes Norgren

A formação em Arteterapia no Brasil: contextualização

Maíra Bonafé Sei¹

Este texto tem por objetivo discorrer sobre a formação em Arteterapia no Brasil, contextualizando esta prática e descrevendo os cursos de Especialização existentes no Estado de São Paulo. Desta forma, opta-se por inicialmente realizar uma contextualização sobre o campo da Arteterapia, contemplando sua conceituação, caracterização e histórico para na segunda parte sinalizar como a pesquisa pelos cursos foi realizada, com apresentação dos resultados obtidos.

Deste modo, para a Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo (AATESP),

A arteterapia insere-se dentro de um contexto de exploração criativa e valorização do sensível, viabilizado por meio da utilização dos recursos artístico-expressivos. (...) a arteterapia caracteriza-se por possibilitar que qualquer um entre em contato com seu próprio universo interno, com aqueles que estão à sua volta e com o mundo. À medida que a emergência da expressão se mostra cada vez mais indispensável, tanto mais o sentido da vida torna-se evidente e, conseqüentemente, o despertar do desejo de como aprender a lidar com os problemas, com os medos, com as deficiências, de modo a tornar os pensamentos e os atos mais consonantes com o viver pleno. (AATESP, 2009)

De maneira sintética e em sintonia com a conceituação acima, pode-se dizer que a Arteterapia se configura como uma

estratégia de intervenção terapêutica que visa promover qualidade de vida ao ser humano por meio da utilização dos recursos artísticos advindos principalmente das Artes Visuais, mas com abertura para um diálogo com outras linguagens artísticas. Foca-se o indivíduo em sua necessidade expressiva e busca-se ofertar um ambiente propício ao surgimento de uma expressividade

¹ Psicóloga, Arteterapeuta (AATESP 062/0506), Mestre e Doutora em Psicologia Clínica pelo IP-USP; docente de cursos de especialização em Arteterapia; Membro do Conselho Diretor da AATESP. Telefones: (19) 32893005 – 91324530 - Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5815968830020591> E-mail: mairabonafe@hotmail.com

espontânea e portadora de sentido para a vida. (Sei, 2009, p. 6)

Para uma prática ser nomeada como Arteterapia, é, então necessário que esteja presente no contexto arteterapêutico o seguinte triângulo (Carvalho, 2006), composto pelo processo expressivo ou pela produção, pelo indivíduo que participa do processo e pelo arteterapeuta (Figura 1).



Quanto ao histórico da Arteterapia, pode-se dizer que a Arte é utilizada com finalidades terapêuticas há séculos, contudo, uma estruturação do uso dos recursos artísticos no campo das terapias ocorreu mais recentemente. Na literatura acadêmica (Caterina, 2005), encontra-se relatos acerca do trabalho desenvolvido pelo médico psiquiatra alemão Johann Christian Reil sobre a interlocução entre Arte e Saúde.

Reil foi um contemporâneo de Pinel, que construiu no início do século XIX um protocolo terapêutico almejando a cura psiquiátrica. Este era composto de três estágios, que incluíam 1. O envolvimento do paciente em atividades realizadas ao ar livre, de trabalho físico; 2. Estímulos sensoriais a partir da utilização de objetos específicos para a proposta; 3. Estímulos relacionados ao campo intelectual, por meio de desenhos, símbolos e elementos com sentidos no campo cognitivo e no campo afetivo. Por meio destes estágios buscava-se que o interesse do indivíduo pelo mundo externo fosse despertado e que houvesse maior ligação entre este e meio que o circunda. Compreendia-se que

a expressão obtida nos desenhos, sons, texto, movimentos se organizavam como uma forma de comunicação dos conteúdos internos (Caterina, 2005).

A prática da Arteterapia, nomeada desta maneira, tem como grande precursora em território norte-americano a psicóloga de orientação psicanalítica Margaret Naumburg. Sua atuação foi intitulada de Artepsicoterapia e propunha a liberação de expressão espontânea e incentivo à associação livre por parte do paciente. Sua irmã, Florance Cane, era arte-educadora e desenvolveu uma prática no campo da Arteterapia, denominada de Arte como terapia, que se apresentava como uma estratégia de ensino da Arte a partir das funções movimento, pensamento e sentimento.

No Reino Unido, um nome de importância foi do artista Adrian Hill, que vivenciou um processo de adoecimento devido à tuberculose durante o qual percebeu o potencial da Arte no sentido de promover saúde.

Quanto às diferentes maneiras de se organizar uma proposta arteterapêutica, pode-se citar, então, a Artepsicoterapia, que, de acordo com Naumburg (1991) busca a liberação do inconsciente por meio de imagens espontaneamente projetadas na expressão plástica e gráfica. Pode ser utilizada como uma forma de psicoterapia primária ou auxiliar” (Naumburg, 1991, p. 388). Para esta profissional, o arteterapeuta não deve interpretar a produção e sim encorajar o paciente “a descobrir por si mesmo o significado de suas próprias produções.” (Naumburg, 1991, p. 390).

Na Arte como terapia, a partir da visão de Florance Cane, o arteterapeuta pauta-se na crença de que todo ser humano nasce com o poder de criar. Sua estratégia de ensino da Arte era fundamentada nas funções: movimento, sentimento e pensamento e a cura ocorreria por meio da catarse do processo artístico, acompanhamento de profissional que reconhecesse os sentidos do que é expressado e ajude a pessoa a se reconhecer (Cane, 1983).

No Reino Unido, segundo Hogan (2001), tem-se uma diferenciação da Arteterapia em três correntes. Na “analytic art therapy”, tem-se uma prática baseada nas teorias psicanalíticas, com especial atenção à relação transferencial e, conseqüentemente, à interpretação do encontro terapêutico.

Na “art psychotherapy”, dá-se ênfase na importância da análise verbal do

material produzido nas sessões, com situações em que a produção se torna algo adicional à psicoterapia verbal. Já na “art therapy”, foca-se as produções sem considerar a análise verbal como algo necessário no contexto arteterapêutico.

Em território brasileiro, Andriolo (2006) faz uma revisão sobre a articulação entre Arte e Psiquiatria. Este pesquisador aponta profissionais que contribuíram para o reconhecimento da potência da Arte no campo da saúde. Considera-se que o trabalho desenvolvido por estes como precursores da Arteterapia no país.

O primeiro foi Ulysses Pernambucano, que estabeleceu relações entre Arte e Psiquiatria e inspirou Silvio Moura a redigir, em 1923, “Manifestações artísticas nos alienados”, trabalho conclusão do curso de Medicina. O segundo nome foi de Osório Cesar, que atuou no Hospital Psiquiátrico Juqueri, com compreensão a partir da Psicanálise e interlocução com Sigmund Freud (Andriolo, 2003). É relatada a existência, desde 1927, de setores de bordados e outros tipos de artesanato nos pavilhões e colônias do hospital, além de haver a possibilidade de realizar pintura com aquarela, modelagem em barro, dentre outras que necessitavam de ambiente, material e técnica no citado hospital. Em 1943 é iniciada oficialmente a Oficina de Pintura, enquanto que em 1949 tem-se a fundação da Escola Livre de Artes Plásticas (Ferraz, 1998). Por fim, tem-se o trabalho de Nise da Silveira que fundou a Seção de Terapêutica Ocupacional, em 1946 no Centro Psiquiátrico Engenho de Dentro. Esta psiquiatra tinha sua compreensão baseada na Psicologia Analítica, com trocar com Carl G. Jung.

A Arteterapia teve seu início com a atuação de Margarida Carvalho, cuja formação no campo se deu a partir de um curso de extensão em Arteterapia com Hanna Kwiatkowska na PUC-SP, em 1964. Seguiu seus estudos de forma independente, com atuação posterior na área. Pode-se também citar Ângela Philippini, que recebeu influência de Nise da Silveira e participou de grupo de estudos com arteterapeutas americanos e Selma Ciornai, com formação a partir de cursos de extensão no país e mestrado em Arteterapia nos Estados Unidos.

Um marco para a Arteterapia foi a fundação da AATESP no ano de 2003 e, em 2006, a fundação da UBAAT, que passaram, com suas ações, primar pela formação do arteterapeuta, estabelecendo critério mínimos para os cursos de especialização. Assim, de forma geral, a formação em Arteterapia no Brasil ocorre principalmente através de cursos de Especialização em Arteterapia. Havia um curso de Graduação em Arteterapia, realizado na FEEVALE, mas que teve suas atividades suspensas.

Este curso, de acordo com as informações contidas no site da instituição, buscava formar profissionais que, “através da expressão artística e de uma ação multi e interdisciplinar, possam auxiliar o indivíduo em seu processo terapêutico, bem como intervir na prevenção da saúde. Viabiliza a formação geral do ser, qualificando o profissional para a atuação em consultórios, instituições e organizações diversas, trabalhando com sujeitos individualmente em grupo, através de um projeto pedagógico articulado pelas dimensões sociológicas, filosóficas, psicológicas e históricas, que constituem o contextualizado nessa área”. A graduação em Arteterapia realizada na FEEVALE tinha uma duração de 08 semestres.

Quanto aos critérios para o currículo mínimo, foram estabelecidos que os cursos de Especialização em Arteterapia devem possuir uma Carga Horária mínima de 360 horas/aula, 100 horas de estágio e 60 horas de supervisão, totalizando 520 horas. Devem contemplar as disciplinas/conteúdos de “Linguagens e Práticas em Arteterapia”, “Fundamentos da Arte”, “Fundamentos da Arteterapia”, “Fundamentos Psicológicos e Psicossociais”, “Estágio e Supervisão” e “Trabalho de Conclusão de Curso”.

Neste sentido, as disciplinas “Fundamentos da Arteterapia”, “Linguagens e Práticas em Arteterapia” e “Estágio e Supervisão” devem ser ministradas por arteterapeutas credenciados às Associações de Arteterapia do Estado ao qual o curso esteja vinculado. A disciplina de “Fundamentos Psicológicos e Psicossociais” deve ser ministrada por psicólogos ou profissionais com pós-graduação na área, cursada em instituições idôneas. No que concerne o tema de “Psicopatologia”, este deve ser ministrado apenas por Psicólogo ou Psiquiatra.

O Trabalho de Conclusão de Curso pode ser orientado ou co-orientado por um profissional de outra área. Contudo, para isto, deve estar presente formalmente como orientador ou co-orientador também um arteterapeuta com credenciamento em associação regional de Arteterapia filiada à UBAAT – www.ubaat.org. Os coordenadores de curso, também credenciados à associação regional de Arteterapia, devem ter 5 anos de experiência na área após formação, enquanto que os demais docentes da área de Arteterapia devem ter no mínimo 2 anos de formação em Arteterapia.

Metodologia de pesquisa

Objetivou-se pesquisar quais os cursos de Especialização em Arteterapia existentes no Estado de São Paulo. Para tanto, fez-se uma pesquisa que teve como procedimentos uma busca de informações sobre Cursos de Especialização em Arteterapia, usando Google como ferramenta de busca de dados, com as palavras-chave Arteterapia, curso, especialização, São Paulo, no mês de Novembro de 2009. Os critérios de inclusão pautavam-se em cursos de especialização em Arteterapia realizados em cidades do Estado de São Paulo, cujas informações estivessem na Internet.

Faz-se a ressalva de que as informações na internet estão em constante atualização, enquanto há sites que mantêm informações sem realizarem as necessárias alterações, mesmo quando um curso é descontinuado ou alterado. Optou-se neste trabalho por descrever as informações disponibilizadas na internet no momento da pesquisa e, para este texto escrito, foram acrescentadas as informações dadas pelos participantes, que completaram ou corrigiram possível dados incorretos.

Resultados

Esta pesquisa havia sido realizada no ano de 2007, por Fabiola Gaspar, então membro do Conselho Diretor da AATESP. De acordo com esta pesquisa, existiam dezesseis cursos de Especialização em Arteterapia no Estado de São Paulo abaixo listados:

1. Atelier Vera Traversa (Alquimy Art)

2. FIZO/Faculdade Integração Zona Oeste
3. FAMOSP/Faculdade Mozarteum de São Paulo
4. FPA/Faculdade Paulista de Artes
5. FTS/Faculdade Taboão da Serra
6. INESP
7. Instituto Sedes Sapientiae
8. ISAL/Instituto Superior de Educação da América Latina
9. NAPE/Núcleo de Arte e Educação
10. PUC-SP/Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
11. UNESP
12. UNIFIEO/Centro Universitário FIEO
13. UNIP/Universidade Paulista
14. UNIVEM/Centro Universitário Eurípides de Marília
15. USJT/Universidade São Judas Tadeu
16. USM/Universidade São Marcos

Por meio da pesquisa realizada em 2009 foram encontrados dezenove cursos de Especialização em Arteterapia, número que implica em um incremento dos cursos de Arteterapia no Estado de São Paulo. Os cursos localizados foram os seguintes:

1. Alquimy Art
2. CEFAS/Centro de Formação e Assistência à Saúde
3. EXTECAMP – UNICAMP
4. FACIS/Faculdade de Ciências da Saúde
5. FAMOSP/ Faculdade Mozarteum de São Paulo
6. FPA/Faculdade Paulista de Artes
7. INBRAPEC/Instituto Brasileiro de Pós-Graduação e Educação Continuada
8. Instituto de Artes – UNESP
9. Instituto Sedes Sapientiae
10. ISAL/Instituto Superior de Educação da América Latina
11. NAPE/Núcleo de Arte e Educação
12. PUC-SP/Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

13. São Paulo Master School
14. UNIFIEO/Centro Universitário FIEO
15. UNIP/Universidade Paulista
16. UNISA /Universidade de Santo Amaro
17. UNIVEM/Centro Universitário Eurípides de Marília
18. USJT /Universidade São Judas Tadeu
19. USM/Universidade São Marcos – Tatuapé

Optou-se por listar, então, cada curso seguindo o seguinte roteiro de informações: instituição responsável, site consultado; coordenação e caso o coordenador seja credenciado à AATESP estará disponível o número de credenciamento dele junto à associação; carga horária; duração; local; disciplinas/módulos/temas/áreas de formação.

Alquimy Art

<http://www.alquimyart.com.br/node/54>

Coordenação Geral

- Profa. Dra. **Cristina Dias Alessandrini** – AATESP 015/1203

Coordenação Local

- Prof. Ms. **Deolinda Fabietti** – AATESP 008/1203

Carga Horária Total - 620 horas/aula + 100 horas de Estágio Supervisionado + Monografia

Duração – 2 anos e meio/30 meses

Local – São Paulo

Agrupamento em áreas:

- Fundamentos
- Instrumentação
- Práxis e Ação Profissional

24 módulos

Workshops

Supervisão

CEFAS/Centro de Formação e Assistência à Saúde

Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo

http://www.cefas.com.br/index_arquivos/Page2564.htm

Coordenação

- Profa. Dra. **Maíra Bonafé Sei** – AATESP 062/0506

Carga Horária Total – 520 horas

Duração – 5 módulos que podem ser cursados em 5 semestres ou concomitantemente

Local – Campinas

Módulos

- Teoria e técnica de Winnicott
- Fundamentos teóricos e técnicos da Arteterapia
- Psicopatologia, técnicas e clínica de Arteterapia
- Práticas artísticas, História da Arte e Saúde Mental
- Supervisão de Atividades Práticas
- Orientação para TCC

EXTECAMP – UNICAMP

http://www.extecamp.unicamp.br/busca_rapida.asp

Coordenação

- Prof. Dr. **Joel Sales Giglio**

Carga Horária Total – 584 horas

Duração – não consta no site

Local - Campinas

Disciplinas

- Fundamentos, Técnicas e Práticas da Arteterapia
- Psicologia Aplicada à Arteterapia: Psicologia Analítica e Psicologia do Desenvolvimento Humano
- História da Arte e Criatividade
- Psicopatologia, Psicosociologia, Psicossomática e Grupos
- Metodologia Científica e Orientação Metodológica
- Ateliê Arteterapêutico
- Técnicas Expressivas: Musicoterapia, Dramaterapia, Dançaterapia e Escrita Criativa

A formação em Arteterapia no Brasil: contextualização e desafios. Textos do III Fórum Paulista de Arteterapia

- Tópicos Especiais
- Supervisão

Estágio Supervisionado

FACIS/Faculdade de Ciências da Saúde

<http://www.facis-ibehe.com.br/facis/publier4.0/texto.asp?id=154>

Coordenação

- Profa. Dra. **Sonia Maria Bufarah Tommasi** e Prof. Dr. **Waldemar Magaldi Filho**

Carga Horária Total – 580 horas

- Total de horas/aulas – 210 horas
- Atividades programadas – 150 horas
- Supervisão – 100 horas
- Atividades práticas – 120 horas

Duração - 18 meses

Local - São Paulo

Disciplinas

- Fundamentos da Arteterapia;
- Psicologia, tipos humanos e a expressão artística;
- Psicopatologia, psicossomática, mitologia e neurociências;
- Teorias e técnicas expressivas;
- Práxis da Arteterapia;
- Metodologia científica;
- Atelier expressivo terapêutico educacional e a construção do saber do Arteterapeuta.

FAMOSP/Faculdade Mozarteum de São Paulo

http://www.mozarteum.br/new_site/web/CursosConteudos.asp?curso=39

Coordenação

- Ms. **Dilaina Paula dos Santos** – AATESP 011/1203

Carga Horária Total – 560 horas

- Trabalho de Conclusão de Curso – TCC – 16 horas

- Estágio Supervisionado – 160 horas

Duração – 4 semestres/24 meses

Local – São Paulo

Disciplinas

- A Práxis da Arteterapia
- Contexto sócio-artístico
- Arteterapia e Desenvolvimento Humano
- Didática do Ensino Superior
- Expressão Plástica Bi e Tridimensional
- Fundamentos da Arteterapia
- Fundamentos da Teoria Junguiana
- Linguagens e Práticas em Arteterapia
- Metodologia da Pesquisa Científica
- O Corpo como Linguagem
- Percepção da Linguagem Sonora
- Psicopatologia Simbólico Arquetípica

FPA/Faculdade Paulista de Artes

http://www.fpa.art.br/download/pos2008_psicopedagogiaearteterapia2.pdf

Coordenação

- Não consta no site

Carga Horária Total – 360 horas

Duração – 3 semestres

Local – São Paulo

Disciplinas

- Arte, Cultura e Sociedade
- Comunicação Corporal
- Diagnóstico Psicopedagógico
- Didática do Ensino Superior
- Fundamentos de Psicopedagogia e Arte Terapia
- Fundamentos Psicológicos da Psicopedagogia e Arte-Terapia
- Intervenção Psicopedagógica

A formação em Arteterapia no Brasil: contextualização e desafios. Textos do III Fórum Paulista de Arteterapia

- Metodologia Científica
- Orientação de Monografia
- Supervisão de Estágio
- Teatro para Psicopedagogia e Arte-Terapia
- Técnicas em Artes Visuais

INBRAPEC/Instituto Brasileiro de Pós-Graduação e Educação Continuada

<http://www.inbrapec.com.br/cursos/curso.php?curso=19>

Coordenação

- Profa. Dra. **Sonia Maria Bufarah Tommasi**

Carga Horária Total - 360 horas

- 60h Atividades Complementares
- 80h Monografia

Duração – 18 meses

Local – São Paulo

Disciplinas

- Ética profissional
- Orientação monográfica
- Metodologia científica
- Terapias Expressivas
- Fundamentos da teoria junguiana
- Expressão plástica
- Cor e Sombra
- A linguagem simbólica
- A práxis da arte em terapia
- Linguagem Sonora
- Corpo e Movimento
- Atelier expressivo terapêutico educacional
- Atividades complementares extra classe

Instituto de Artes – UNESP

http://www.ia.unesp.br/pos/lato/int_pos_lato_at.php

Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo

Coordenação

- Profa. Dra. **Geralda Mendes Ferreira Silva Dalglish**

Vice-Coordenação

- Prof. Dr. **José Leonardo do Nascimento**

Carga Horária Total – 384 horas/aula

Duração – 3 semestres/18 meses

Local – São Paulo

Disciplinas

- Arte e Psicologia I e II
- Sonoridade e Ressonâncias
- Estética e História da Arte
- A Crítica de Arte e de Cultura no Brasil (século XX)
- Arte – Expressão – Educação - Psicoterapia
- Análise e Exercícios de Materiais Expressivos
- Arte e Deficiência. Introdução à Estética da Música Eletracústica
- A Mediação Arte/Público com necessidades especiais: fontes, fronteiras e horizontes
- Percepção e Escuta Musical
- Cerâmica: modelagem como terapia
- Corpo, Comunicação, Cultura

Instituto Sedes Sapientiae

<http://www.sedes.org.br/newsite/Cursos/EspecializaçãoeAperfeiçoamento/tabid/407/Default.aspx>

Coordenação Acadêmica – Dra. **Selma Ciornai** – AATESP 014/1203

Coordenação Geral – **Maria Alice do Val Barcelos** – AATESP 024/1203

Equipe docente – Ana Alice Francisquetti, Eloisa Quadros Fagali, Iraci Saviani, Leila Nazareth, Maria Alice do Val Barcellos, Maria de Betânia Paes Norgren, Mônica Guttmann, Neide Alessandra Maria R. Giordano, Regina Santos, Selma Ciornai, Tereza Cristina Pedroso Ajzenberg, Vera Maria Rossetti Ferretti, Walter Muller e **professores convidados**.

Carga Horária Total - 743 horas

A formação em Arteterapia no Brasil: contextualização e desafios. Textos do III Fórum Paulista de Arteterapia

- 671 horas teórico/prática
- 72 horas de *workshop*
- Mínimo de 120 horas de atividade prática supervisionada
- Orientação de trabalho de conclusão de curso

Duração – 2 anos e meio/30 meses

Local – São Paulo

Temas a serem desenvolvidos

- Introdução à Arteterapia;
- Postura terapêutica;
- Fundamentos psicológicos relevantes ao trabalho arteterapêutico (Abordagem Gestáltica e Junguiana);
- Arte terapia Gestáltica;
- Arte e Psicologia: relação entre processos criativos e processos terapêuticos;
- Ciclos de vida: criança, adolescente, adulto e terceira idade (Teoria e prática arteterapêutica);
- Arteterapia no contexto grupal e comunitário;
- Arteterapia em situações com maior comprometimento;
- Ateliê: trabalho plástico e corporal e outras linguagens expressivas;
- Atividade prática supervisionada;
- Metodologia Científica;
- Workshops vivenciais;
- Orientação de trabalho de conclusão de curso.

ISAL/Instituto Superior de Educação da América Latina

<http://www.isal.com.br/site/index.asp>

Coordenação

- Não consta no site

Carga Horária Total – 390 horas

Duração – meses

Local – São José dos Campos

Disciplinas

Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo

A formação em Arteterapia no Brasil: contextualização e desafios. Textos do III Fórum Paulista de Arteterapia

- Fundamentos da Arte-Terapia e Oficinas
- Arte e Psicologia
- História da Arte
- Literatura e Poesia
- Desenvolvimento da Criatividade
- Desenho, Pintura, Modelagem, Bonecos e Dramatização
- Psicomotricidade Preventiva, Geriátrica e Oficina
- Contos de Fadas e Histórias
- Brinquedoteca e Ludicidade
- Metodologia do Trabalho Científico
- Cenários de Vivências

NAPE /Núcleo de Arte e Educação

<http://www.napesicampos.com.br/especializacao-em-arteterapia-sjcampos.html>

Coordenação

- Artt. **Fabiola Gaspar** – AATESP 064/0706

Carga Horária Total – 520 horas

Duração – 20 semestres

Local – São José dos Campos

Disciplinas

- Fundamentos da Arteterapia
- Fundamentos da Arte
- Linguagens e Práticas em Arteterapia
- Fundamentos Psicológicos e Psico-sociais
- Ética e Postura Terapêutica
- Arteterapia e Saúde Mental. Psicopatologia. Psicossomática
- Didática e Produção Científica
- Estágio Supervisionado

PUC-SP/Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

<http://cogeae.pucsp.br/curso.php?cod=166207&uni=SP&tip=RE&le=L&ID=8>

Coordenação

Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo

- Profa. Dra. **Rosane Mantilla de Souza**

Carga Horária Total – 555 horas

- 360 horas de aula
- 90 horas de estágio
- 90 horas de supervisão
- 15 horas de orientação de monografia

Duração – 5 semestres

Local – São Paulo

Disciplinas/Módulos

- Introdução à Arteterapia
- Abordagem fenomenológico-existencial: reflexões sobre a prática terapêutica
- Vivência Criativa I
- Arteterapia Gestáltica
- Vivência Criativa II
- Processos de Desenvolvimento Individual e Familiar
- Prática Clínica em Arteterapia I
- Estágio Supervisionado
- Condições de Vulnerabilidade e Atendimento a Indivíduos com Necessidades Especiais
- Prática Clínica em Arteterapia II
- Estágio Supervisionado
- Prática Clínica em Arteterapia III
- Temas Epistemológicos e Metodológicos na Arteterapia
- Estágio Supervisionado
- Orientação de Monografia

São Paulo Master School

http://www.masterschool.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=123&Itemid=1

Coordenação

- Profa. Ms. **Rita de Cássia Mercedes Brunelli Barroso Linkeis**

Carga Horária Total – 520 horas

Duração – 18 meses

Local – São Paulo

UNIFIEO/Centro Universitário FIEO

http://www.fieo.br/v2/o_unifieo_pos/cursos-lato/psico-3.php

Coordenação

- Profa. Dra. **Márcia Siqueira de Andrade**

Carga Horária Total – 424 horas

- 384 horas em sala aula
- 30 horas de atendimento clínico de grupos
- 10 horas de supervisão clínica de grupos

Duração – 12 meses

Local – Osasco

Disciplinas

- Introdução à Arte Terapia
- Ciclos de Vida: criança, adolescente, adulto e terceira idade
- Compreensão e utilização da linguagem da forma e da linguagem simbólica
- A relação entre processos criativos e processos terapêuticos
- O Trabalho com grupos
- Ateliê: trabalho plástico e corporal e outras linguagens expressivas
- Estratégias para a aplicação de recursos artísticos e criativos em terapia
- Arte-Terapia: Contexto Terapêutico Institucional e Comunitário
- Laboratório de Sensibilidade
- Análise de Situações Psicossociais em Contexto de Trabalho Comunitário e a Transdisciplinaridade na Saúde
- Arte Terapia na reabilitação física e emocional de crianças e adultos com Comprometimento neurológico
- Metodologia de Projetos, Processos e Pesquisas em Arte-Terapia –

EAD - Ensino a Distância

UNIP/Universidade Paulista

http://www3.unip.br/ensino/pos_graduacao/latosensu/cursos.asp?StrInstituto=UNIP&CodCurso=125

Coordenação – Dra. **Patricia Pinna Barnardo** – AATESP 056/0905

Carga Horária Total – 360 horas

Duração – 1 ano

Local – São Paulo

Disciplinas Sistêmicas:

- Didática e Prática do Ensino Superior
- Arte e Psicologia – a Dimensão Simbólica
- Fundamentos da Arteterapia
- O Processo Criativo
- Expressão Corporal e Sonora-Musical

Disciplinas Específicas:

- Mitologia Criativa e Arteterapia
- Recursos Expressivos
- Supervisão de Atendimentos em Arteterapia
- Metodologia Científica

UNISA/ Universidade de Santo Amaro

<http://www.unisa.br/pos/psicologia/567019apr.html>

Coordenação

- Profa. Ms. **Flávia Lima**

Carga Horária Total – 400 horas

Duração – 12 meses

Local – São Paulo

Disciplinas

- Abordagem Junguiana com Grupos Terapêuticos
- Arte-terapia Gestáltica
- Prática da Pintura e Vivência das Cores
- Modelagem na Arte-terapia
- Máscaras e Subjetividade

- Vivências Corporais nas Atividades Plásticas
- Oficina de Leitura
- Metodologia Científica
- Arte-Terapia, Reabilitação, Pensamento Clínico
- Didática
- Estágio com supervisão clínica

UNIVEM/Centro Universitário Eurípides de Marília

<http://www.fundanet.br/cec/lato-sensu-detalhes.asp?id=233>

Coordenação

- Prof. Ms. **Reginaldo Arthus**

Carga Horária Total – 400 horas

Duração – 18 meses

Local – Marília

Disciplinas

- Tópicos Avançados em Arteterapia
- Oficinas de Arteterapia
- Fundamentos do Magistério Superior
- Trabalho de Conclusão de Curso

Conteúdos das disciplinas

- História da Arte e da Arteterapia; Aspectos Lúdicos e Criativos Em Arteterapia; Fundamentos da Arteterapia; Comunicação e Arteterapia; Psicologia e Arteterapia; Psicopedagogia e Arteterapia; Formas de Expressão Artística Bidimensional (Desenho); Formas de Expressão Artística Bidimensional (Pintura); Formas de Expressão Artística Bidimensional (Gravura); Formas de Expressão Artística Bidimensional (Composição Plástica); Formas de Expressão Artística Bidimensional (Tecelagem); Formas de Expressão Artística Tridimensional (Objetos Tridimensionais); Formas de Expressão Artística Tridimensional (Escultura); Formas de Expressão Artística Tridimensional (Modelagem Plástica); Organização Ambiental; Formas de Expressão Musical (Elementos de Musicalização); Formas de Expressão Musical

(Elementos de Musicoterapia); Formas de Expressão Corporal; Imagens e Formas De Expressão Virtual; Contos e Estórias; Recreação e Jogos; Metodologia Pesquisa Científica; Didática; Trabalho Conclusão Curso

USJT/Universidade São Judas Tadeu

http://www.usjt.br/prppg/lato/detalhe_curso.php?id_curso=33

Coordenação

- Profa. Dra. **Ana Maria M. Kiyan**

Carga Horária Total – 432 horas

Duração – 3 semestres

Local – São Paulo

Disciplinas

- A Linguagem Simbólica
- A Práxis da Arte em Terapia
- Arte e Deficiência
- Arte Sociedade e Cultura
- Didática do Ensino Superior e Prática de Magistério
- Expressão Plástica Tridimensional
- Fundamentos da Psicopatologia e Distúrbios de Aprendizagem
- Fundamentos da Teoria Junguiana
- O Corpo como Linguagem
- Percepção da Linguagem Sonora
- Psicoterapia e Arte
- Representação Artística no Plano

USM/Universidade São Marcos – Tatuapé

http://www.saomarcostatuaape.com.br/portal2/interna_tipo1.asp?cod=30

Coordenação

- Profa. Ms. **Rita de Cássia Mercedes Brunelli Barroso Linkeis**

Carga Horária Total – 520 horas

Duração – 18 meses

Local – São Paulo

Apontamentos

Observa-se, por meio dos dados expostos acerca dos cursos de Especialização em Arteterapia disponíveis no Estado de São Paulo cujas informações podem ser acessadas via internet, que nem todos os coordenadores são profissionais credenciados à AATESP, conforme indicado nas normas da UBAAT. Quanto à duração, nota-se uma variação entre 12 e 30 meses, com carga horária entre 360 horas até 743 horas. Há instituições que organizam seu currículo em disciplinas, enquanto outros estão estruturados em módulos/temas/áreas de formação.

De forma geral, há uma predominância da região da Grande São Paulo como localização dos cursos, com alguns situados em outras regiões do Estado de São Paulo, incluindo cidades como Campinas, Marília e São José dos Campos. Quanto às disciplinas há uma variedade na ênfase dada às disciplinas, com cursos que priorizam mais um aspecto enquanto outros focam mais outras informações.

Quanto aos referenciais teóricos, há uma ampla gama de cursos que pautam seus ensinamentos na Psicologia Analítica. Outros que baseiam-se na Gestalt-terapia, múltiplos cursos não apontam claramente se há uma orientação teórica que norteia a formação do profissional. Apenas um curso indica uma orientação teórica fundamentada na Psicanálise Winnicottiana.

Compreende-se que a multiplicidade de práticas/métodos/técnicas, de teorias, de objetivos é característica da Arteterapia, tal como já discutido pela AATESP no II Fórum Paulista de Arteterapia (AATESP, 2010), e ter cursos que contemplem esta riqueza é necessário. No entanto, pensa-se que a formação de um profissional da Arteterapia, apesar de poder ocorrer de diferentes maneiras, deve atentar para cada uma das pontas do triângulo da Arteterapia.

O arteterapeuta deve tanto ser um profissional com conhecimento de materiais e técnicas do campo das Artes Visuais. Deve, também, ser alguém com conhecimento sobre o homem, seu desenvolvimento, suas patologias, além de ser uma pessoa que conhece a si própria, que vivencia seu próprio processo terapêutico, de maneira que possa ofertar o melhor de si àqueles que

nele confiam suas dores, sofrimento, questionamentos, em busca de crescimento e saúde. Esperamos que esta apresentação sobre informações dos cursos de Especialização em Arteterapia possa orientar os interessados em sua procura por uma formação ética e fundamentada.

Referências

AATESP – Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo. **O que é arteterapia?** Disponível em: www.aatesp.com.br. Data de acesso: 01 de Dezembro de 2009.

AATESP – Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo. **Multifaces da Arteterapia:** Textos do II Fórum Paulista de Arteterapia. São Paulo: Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo, 2010.

ANDRIOLO, A. A psicologia da arte no olhar de Osório Cesar: leituras e escritos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 23, n. 4, p. 74-81, 2003.

ANDRIOLO, A. O método comparativo na origem da psicologia da arte. **Psicologia USP**, v. 17, n. 2, p. 43-57, 2006.

CANE, F. (1951) **The artist in each of us**. Edição revisada. Washington: Art Therapy Publications, 1983.

CARVALHO, R. L. G. O polimorfismo da arte de sonhar ser. **Revista Científica de Arteterapia Cores da Vida**, v. 3, n. 3, p. 5-17, 2006.

CATERINA, R. **Che cosa sono le Arti-Terapie**. Roma: Ed. Carocci, 2005.

FERRAZ, M. H. C. T. **Arte e loucura:** limites do imprevisível. São Paulo: Lemos Editorial, 1998.

HOGAN, S. The intellectual precursors of art therapy in Britain. Em: HOGAN, S. **Healing arts:** the history of art therapy. Londres: Jessica Kingsley Publishers, 2001. p. 21- 30

NAUMBURG, M. A arteterapia: seu escopo e sua função. Em: HAMMER, E. F. **Aplicações clínicas dos desenhos projetivos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1991. p. 388-392.

SEI, M. B. **Arteterapia com famílias e psicanálise winnicottiana: uma proposta de intervenção em instituição de atendimento à violência familiar**. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo

A formação em Arteterapia no Brasil: contextualização e desafios. Textos do III Fórum Paulista de Arteterapia de Concentração: Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2009.

A ética em arteterapia

Sandro Leite²

“[...] ser um artista e um bom ser humano não é suficiente para fazer de uma pessoa um bom arteterapeuta” (RUBIN, 1984).

Sendo a arteterapia uma área de estudos ainda muito nova, novos também são os questionamentos que se originam como fundantes de um compromisso com uma ética profissional que assegure a qualidade dos serviços prestados.

Na medida em que um grupo de profissionais se organiza, faz-se necessário refletir e estabelecer critérios válidos para o reconhecimento de uma identidade profissional aceita e respeitada pela sociedade. Nesse sentido, o tema da ética apresenta-se com um dos mais relevantes.

Nos fóruns organizados pela AATESP, o primeiro em dezembro de 2007 e os dois seguintes realizados no primeiro e segundo semestres de 2009, embora seguindo um rigor na seleção de profissionais e respectivos temas, faltou estabelecer normas para que os trabalhos ali apresentados cumprissem alguns requisitos básicos, como o asseguramento de que todas as imagens veiculadas, seja de trabalhos produzidos no contexto arteterapêutico, seja da exposição dos próprios sujeitos submetidos ao processo, estivessem devidamente autorizadas pelos próprios sujeitos e/ou instituições onde foram realizados os trabalhos.

Essa preocupação alerta para a preservação da privacidade daquele que procura por ajuda e, por isso, precisa ser respeitado em seus direitos. Em muitos casos aceita autorizar o profissional arteterapeuta para que o material coletado durante o processo (pinturas, desenhos, esculturas, entre outros), seja utilizado como recurso para a produção de material de pesquisa e divulgação

² Artista-Educador; Arteterapeuta (AATESP 023/1203); Mestrando em Psicologia Clínica (Estudos Junguianos) pela PUC-SP. Membro do Conselho Diretor da AATESP. Link para Currículo Lattes: lattes.cnpq.br/0243480357395951 E-mail: sandroleite@terra.com.br
Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo

em meios acadêmicos, seja em apresentações formais ou publicações especializadas.

No ano de 2006, com a fundação da UBAAT (União Brasileira das Associações de Arteterapia), deu-se um passo importante para a consolidação de diretrizes que foram amplamente discutidas em nível nacional pelas várias associações que a constitui, com o intuito de orientar e zelar pelos fazeres dos profissionais arteterapeutas. O código de ética do arteterapeuta, aprovado em 21 de abril de 2008, foi um desses marcos, de onde se extrai o trecho abaixo:

CAPÍTULO II

RESPONSABILIDADES

SESSÃO I - PARA COM O CLIENTE:

A saúde e o bem estar do cliente são os principais objetivos do arteterapeuta. No atendimento a seus clientes, o arteterapeuta deve:

Art. 6 - Respeitar seus direitos e sua dignidade e, em todas as circunstâncias, atuar em seu benefício;

[...]

Art. 13 - Proteger o caráter confidencial das informações a respeito do cliente, registradas ou produzidas por diversos meios (áudio, vídeo, textos, imagens plásticas, etc.). A divulgação com fins científicos será condicionada à autorização prévia do cliente ou seu responsável, sempre que identifique o cliente.

Esse compromisso com o caráter confidencial das informações deve pautar as ações de todas as terapias. No entanto, em especial na arteterapia, grande parte do material produzido se traduz em imagens, o que determina que o cuidado deve ser ainda maior, pois segundo um dizer popular: uma imagem vale por mil palavras.

Judith Rubin (1984), uma importante arteterapeuta americana, elenca três itens fundamentais a se pensar, que são: *o que o arteterapeuta precisa saber, em que precisa acreditar e quem precisa ser*. Sobre o primeiro item, discorre sobre a arteterapia como disciplina híbrida e, por isso, complexa, o que se aproxima sobremaneira do paradigma atual, voltado à complexidade. Elenca similaridades superficiais como a recreação e terapia ocupacional, e similaridades profundas como a arte e terapias criativas (música, movimento, dança, poesia, fototerapia). Entende que o diferencial da arteterapia está na

criação, enquanto outros profissionais utilizam a arte somente como ferramenta adjunta.

No item em que discorre sobre *o que o arteterapeuta deve acreditar*, estão: acreditar na arteterapia e em sua efetividade, acreditar que o ser humano *necessita*, tem o *direito e habilidade* para se expressar criativamente e, finalmente, acreditar que a arte pode ajudar no desenvolvimento humano.

Já no que se refere ao *quem o arteterapeuta precisa ser*, discorre sobre a qualidade de um pensamento criativo que abarca as seguintes características: fluência, flexibilidade, originalidade, habilidade para lidar com riscos e tolerar ambiguidade. Também declara que é de fundamental importância que tenha exercitado o processo criativo antes de o fazer com o outro, pois agindo assim terá se conhecido melhor e estará apto a perceber as limitações do processo criativo daqueles com quem vier a trabalhar.

Rubin entende “que um arteterapeuta efetivo é uma pessoa que aceita o desafio de utilizar seu pensamento criativo em prol da atividade terapêutica”, além de qualificar-se como profissional capaz de lidar com resistências e estados inibitórios, ser genuíno e comportar-se como um ser humano real, bem como estar em processo de terapia.

O conjunto dessas qualidades ajuda a delimitar a identidade profissional do arteterapeuta, levando-se em consideração, em primeira instância, um ser e fazer éticos. É por isso que essa breve explanação tem por objetivo alertar para o cuidado que se deve ter com todo tipo de material coletado e a ser veiculado publicamente. Principalmente porque também faz parte do código de ética duas sessões que discorrem sobre as punições ao não cumprimento deste:

CAPÍTULO IV

CUMPRIMENTO DO CÓDIGO

Art. 35 - É dever de todo arteterapeuta conhecer, cumprir e fazer cumprir o presente código;

Art. 36 - Compete à Comissão de Ética formada por arteterapeutas idôneos analisar denúncias apresentadas por arteterapeutas, clientes, instituições e outros profissionais, relativas ou não ao cumprimento do presente código;

Art. 37 - A Comissão de Ética, após ouvir as partes envolvidas, avaliará se houve infração do código.

[...]

CAPÍTULO V
MEDIDAS DISCIPLINARES

Art. 38 - Serão aplicadas pelo Conselho Diretor da Associação Estadual de Arteterapia por recomendação da Comissão de Ética as seguintes medidas:

- 1 - advertência sigilosa;
- 2 - advertência pública;
- 3 - suspensão dos direitos de associado;
- 4 - desligamento da associação Estadual de Arteterapia.

Referências

CÓDIGO DE ÉTICA DOS ARTETERAPEUTAS (Disponível em:
www.aatesp.com.br, www.ubaat.org)

RUBIN, Judith Aron. **The art of art therapy**. New York: Brunner/Mazel, 1984.

A pesquisa científica em arteterapia no Brasil: estado da arte^{3,4}

Cristina Dias Allessandrini⁵

Resumo

Este artigo descreve a pesquisa científica realizada em diferentes áreas de conhecimento, com foco na Arteterapia, em cada região brasileira, iniciada em nome da AATESP – Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo. Compila trabalhos escritos por arteterapeutas brasileiros, nos diferentes campos de atuação em que a arte está presente no contexto terapêutico e, portanto, arteterapêutico. Inicialmente reuniu-se trabalhos científicos realizados por arteterapeutas, em pós-graduação *strito sensu*: Mestrado e Doutorado. Ampliou-se para a produção em *lato sensu* em Arteterapia, em cursos de formação e especialização que seguem as normas do MEC e estão autorizados pelas Associações Regionais de Arteterapia, por cumprirem as normas e diretrizes estabelecidas pela UBAAT– União Brasileira de Associações de Arteterapia. Objetiva-se mapear a produção científica em arteterapia e criar um banco de dados, a ser encaminhado à UBAAT. As principais premissas desta pesquisa são: nível de formação, autor, título, área de conhecimento, orientador(es), palavras-chave, ano, instituição, cidade e região. Nos textos de mestrado, doutorado e pós-doc, solicitou-se uma breve descrição de como a arteterapia faz parte da pesquisa (Allessandrini, 2009). Nos textos monográficos, priorizou-se os textos produzidos por arteterapeutas em sua especialização, ou em especializações em áreas afim, mas que abarcassem a arteterapia como área de conhecimento. Para a catalogação das informações recebidas, definiram-se as ‘grandes áreas’: Arterpsicoterapia;

³ Obrigado a Dra. e Artt. Máira Bonafé Sei pela leitura crítica do Resumo, assim como por sua contribuição para delimitar a área Arterpsicoterapia.

⁴ Este texto foi revisto pela Artt. Margaret Rose Bateman Pela, a quem agradeço a preciosa contribuição para sua coesão textual.

⁵ Psicóloga Clínica, Arte Educadora, Arteterapeuta (AATESP 015/1203) e Psicopedagoga há 22 anos. Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela USP. Escritora. Fundadora e coordenadora do Alquim Art, SP. Pesquisadora da UnP e do LaPp – IPUSP. Membro da Diretoria da AATESP/SP e sua representante no Conselho Diretor da UBAAT. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2344992227202259> E-mail: allessandrini@uol.com.br

Atelier Terapêutico, Educação e Criatividade; Promoção da Saúde, Resgate da Saúde e Metodologia/ Pesquisa. Em se considerando o Público Alvo, decidiu-se por diferenciar a partir dos ciclos de vida: criança, adolescente, adulto, terceira idade, diferentes ciclos de vida e independente o ciclo de vida. A metodologia de coleta de dados foi de pesquisa bibliográfica. Definiu-se um estudo "estado da arte" por permitir sistematizar a produção científica em Arteterapia, montar uma rede com a produção existente, identificar temas e abordagens, com análise de dados a partir do viés quantitativo e qualitativo.

Palavras-chave: arteterapia no Brasil - base de dados – pesquisa científica

Introdução

Pesquisar implica em construir conhecimento. A teoria que explicita a prática permite que o conhecimento presente no fazer em si possa vir a ser partilhado, pois, de certa forma, passa a ser compreendido sob diferentes aspectos de sua própria natureza. Ou seja, como apresenta Macedo (2006), “fazer pesquisa é se relacionar com o desconhecido”, pois há uma questão a ser compreendida e “é não saber a resposta daquilo que se procura. Por isso a arte de pesquisar é a arte de fazer perguntas. É a arte de buscar no desconhecido uma brecha para a construção de novos conhecimentos, mesmo sem saber que resultados isso trará.”

Pesquisar tem a ver com “procurar com aplicação, com diligência”, “tomar informações a respeito de” (Houaiss, 2009) um assunto de interesse. Em nosso caso, em Arteterapia.

Quando o arteterapeuta realiza um trabalho, acompanha as diferentes etapas de seu procedimento e a evolução do processo em si, pode ter consciência do que ocorreu sob o ponto de vista da experiência em si e também a partir de uma vertente teórica.

Relacionar teoria com prática e chegar à compreensão da práxis arteterapêutica permite que um trabalho possa ganhar um novo lugar no mundo da ciência: ele passa a ser compartilhável e, portanto, deixa de ser de domínio de apenas uma pessoa, para poder ser também compreendido por outros que partilham de interesses semelhantes.

É nesse sentido que os textos escritos sobre arteterapia são relevantes: eles traduzem idéias e práticas, por vezes já bastante conhecidas no cotidiano brasileiro, mas que passam a ser reconhecidas dentro de um enquadre científico.

O que quer dizer científico? Talvez, para algumas pessoas menos preocupadas com a grande aventura que é a construção do conhecimento científico, este fato passe despercebido. Entretanto, quando um trabalho ocorre aqui e ali, em outro lugar também, e em outro, e outro... Ou seja, ele se repete em sua forma ou em seu princípio, mas difere em seu conteúdo e em seu 'desenho', pode-se dizer que ele tem regularidades que merecem ser melhor estudadas.

Pesquisar se relaciona com o 'corpo de conhecimentos' que se aplica à ciência com objetividade, de acordo com métodos e leis. Revela rigor científico e "tem ou parece ter fundamentos precisos, metodológicos como os da ciência" (Houaiss, 2009). A inquietação do pesquisador em tornar texto o que é prática, em enveredar pelos caminhos do pensamento e da alma humana, em compreender algo que é de seu interesse, representa a 'chave' que move a ciência humana, pautada por fenômenos vivenciados pelas pessoas e passíveis de serem investigados dentro do paradigma da ciência.

Neste enquadre, a Arteterapia vem se constituindo como corpo de conhecimento e pode, atualmente, reunir os textos científicos produzidos que convergem, mesmo que partindo de distintas origens, para a Arteterapia.

Fazer ciência implica em desenvolver um "conhecimento atento e aprofundado de algo", que traduz uma noção precisa, a consciência de um "conhecimento amplo adquirido via reflexão ou experiência". Um "corpo de conhecimentos sistematizados adquiridos via observação, identificação, pesquisa e explicação de determinadas categorias de fenômenos e fatos, e formulados metódica e racionalmente". Enfim, descreve uma "atividade, disciplina ou estudo voltado para um ramo do conhecimento". (Houaiss, 2009).

De acordo com Cunha, a palavra conhecimento se relaciona com "saber e informação" (1991, p. 182), tem origem na palavra latina *Scientia* que, para Saraiva significa "conhecimento, saber" como também "arte, habilidade,

prenda”. Tem a ver com aquele “que sabe, que está informado” e “que faz com conhecimento de causa, que faz de caso pensado”. Interessante observar que fazer ciência é ter sapiência sobre o que se estuda! (1993, p. 1070)

Já Lalande descreve ciência como “o que dirige a conduta de maneira conveniente como faria um conhecimento claro e verdadeiro”, com “destreza e técnica”, e “conhecimento da profissão”. Refere o “conjunto de conhecimentos e de investigações com um suficiente grau de unidade, de generalidade” que permitem aos homens chegarem a conclusões a partir de “relações objetivas que se descobrem gradualmente e que se confirmam através de verificação.” (1993, p. 154-155). Interessante observar que o conceito inerente à ciência está em co-relação com a profissão.

Como bem explica Piaget⁶, “para las ciencias, no hay un conocimiento en general y ni siquiera un conocimiento a secas. Existen múltiples formas de conocimientos, y cada una presenta una cantidad indefinida de problemas particulares” (1950, p.30). A problemática à nossa frente implica em explicitar as múltiplas maneiras da Arteterapia se fazer presente em suas diferentes formas e dentro das abordagens teóricas que a dignificam como ciência.

O estado da arte da produção científica brasileira sobre arteterapia

Diante destas questões, a AATESP – Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo – iniciou o trabalho de compilar Mestrados, Doutorados, Pós-Doutorados, assim como a produção científica em cursos de Pós-Graduação *lato sensu*, Especialização e programas de Iniciação Científica produzidos por arteterapeutas brasileiros.

Ferreira (2002) aponta a relevância de pesquisas desta natureza, denominadas como ‘estado da arte’. Explica: “Definidas como de caráter bibliográfico, elas parecem trazer em comum o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento” (p.

⁶ Tradução nossa: “para as ciências, não há um conhecimento em geral nem sequer um conhecimento *a secas*. Existem múltiplas formas de conhecimento, e cada uma apresenta uma quantidade indefinida de problemas particulares” (Piaget, 1950, p. 30).

257). Em nosso caso, a Arteterapia. A autora indaga sobre “o que move estes pesquisadores?” e responde que

a sensação que parece invadir esses pesquisadores é a do não conhecimento acerca da totalidade de estudos e pesquisas em determinada área de conhecimento que apresenta crescimento tanto quantitativo quanto qualitativo. (p. 258-259).

Sem dúvida, a pergunta a ser feita por cada arteterapeuta, é sobre esta gama de textos e pesquisas produzidas em dissertações de mestrado, teses de doutorado e pós-doutorado, assim como em monografias além de outras publicações reconhecidamente científicas como anais de congressos, artigos científicos, livros, e artigos publicados em periódicos sobre a Arteterapia.

Vale dizer que, por vezes, a Arteterapia está presente como foco principal, e por vezes, como foco secundário. Afinal, esta é uma área de conhecimento que abarca outras áreas e pode se configurar tanto como ‘figura’ quanto como ‘fundo’, trazendo aqui um olhar gestáltico sobre este fato.

Inicialmente, focalizou-se tanto as dissertações e teses, em programas de Mestrado e Doutorado – *stricto sensu* – que tiveram como tema principal a Arteterapia, como as que tiveram “a arteterapia como foco coadjuvante ou secundário” (Allessandrini, 2009, p. 465). Posteriormente a pesquisa ampliou-se para programas de formação de arteterapeutas que, na etapa final de sua especialização, desenvolvem um trabalho escrito onde definem um objeto de estudo de seu interesse e elaboram uma Monografia ou Trabalho de Conclusão de Curso, denominada produção em *lato sensu*.

Para melhor compreensão deste trabalho, ressalta-se que a produção em pós-graduação *stricto sensu* é relevante para o cenário brasileiro. *Stricto sensu* se relaciona com “restrito, preciso, rigoroso”, “acurado, exato, literal”, ou seja, “que segue de modo rigoroso determinado padrão, modelo, norma, princípio etc.” dentro do modelo científico (Houaiss, 2009).

Há também uma produção consistente de trabalhos em programas pós-graduação *lato sensu*. *Lato sensu* significa “de grande amplitude; não restrito; largo, extenso, extensivo” (Houaiss, 2009) por receber as idéias originais de

seus autores, dentro de um modelo científico, mas com uma certa dose de liberdade para criar o texto científico à luz do modelo acadêmico. São as monografias e trabalhos de conclusão de curso (TCCs) produzidos especialmente nos cursos de arteterapia.

A escolha que direciona esta pesquisa tem um “caráter inventariante” (Ferreira, 2002, p. 257), com um início de aprofundamento quanto à temática trabalhada, uma vez que a coleta de dados também abarca as Palavras-Chave presentes nos Resumos dos textos relacionados no Banco de Dados de Textos Científicos em Arteterapia.

Torna-se relevante explicitar que a produção científica também ocorre por meio de livros e artigos publicados em revistas da área. Esta compilação está em andamento – como extensão ao trabalho que está sendo apresentado neste artigo – e será objeto de publicação futura.

Para realizar trabalho de tal magnitude, foi fundamental a colaboração efetiva da Diretoria da UBAAT – União Brasileira de Associações de Arteterapia para a coleta dos dados aqui apresentados, assim como dos Coordenadores dos cursos de Arteterapia oriundos de diversos estados brasileiros que se disponibilizaram em organizar e enviar as informações solicitadas para que fizessem parte de uma grande base de dados brasileira. Esta pesquisa será entregue à UBAAT e será – oportunamente – disponibilizada em seu site.

Este é o primeiro banco de dados de trabalhos acadêmicos sobre Arteterapia realizados por arteterapeutas brasileiros. A maioria deles foi desenvolvida em Universidades Brasileiras. Assim, arteterapeutas já formados ou em formação podem ter acesso e informação sobre trabalhos já realizados na área, o que se traduz em reconhecimento público da Arteterapia no contexto científico.

Como aponta Haddad (2000),

os estudos de tipo estado da arte permitem, num recorte temporal definido, sistematizar um determinado campo de conhecimento, reconhecer os principais resultados da investigação, identificar temáticas e abordagens dominantes e emergentes, bem como lacunas e campos inexplorados abertos à pesquisa futura. (p. 4)

Portanto, pesquisar sobre o estado da arte da pesquisa brasileira em Arteterapia pode nos dar uma imagem de como está esta área de conhecimento: que tipo de público tem sido beneficiado com estudos mais aprofundados, que faixa etária, em qual área específica, onde este estudo foi desenvolvido e está ou não disponibilizado ao público. Ou seja, observa-se uma identidade própria da Arteterapia, passível de ser associada à diversas áreas da Saúde e Educação.

A pesquisa

As principais premissas desta pesquisa: autor, título, área de conhecimento, orientador(es), palavras-chave, ano, instituição, cidade e região. Nos textos de mestrado e doutorado e pós-doc, solicitou-se uma breve descrição de como a arteterapia faz parte da pesquisa. Nos textos monográficos, priorizou-se os textos produzidos por arteterapeutas em sua especialização, ou em especializações em áreas afins, mas que abarcavam a área de conhecimento que é a arteterapia.

Este é um 'trabalho de formiga' tecido a muitas mãos, com a ajuda de coordenadores de cursos de arteterapia, assim como de orientadores de monografias que se dispõem a nos encaminhar os dados para que possam ser inseridos na planilha especialmente preparada para este fim.

O objetivo é criar uma rede de informações para arteterapeutas brasileiros, que poderão saber "quem escreveu sobre o que, e onde" (Allessandrini, 2009, p. 467). A hipótese de pesquisa que permeia este trabalho é que há um número relevante de trabalhos científicos relacionados à arteterapia. Foram desenvolvidos em diferentes áreas de conhecimento, têm fundamentação teórica específica e expressam práticas distintas a partir de pressupostos teóricos, sempre com a arte e o criativo como elemento essencial para direcionar a ação terapêutica, com vistas ao desenvolvimento saudável do ser humano, dentro de suas singularidades.

Priorizou-se os trabalhos escritos por arteterapeutas brasileiros, nos diferentes campos de atuação em que a arte está presente no contexto terapêutico e, portanto, arteterapêutico.

A metodologia de coleta de dados foi de pesquisa bibliográfica. A catalogação das informações recebidas vem ao encontro do que Ferreira descreve em relação a “catálogos como fonte documental”. A autora ressalta que

esses pesquisadores tomam como fontes básicas de referência para realizar o levantamento dos dados e suas análises, principalmente, os catálogos de faculdades, institutos, universidades, associações nacionais e órgãos de fomento da pesquisa. (2002, p.259).

Por vezes os colaboradores desta pesquisa foram em busca das informações nas bibliotecas das instituições onde atuam ou têm alguma ligação acadêmica, para poderem levantar as informações solicitadas. Diante do material encontrado, se depararam com a não existência de resumo ou das palavras-chave e os *key-words*. Quando isto ocorreu, alguns colegas procederam à leitura dos resumos das monografias, para extrair três palavras-chave, e depois traduzi-las para a língua inglesa. Se não era possível o acesso aos resumos, solicitou-se aos orientadores que nos auxiliassem. Esta etapa da pesquisa está em andamento.

Pouco a pouco reuniu-se e compilou-se os dados. Por vezes, o acesso à Plataforma Lattes foi fonte de informação por apresentar a produção científica de pesquisadores docentes e orientadores em cursos de Especialização em Arteterapia, pós-graduação *lato sensu* ou não. Foi feito um levantamento do Lattes dos colegas, retirou-se as informações, organizando-as em uma planilha que foi enviada a cada professor orientador para que a conferisse, além de inserir as palavras-chave relativas a cada texto orientado.

O trabalho se torna bem instigante ao acompanhar o crescimento da listagem, e a presença de temas semelhantes, mas diferentes em suas especificidades, que emergem na composição da tabela onde inseriu-se as informações. Em diferentes lugares do Brasil, arteterapeutas pararam e

pensaram sobre como trabalhar com crianças com problemáticas distintas, adolescentes em desenvolvimento, adultos com ou sem problemáticas mais específicas, pessoas longevas que buscam qualidade de vida, apenas para citar algumas das áreas de atuação observadas.

Um trabalho hercúleo está em processo, trilhado a cada palavra escrita, a cada título e autor com seu respectivo orientador, a cada instituição que tem o carinho de nos enviar as informações, a cada colega que nos escreve e diz: envio aqui os dados de mais um texto... É um privilégio trabalhar nesta construção.

Categorias de compilação dos dados

Diante do recebido, foi possível delimitar as áreas de atuação em que os trabalhos foram desenvolvidos. Inicialmente, diferenciou-se duas grandes áreas: Ciências Humanas e Ciências da Saúde, “para iniciar a compilação do material coletado até o presente momento”. (Allessandrini, 2009, p. 466).

Entretanto, observou-se ser necessário levantar categorias mais abrangentes, de modo a permitir a melhor organização do material coletado. Esta escolha foi realizada em reunião da Diretoria da AATESP – Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo. Definiram-se as áreas: Artepsicoterapia; Atelier Terapêutico, Educação e Criatividade; Promoção da Saúde, Resgate da Saúde e Metodologia/ Pesquisa. Em se considerando o Público Alvo, definiu-se por diferenciar a partir dos ciclos de vida: criança, adolescente, adulto, terceira idade, diferentes ciclos de vida e independente o ciclo de vida.

O ciclo de vida criança abarca desde a criança em sua infância precoce até por volta de 10 a 11 anos. A adolescência contempla a faixa etária de 11 a 12 anos até os 18 ou 19 anos. Para a idade adulta, há trabalhos com grupo de 20 anos até por volta dos 59 anos. Para a terceira idade, há pesquisas feitas com pessoas de 60 até 95 anos. Quem determina a inserção em um grupo ou outro é o autor, na descrição que faz de sua pesquisa.

Quando a investigação ocorreu com grupos de diferentes faixas etárias, considerou-se que diferentes ciclos de vida foram contemplados com o processo arteterapêutico. Assim ocorre com projetos desenvolvidos com

famílias, avós e netos, alunos e professores, por exemplo. Quando um trabalho teve como objeto de estudo o desenvolvimento de metodologia de trabalho, considerou-se que este poderá ser replicável a partir da proposta desenvolvida, daí primar para a opção independente o ciclo de vida, que significa, pode ser utilizado em todos os ciclos de vida, ou de acordo com a necessidade do grupo em processo arteterapêutico. Ressalta-se que, neste caso, a metodologia de pesquisa referenda a escolha desta categoria.

As reflexões a seguir estão pautadas nestes eixos temáticos. Propõe analisar e discutir o estado da arte da produção científica brasileira realizada em diferentes contextos e instâncias de pesquisa: mestrados, doutorados, pós-doutorado, especialização, pós-graduação *lato sensu* e iniciação científica. É relevante ressaltar que a produção em especialização, pós-graduação *lato sensu* é significativamente maior, uma vez que esta é a modalidade de formação do profissional arteterapeuta no Brasil.

Os mestrados foram desenvolvidos principalmente no decorrer dos últimos quinze anos e o número de doutorados vem aumentando consideravelmente. É interessante apontar que há três trabalhos escritos na década de 80, oito na década de 90 e o restante a partir de 2000, quando foram escritos setenta e dois textos em pós-graduação *stricto sensu* (mestrados, doutorados, pós-doc).

As cinco Grandes Áreas da produção científica

A seguir, a delimitação de cada Grande Área de conhecimento definida para se estabelecer a catalogação dos dados recebidos.

A área **Atelier Terapêutico, Educação e Criatividade** abarca textos relacionados ao uso de materiais e técnicas, reflexões sobre a sua pertinência no decorrer do atelier arteterapêutico, assim como os resultados observados e encontrados. Compila os trabalhos realizados em Educação e aqueles com foco principal nos processos criativos. Pesquisas relacionadas a Atelier Terapêutico se referem ao trabalho que prima pela experiência prática, à luz de teorias de educação, psicologia ou psicopedagogia. Por vezes, traduzem experiências inovadoras que alcançaram resultado diferenciado, por vezes,

descrevem experiências pontuais em determinado contexto e grupo, ou então, narram o viés terapêutico do trabalho com grupos em ambiente educacional. Predominantemente, parece que arte-educadores e artistas plásticos, ou arteterapeutas que tinham uma formação de base ligada à Educação ou à Psicopedagogia escolhem desenvolver sua pesquisa nesta direção.

De certa forma, observa-se que este fato também ocorre no que se refere ao elemento criativo e à criatividade em si. Allessandrini aponta que “o elemento criativo emerge na articulação entre meios e fins, em um ir e vir de coordenações adequadas” diante de problemáticas vivenciadas. Acrescenta que “a mente vibra na construção do que pode ser a(s) resposta(s), como em um diálogo intermitente que provoca uma erupção criadora.” (2004, p. 332)

O criativo emerge como algo inusitado e é, dentro de um enfoque arteterapêutico, transformador. Este aspecto é essencial para caracterizar o trabalho arteterapêutico. Afinal, “o homem abre sua mente em direção à possibilidade, aberta em sua essência, de que algo surja [e] mantém a continuidade do desejo de criar.” O processo que se constitui em atelier arteterapêutico é único, por ser um espaço de possibilidades onde o sujeito “disponibiliza sua energia psíquica para que se constitua uma nova forma, um novo contorno.” Algo se faz presente no desenho, na pintura, na palavra. “A partir de então, idéias evocam imagens. A representação catalisa o desejo de criar. E assim, o projeto se constrói, permeado de intenção e sentido, manifestando a ação inconsciente e criadora.” (Allessandrini, 2004, p. 337).

Kneller, citado por Allessandrini (2004, p. 55), descreve que os processos criativos representam "um dos raros pontos de encontro da ciência e da arte." Acrescenta: que "os educadores ajuntem à sua tarefa uma terceira dimensão, que é a de cultivar a criatividade humana em seu mais apurado sentido." (1987). Afinal,

Em tempos de grandes transformações, como o que vivemos hoje, é natural que o ato criador seja objeto de estudo das ciências.

O mundo, em constante mudança, convida o homem a evocar seu potencial criativo em situações pessoais e profissionais de vida. As dimensões de tempo e de

espaço, hoje, demandam uma agilização dos movimentos mentais para uma atualização contínua de seus esquemas de compreensão e elaboração de conteúdos, os quais dinamizam as relações entre o homem e todas as formas de vida. (Allessandrini, 2004, p. 51)

É relevante trazer que muitos textos produzidos com este enfoque tiveram sua origem na prática de estágio do arteterapeuta em formação que, envolvido com seu trabalho, pôde tornar texto suas percepções e elaborar estudos investigativos. Há trabalhos relacionados à Educação, Psicopedagogia, Atelier Terapêutico, Criatividade, Artes Plásticas, Artes Visuais, Dança, Música, Teatro, Antropologia, História da Arte, Sociologia, que no início da pesquisa considerados como ligados às Ciências Humanas.

A área **Artepsicoterapia** contempla a produção em que a arte promove desenvolvimento psíquico e prima por pesquisas realizadas por psicólogos que reconhecem o valor terapêutico da experiência criativa e artística no tratamento de doenças e problemas psíquicos, assim como no desenvolvimento saudável do indivíduo. Pode ocorrer em diferentes momentos do ciclo de vida e relaciona o conhecimento do aspecto psicológico com a saúde psíquica da pessoa em processo arteterapêutico.

Para melhor delimitar esta área de atuação da Arteterapia, é relevante a compreensão de Sei, que cita Hogan (2001), e explica que em Artepsicoterapia se “ênfatiza a importância da análise verbal do material produzido nas sessões, com situações em que a produção se torna algo adicional à psicoterapia verbal”, também cita Saunders e Saunders (2000) quando descreve seus benefícios: “auxilia a pessoa a tornar-se mais comunicativa acerca de seus sentimentos, com menor propensão a internalizá-los de maneira não saudável ou a atuá-los de forma destrutiva, com impacto positivo na vida”. Ou seja, observa-se que o processo de Artepsicoterapia propicia melhora efetiva na qualidade de vida das pessoas. (2009, p. 17-18).

O trabalho arteterapêutico que ocorre em **Saúde** – além daquele em Artepsicoterapia –, por objetivar um “estado de boa disposição física e psíquica; bem-estar” (Houaiss, 2009), pode ocorrer sob dois pontos de vista: aquele que a tem e deseja preservar o estado de equilíbrio dinâmico entre seu

organismo e o ambiente e aquele que, por algum motivo, a perdeu e precisa melhorar ou curar os sintomas que apresenta, manifestação do equilíbrio psicofísico. Em ambas situações, as “características estruturais e funcionais do organismo dentro dos limites normais para sua forma de vida e para a sua fase do ciclo vital” (Houaiss, 2009) são elementos fundamentais para a escolha de procedimentos de intervenção adequados às pessoas em questão.

Os textos relacionados às Ciências da Saúde foram direcionados a duas grandes vertentes: da prevenção, agrupados em Promoção da Saúde, e da reparação, agrupados em Resgate da Saúde. Em uma análise mais detalhada, há temas relacionados à saúde-doença, com o foco em Psicologia, Educação, Psiquiatria, Gerontologia, Oncologia, Medicina, Artepsicoterapia, Terapia Ocupacional, Nutrição, assim como no tratamento de doenças degenerativas, psicossomáticas e na Reabilitação.

A área **Promoção da Saúde**, “definida como o processo de capacitação da comunidade para atuar na melhoria da sua qualidade de vida e saúde” converge com “um novo enfoque e uma ampliação do conceito de saúde” (Bydlowski, 2002, p. 14). Neste enquadre, ressaltam-se ações que “indicam um caminho para a melhoria das condições de saúde e de vida da população e que se apóiam no exercício da cidadania!” (ibidem, p. 18).

Buss ressalta a importância de se partir de uma visão mais ampla “do processo saúde-doença e de seus determinantes”, de modo que se faça a “articulação de saberes técnicos e populares, e a mobilização de recursos institucionais e comunitários, públicos e privados, para seu enfrentamento e resolução.” (2000, p. 165). A Arteterapia representa importante caminho nesta direção.

Valladares (2008) destaca o valor da Arteterapia na “promoção da saúde mental e prevenção de danos”, aponta que “utilização das artes, no âmbito da saúde mental, proporciona mudanças de atitudes e de comportamento, aspectos que, vividos positivamente com os clientes, promovem melhoria na sua qualidade de vida” (p.81).

E ressalta que a Arteterapia,

favorece a promoção da saúde mental, pois parte da investigação e do entendimento do simbolismo individual sem perder a dimensão social e imaginária que a arte transmite pelos sinais e sintomas culturais, os quais relacionam o indivíduo à coletividade. (apud Zimmermann, 1997, p.198).

Ou seja, em Promoção da Saúde se trabalha com prevenção, em uma relação do sujeito com a ambiência que o rodeia e com sua atitude diante da vida, como um ser bio-psico-social.

A área **Resgate da Saúde** atende aos princípios do Ministério da Saúde brasileiro em vistas ao resgate dos fundamentos básicos que norteiam as práticas de saúde. Compreende os sujeitos como ativos e protagonistas da construção de sua própria saúde físico-psíquica. Aquele que perdeu algo e precisa resgatar em sua saúde integral, pode se beneficiar do trabalho arteterapêutico, complementar a outras ações em saúde. Seu resultado tem sido demonstrado em diferentes instâncias de atuação, com distintos públicos nos mais diversos momentos de seu ciclo vital.

Neste sentido, observa-se a “construção de redes solidárias e interativas, participativas e protagonistas” (Brasil, 2010) em uma “política pública de saúde que visa à integralidade, à universalidade, ao aumento da equidade e à incorporação de novas tecnologias e especialização dos saberes” (Brasil, 2010). A Arteterapia tem encontrado espaço de ação neste enquadre, com a efetivação de concursos públicos em algumas cidades brasileiras. Ocorre, assim, o “fortalecimento de trabalho em equipe multiprofissional, fomentando a transversalidade e a grupalidade” (Brasil, 2010).

Valladares (2008, p.125) aponta que “a Arteterapia, mais que uma profissão, é um compromisso com a vida, é o resgate da saúde pela liberdade de expressão” (apud Osório, 1997) e “acrescenta que a arte é a forma apropriada para desenvolver na criança a independência, a curiosidade, a imaginação, a criatividade, a iniciativa e a liberdade” (apud Francisquetti, 2005).

Ou seja, em Resgate da Saúde há algo que foi ‘perdido’ e pode ser retomado, resgatado, por meio de um processo de intervenção arteterapêutico, dentro de suas possibilidades, mas com resultados significantes.

A área **Metodologia/ Pesquisa**, inicialmente denominada como Produção Científica (Allessandrini, 2009), abarca toda a produção *strictu sensu*, assim como os textos de investigação e estudo, segundo métodos específicos delimitados de acordo com o “corpo de regras e diligências estabelecidas para realizar uma pesquisa” (Houaiss, 2009). Implica em “conjunto de atividades que têm por finalidade a descoberta de novos conhecimentos no domínio científico” a partir de “investigação ou indagação minuciosa” por parte do investigador. (Houaiss, 2009).

Observam-se textos consistentes e desenvolvidos dentro de todo o modelo da ciência, em que a construção e o desenvolvimento de conceitos científicos é foco. Parece que a pesquisa qualitativa está mais presente, com trabalhos como os que primam pela análise de conteúdo (Bardin, 1977) ou pelo estudo de caso único ou estudo de múltiplos casos (Yin, 2003). A linha metodológica de pesquisa é própria de cada trabalho e reporta à universidade onde foi desenvolvido.

O que parece relevante é perceber que o paradigma indiciário, conforme proposto por Ginzburg (1986) mantém-se fundamental para a elaboração de textos de referência. Vale lembrar que a psicanálise também se constituiu a partir da percepção de Freud de que é no detalhe que se pode encontrar indícios observáveis a serem investigados.

Como explica Macedo (2006), ao fazer ciência a evolução do processo se nota, porque algo ocorre, se transforma e se diferencia. Pode-se observar o que se diferencia comparando. Ao comparar pode-se estabelecer as relações diferentes. Acrescenta que “pesquisar é discernir as informações que já se sabe com aquelas que o desconhecido apresenta. É comparar, é criar. Para isso se torna imprescindível que o Método seja claro e preciso.” Conclui ao ressaltar que o “método funciona como um mapeamento, um sistema de como organizar as respostas que vêm de forma desorganizada.” (Macedo, 2006).

Reflete que, o fato de “fazer perguntas, obter respostas e organizá-las ainda não são suficientes para caracterizar uma pesquisa. É preciso criar um sistema” (Macedo, 2006). Garcia (2003) convida o pesquisador a investigar com método e reflexão acerca do objeto de estudo que tem a partir de sua

hipótese de pesquisa, em um processo reflexivo e dentro de uma metodologia retrodutiva, em que se retoma os passos do trabalho em vistas a um objetivo específico. Neste caso, um sistema de relações pode ser desvelado.

A metodologia de pesquisa escolhida pelo pesquisador, dentro do enquadre científico, norteia a linha de trabalho que realiza e é fundamental para que a pesquisa evolua. Os textos que explicitam formas de fazer desveladas por seus autores, assim como aqueles que seguem as normas técnicas e metodológicas da pesquisa científica estão inseridas nesta Grande Área.

Análise inicial dos dados: panorama da Arteterapia no Brasil

Para realizar a organização e análise dos dados, preparou-se uma planilha que permitisse a inserção contínua das informações. Esta planilha foi sendo aprimorada a partir da reflexão da pesquisadora responsável, diante das informações a serem compiladas. Pouco a pouco chegou-se a uma planilha que não será modificada nomeada 'Catálogo de Textos Científicos em Arteterapia no Brasil'. Cada novo dado a ser inserido receberá o número de cadastro subsequente. Há, até o presente momento, 1053 textos científicos cadastrados.

Preparou-se uma volumetria que permite a atualização dos dados a cada nova inserção. Analisou-se o volume da produção científica *stricto sensu* em separado da *lato sensu*, assim como a totalidade das informações concernentes a este critério. Priorizou-se, explicitar o volume da produção científica por ano e por instituição. Analisou-se, também, a partir do Ciclo de Vida e da Grande Área de conhecimento. A seguir, os gráficos resultado desta análise.

O primeiro critério de compilação dos dados objetivou a diferenciação entre os textos pertinentes a Ciências Humanas, Ciências da Saúde e Produção Científica (Allessandrini, 2009, p. 465). Encontrou-se 20% de textos em Ciências Humanas, 67% em Ciências da Saúde e 13% em Produção Científica.

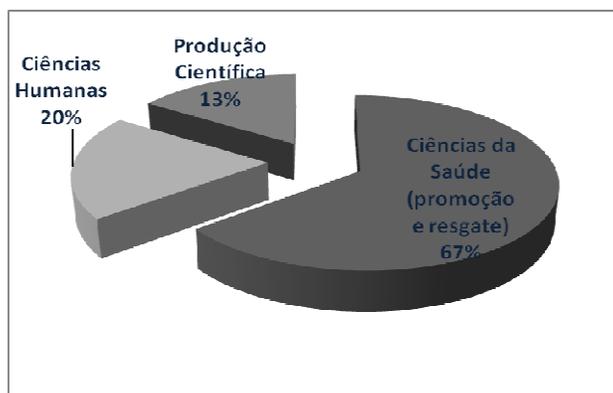


Gráfico 1: **Primeiro critério de análise dos dados**

É importante observar o percentual de trabalhos em Ciências da Saúde, nesta primeira análise da base de dados. Relevante é observar que este critério foi definido em abril de 2009 e possibilitou a identificação de conteúdos sobrepostos, de modo que em agosto decidiu-se por diferenciar as áreas de Ciências da Saúde e agrupar as de Ciências Humanas, conforme o que denominou-se como 'Grandes Áreas'. A seguir, os resultados da volumetria nas cinco áreas de Arteterapia; Atelier Terapêutico, Educação e Criatividade; Promoção da Saúde, Resgate da Saúde e Metodologia/ Pesquisa.

Importa dizer que o trabalho foi se constituindo em um ir e vir de informações que cada colaborador enviava. Assim como a forma de analisar e os critérios de catalogação das informações foram amadurecendo, o panorama que se apresentava era espelho deste processo. E assim continuará, pois a cada nova planilha que chega, podemos classificá-la e agregar à base já constituída.

Diante destes fatos, no início de 2010, o panorama de distribuição da totalidade dos trabalhos científicos em arteterapia no Brasil, a partir das 'Grandes Áreas', apresenta-se de acordo com o gráfico a seguir:

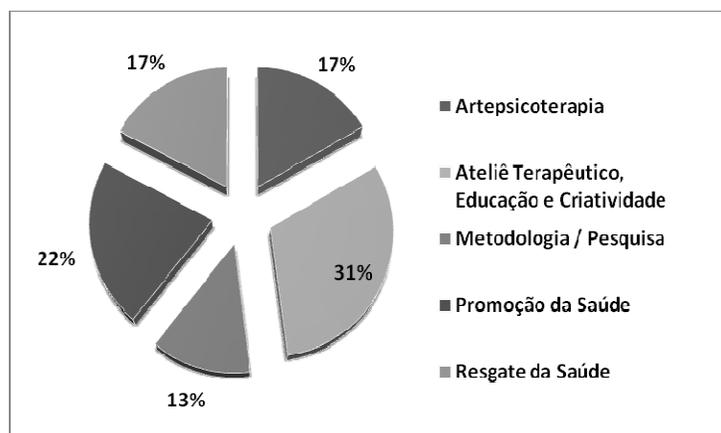


Gráfico 2: **Distribuição da produção científica brasileira de acordo com a 'Grande Área'**

Há 31% de textos científicos relacionados a Ateliê Terapêutico, Educação e Criatividade. Os trabalhos inseridos na área da Saúde tem 17% dos textos escritos em Artepsicoterapia, 22% em Promoção da Saúde e 17% em Resgate da Saúde. Em Metodologia/ Pesquisa há 13% das produções científicas compiladas até o mês de janeiro de 2010.

Diante destes resultados, observa-se que a tendência maior do trabalho do profissional arteterapeuta é de se inscrever na área da Saúde, do que nas áreas mais ligadas à Educação e afins.

Ao analisar a base de dados, observam-se resultados interessantes no que concerne a evolução progressiva da presença da Arteterapia no Brasil. De 1980 a 2009, há 890 arteterapeutas brasileiros aprovados em cursos de Arteterapia, distribuídos conforme demonstrado no Gráfico 3. É interessante observar que nos anos de 1996, 1998, 2000 e 2002 há um considerável aumento da produção, o que pode ser compreendido em se considerando que o tempo de formação do arteterapeuta é de dois anos, em média, e em alguns cursos, havia uma periodicidade de dois anos para a abertura de novas turmas. Portanto, nos anos em que a turma finalizava houve um aumento da produção em determinados grupos de formação de arteterapeutas.

Com a inserção do profissional arteterapeuta no mercado de trabalho, melhores oportunidades foram se constituindo. Talvez, daí observar-se que a

abertura de cursos de Arteterapia em nível de pós-graduação *lato sensu* ampliou-se consideravelmente nos quatro cantos do Brasil, assim como a demanda de cursos desta natureza.

Os dados coletados, até o presente momento, demonstram que a Arteterapia marcou importante presença no mundo científico, com destaque especial para o ano de 2007. Há que se acrescentar que número expressivo de profissionais arteterapeutas finalizou seus mestrados e deu continuidade em doutorados, também, neste período.

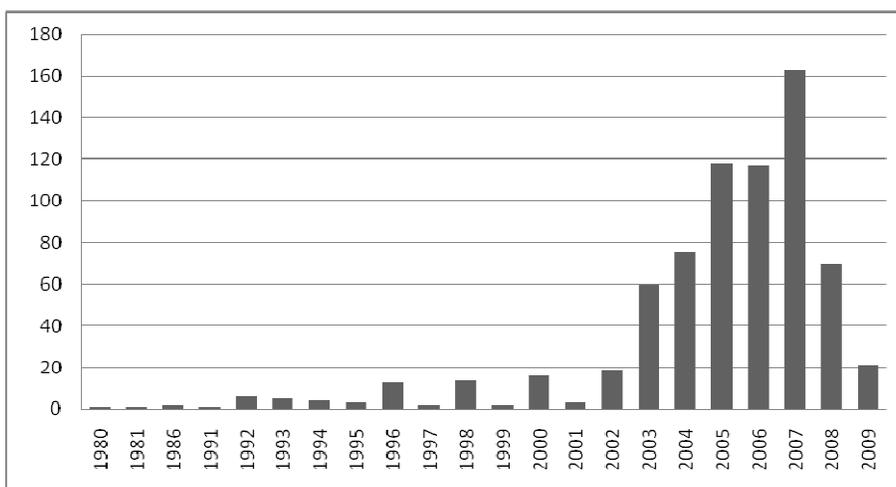


Gráfico 3: **Distribuição da produção científica por Arteterapeutas brasileiros, de acordo com o ano de publicação**

O critério escolhido não considera se o arteterapeuta é ou não filiado à Associação Estadual ou Regional de Arteterapia do lugar onde reside, há que se trabalhar para que os arteterapeutas se mobilizem e reconheçam o valor e a relevância desta filiação profissional.

É relevante lembrar que, nestes trabalhos, os textos podem ter a Arteterapia como foco principal, ou como foco coadjuvante ou secundário. O elemento de base é o fato de o trabalho ter sido escrito por um arteterapeuta.

No que tange à produção em pós-graduação *stricto sensu*, observa-se um volume de trabalhos em andamento, o que representa aspecto importante para a continuidade do desenvolvimento da Arteterapia como área de conhecimento que está se constituindo. O Gráfico 4 aponta que há 7% dos

textos em fase de produção, diante de 93% de pesquisas finalizadas, que abrangam Mestrados, Doutorados e Pós-Docs.

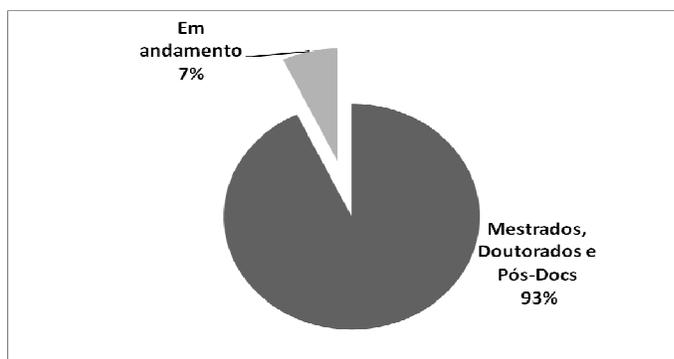


Gráfico 4: **Distribuição da produção científica brasileira concluída e em fase de produção**

Em relação à produção em nível de Mestrado, há 96% das Dissertações finalizadas, para 4% em processo de desenvolvimento, conforme explicitado no Gráfico 5.

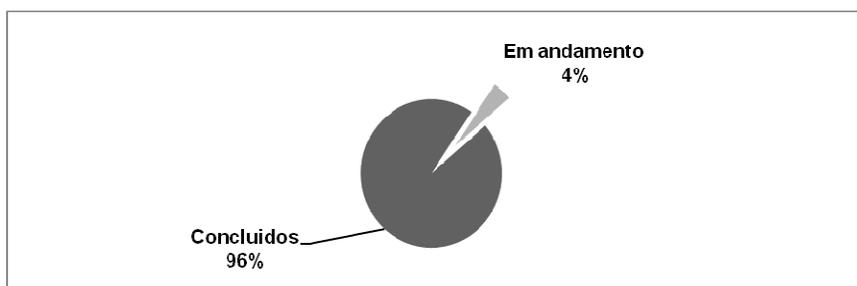


Gráfico 5: **Distribuição dos Mestrados concluídos e em andamento**

Em relação à produção em nível de Doutorado, há 74% das Teses finalizadas, para 26% em processo de desenvolvimento, conforme explicitado no Gráfico 6.

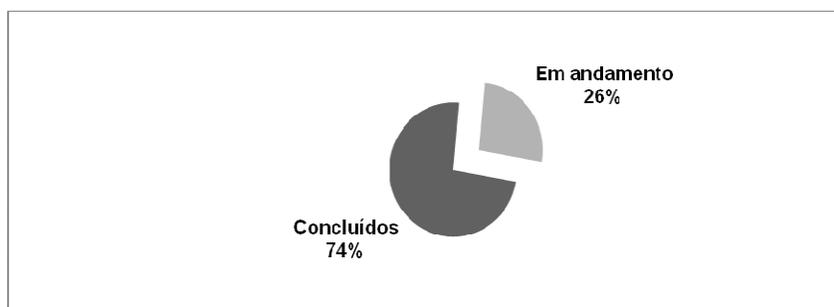


Gráfico 6: **Distribuição dos Doutorados concluídos e em andamento**

Observa-se que há uma crescente produção atual em nível de Doutorado, o que é relevante para a Arteterapia, pois os arteterapeutas que realizaram seu Mestrado foram em busca do Doutorado, talvez como continuidade de sua pesquisa. Este fato desperta para o verdadeiro sentido da ciência que tem sido a mola propulsora para que se possa reconhecer, em diferentes instâncias, a inserção da Arteterapia no Brasil.

O Gráfico 7, representa o 'estado da arte' da produção científica brasileira em pós-graduação *stricto sensu*.

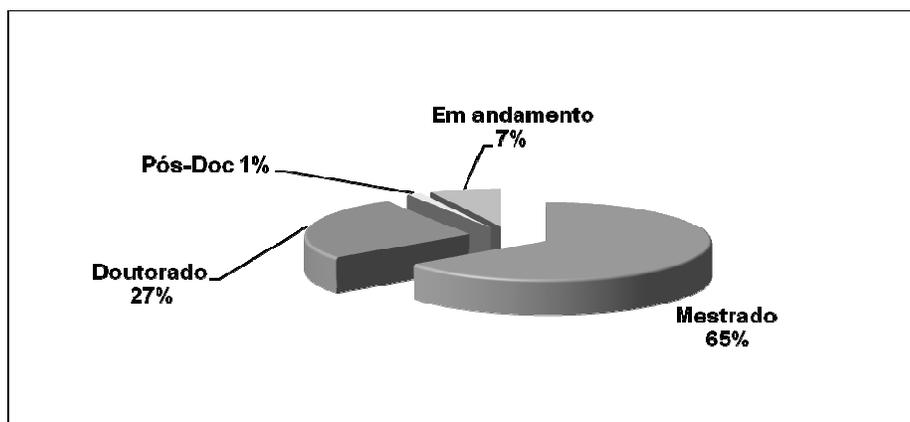


Gráfico 7: **Estado da arte da produção *stricto sensu* brasileira**

Em relação ao público que se beneficiou destes trabalhos, direta ou indiretamente, observa-se um volume considerável de textos relacionados ao adulto, na ordem de 45,2% produções. Há 17,6% trabalhos relacionados à

Arteterapia com crianças e 15,3% com adolescentes, assim como 10,9% de pesquisas com a terceira idade. Observa-se que em 10,8% trabalhos o público alvo abarca diferentes ciclos de vida, assim como em 10,2% de trabalhos independente o ciclo de vida, de acordo com o foi explicado anteriormente, neste mesmo artigo. O Gráfico 8 explicita este resultado, obtido a partir dos dados recebido até o mês de janeiro de 2010.

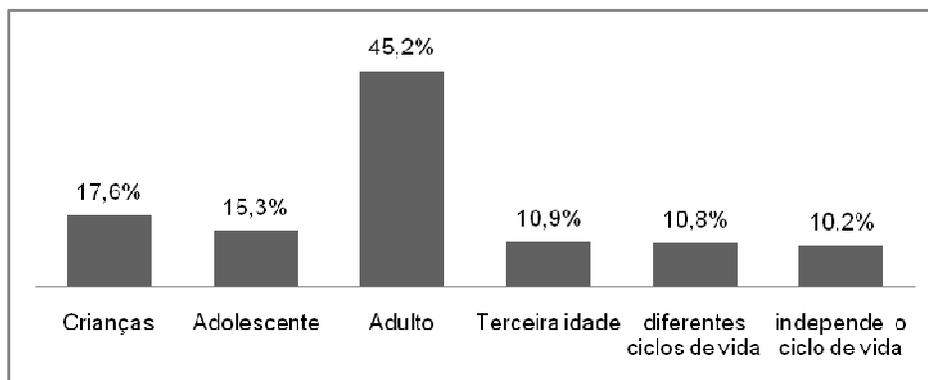


Gráfico 8: **Produção brasileira de acordo com o Ciclo de Vida**

A Arteterapia transita em todas estas áreas com uma presença singular, flexível e adaptada ao contexto, à realidade presente, com foco na melhoria da qualidade de vida e de experiência da pessoa em tratamento. Os benefícios que trás representam importante preenchimento de um espaço potencial de transformação interna, pessoal e profunda, que mobilizam aspectos não conhecidos e compreendidos como diferenciais de crescimento e integração, aceitação e re-significação do que antes era compreendido de forma mais restrita e reducionista.

Refletir sobre os resultados encontrados até o presente momento pode nos levar a compreender o caminho que a Arteterapia está percorrendo no decorrer de sua construção. O 'estado da arte' desta pesquisa aponta para um panorama de esperança para a Arteterapia, pois retrata o empenho de arteterapeutas formadores e em formação, de profissionais em aprimoramento, de arteterapeutas profissionais que se mobilizaram para estruturar a área de conhecimento que é a Arteterapia. É graças ao seu esforço que hoje, sem dúvida, esta rede de conhecimento está em franca expansão.

Esta é uma pesquisa que está em processo. As áreas onde são inscritas se assemelham aos projetos em *stricto sensu*, onde observa-se uma abrangência maior na realização de estudos qualitativos. O número de monografias em *lato sensu* é considerável.

Talvez isto ocorra pelo fato de, atualmente, haver uma maior quantidade de cursos de Especialização no Brasil, que têm primado pela qualidade das monografias de final de curso. Afinal, a UBAAT – União de Brasileira de Associações de Arteterapia – tem atuado de modo que o especialista em arteterapia receba uma formação de qualidade. Seu trabalho de normatizar o currículo mínimo para que os cursos possam, efetivamente, formar profissionais de qualidade está em franco desenvolvimento.

Cabe a cada arteterapeuta honrar e atuar de forma digna, ética e comprometida para que se possa cada vez mais consolidar nosso trabalho de modo a garantir que o espaço do profissional arteterapeuta seja reconhecido em todas as instâncias da lei.

Para finalizar, um agradecimento a cada autor que trabalhou em sua pesquisa e a concretizou. A cada colega arteterapeuta que tem contribuído para ampliar este banco de dados. À AATESP, pelo incentivo em partilhar a coleta destes dados, e também pela oportunidade de apresentar esta pesquisa neste momento, em que se trabalha para a profissionalização do arteterapeuta! E, enfim, ao Conselho Diretor da UBAAT, que manterá este banco de dados em contínua atualização.

Referências

ALLESSANDRINI, Cristina Dias. *Pesquisas em Arteterapia no Brasil*. In: **Anais, Jornada Brasileira de Arteterapia: Arteterapia, Musicoterapia e desenvolvimento humano**, 1., 2009, Goiânia. Cap. 4B. Goiânia: FEN/UFG/ABCA, 2009. p. 462-490.

ALLESSANDRINI, C. D. **Oficina Criativa e Análise Microgenética de um Projeto de Modelagem em Argila**. Coleção Arteterapia. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2004.

BARDIN, L. (1977). **Análise de conteúdo**. Trad. de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa, Edições 70, 1995.

BRASIL. **Por que uma política nacional de humanização?** Ministério da Saúde. http://portal.saude.gov.br/saude/area.cfm?id_area=390. Acesso feito no dia 16fev2010 às 20:17hs.

BYDLOWSKI, C. R et al.. *Promoção da Saúde. Porque sim e porque ainda não!* In.: **Saúde e Sociedade**, v.13, n.1 jan-abr 2004. p.14-24.

BUSS, P. M. *Promoção da saúde e qualidade de vida*. (Health promotion and quality of life). In.: **Ciência & Saúde Coletiva**, 5(1):163-177, 2000.

CUNHA, A. G. **Dicionário etimológico**. Nova Fronteira. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

GARCIA, R. **O Conhecimento em Construção**. Tradução de Valério Campos. Porto Alegre: Artmed, 2002.

GINZBURG, C. (1986) **Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e história**. Trad. de Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

FERREIRA, N. S. de A. *As pesquisas denominadas "estado da arte"*. In.: **Educação & Sociedade**, ano XXIII, nº 79, Agosto/2002. p. 257-272

HADDAD, S. (Coord.) et al. **O estado da arte das pesquisas em educação de jovens e adultos no Brasil. A produção discente no período 1986/1998**. São Paulo, Ação Educativa, 2000.

HOUAISS, A. et al. **Dicionário Eletrônico Houaiss**. Rio de Janeiro, Instituto Houaiss e Editora Objetiva, 2009.

LALANDE, André (1926). **Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia**. Trad. Fátima Sá Correia et al. São Paulo: Martins Fontes, 1993. (1336 p.)

MACEDO, L. de. **Pesquisar: construir novos conhecimentos**. Palestra proferida no Alquim Art, Centro de Pesquisa em Aprendizagem, 2006.

PIAGET, Jean. **Introducción a la Epistemología Genética. 1. El pensamiento matemático**. Biblioteca de Psicología Evolutiva. Buenos Aires: Paidós, 1950.

SARAIVA, F. R. S. **Dicionário Latino – Português**. Rio de Janeiro: Garnier, 1993.

SEI, M. B. **Arteterapia com famílias e psicanálise winnicottiana: uma proposta de intervenção em instituição de atendimento à violência familiar.** Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Clínica) – IP-USP. São Paulo, 2009.

VALLADARES, A. C. **Arteterapia na Saúde.** Coleção Arteterapia. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2008.

YIN, R. K. (2003). **Estudo de Caso: planejamento e métodos.** Trad. Daniel Grassi. Porto Alegre, ARTMED, 2005.

A importância de pensar a Arte na Arteterapia⁷

Karen Ferri Bernardino⁸

São infinitamente diversos os vieses de uma atuação arteterapêutica, pelo contexto, público, formato dos atendimentos ou propostas, faixa etária, objetivo, etc. Variam principalmente de acordo com singularidade de cada arteterapeuta e seus referenciais teóricos. A arteterapia é sem dúvida, um criativo território terapêutico, onde distintos campos de conhecimento se confluem. (Philippini, 2008)

Duas áreas de conhecimento ganham uma maior evidência quando falamos sobre a Arteterapia; a das Artes e da Terapia. A proporção na ênfase destas implica em um significativo diferencial de atuação. Na *Arte como terapia* (“Art as therapy”, Kramer, 1971 e 1977) o foco do trabalho está no potencial terapêutico da arte, ou seja, neste a Arte tem papel prioritário e a terapia é consequência desta; já na *Artepsicoterapia* (“Art psychotherapy”) ou *Arte em terapia* (“Arts in therapy”, Naumburg, 1987), o processo psicoterápico se dá a partir do auxílio dos recursos artísticos, contudo requer-se a priori a compreensão de conceitos e manejos clínicos.

Nos princípios Gerais do Código de ética dos arteterapeutas (UBAAT, 2008) encontramos a seguinte norma: “O arteterapeuta deve exercer somente as funções para as quais ele está qualificado pessoal e tecnicamente.” Compreende-se, portanto que apenas os profissionais com formação inicial em Psicologia ou nas áreas da Saúde possam atuar em contextos clínicos, como Artepsicoterapia, devido à complexidade deste saber clínico prioritariamente necessário.

Sabemos que Arteterapia não é adição da arte à psicologia e/ou vice-versa, assim aprender conceitos e metodologias específicas em arteterapia para se tornar arteterapeuta, não é nenhuma novidade. Mas como ficam os

⁷ Ideias inicialmente delineadas na apresentação realizada no II Fórum Paulista de Arteterapia.

⁸ Artista plástica, Arte Educadora, Arteterapeuta e Mestre em Arteterapia pela Universidade HfBK- Dresden - Alemanha. Arteterapeuta em contexto clínico/saúde mental. Coordenadora acadêmica e docente dos cursos de Arteterapia – CEFAS- Campinas/SP. <http://lattes.cnpq.br/5545650331160329>

Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo

pesos e medidas para as disciplinas de Arte e de Psicologia também necessárias na formação de arteterapeutas?

Segundo Titze (2004), “artistas não são arteterapeutas, precisam de uma formação terapêutica – isto é incontestável. Por outro lado, terapeutas precisam para a atuação arteterapêutica de uma constante experiência dos processos artísticos, mas isto nem sempre é lembrado”.

Philippini (2008) constata que uma das primeiras dificuldades no trabalho de formação de novos arteterapeutas é porque muitos chegam ao processo com pouca ou nenhuma intimidade com a arte e suas manifestações.

Nota-se a importância de pensar algumas características necessárias aos arteterapeutas, que priorizem a articulação de elementos e conceitos relacionados à Arte. Refletir sobre a importância da arte, não significa excluir ou depreciar a Psicologia para a Arteterapia. Segundo Allen (1992), arteterapeutas são terapeutas muito singulares, e seu bom desempenho depende fundamentalmente da manutenção e exercício constante de sua própria prática expressiva. Allen alerta que “... *Nós temos conhecimento em primeira mão sobre a autenticidade e temos este conhecimento através de nosso próprio ‘fazer arte’...*” (Apud Philippini, 2008)

Assim, compreendemos que a atuação arteterapêutica fundamenta-se, não somente, mas a partir da compreensão e apreensão do universo artístico de forma singular e real. Dalgarrondo (2000) apropria-se da formulação freudiana⁹ (*O delírio e os sonhos na Gradiva de Jensen*) e reconhece que o artista percebe antes e mais profundamente do que o cientista. “*este último (o cientista) organiza melhor, cria sistemas, hierarquias, enfim ‘arma’ uma lógica para a natureza. Mas, é do grande artista o privilégio da percepção mais fina, mais profunda e contundente, daquilo que se passa no interior do homem, suas misérias e grandezas.*”

⁹ Poetas e romancistas são nossos preciosos aliados, e seu testemunho deve ser altamente estimado, pois eles conhecem muitas coisas entre o céu e a terra com que nossa sabedoria escolar não poderia ainda sonhar. Nossos mestres conhecem a psique porque se abeberaram em fontes que nós homens comuns ainda não tornamos acessíveis à ciência.

Quando a importância da arte para a arteterapia é reivindicada, quando constatado como terapêutico, o potencial da arte, quando esclarecida a sensibilidade nata dos artistas sobre as questões humanas e, sobretudo, quando compreendido nas entrelinhas que não é preciso ser psicólogo para ser arteterapeuta, pois uma fronteira ética reserva apenas aos psicólogos o direito da atuação arteterapêutica clínica, nos parece que portanto toda e qualquer proposta artística oferecida pode ser 'arteterapêutica', ou mesmo que artistas são 'arteterapeutas autodidatas'. Esta é sem dúvida uma constatação extremamente equivocada, porém plausível a equívocos.

Pretendo ilustrar com a narrativa de duas das atividades, desenvolvidas em um Centro de Convivência e Arte de Campinas/SP com crianças, jovens e adultos da comunidade local e usuários adultos do Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira que é possível constatar uma considerável diferença no potencial terapêutico de um atelier quando este é oferecido, conduzido ou contemplado por um arteterapeuta.

Confecção de bolachas coloridas

Em um processo que compreendeu aguçar os diversos sentidos, cada participante deu formas e delimitou assim a massa doce, mas disforme; reuniram a quantidade necessária a seus desejáveis contornos e descartavam os excessos, o que não lhes era necessário, lidavam com proporções necessárias; criaram suas cores a partir da mistura de anilinas comestíveis e sobre a base sólida de suas bolachas deram sentido, unindo e/ou descartando elementos que representavam seus desejos através das doces cores. Tanto o processo quanto a apresentação e apreciação visual destas - antes de serem degustadas, deu-se em uma atmosfera lúdica que integrava os sentidos. Esta atividade possibilitou acessar recursos natos de cada um, no exercício de criar, equacionar, escolher, buscar por algo belo e prazeroso que lhes serviria de alimento, processo este análogo a um viver saudável.

Construção de objetos de papel machê a partir da técnica de Papietagem

Poder-se-ia considerar que este processo de construção de objetos - com arame, cola caseira¹⁰, pedaços de papelão, e jornais picados, semelhante à nossa constituição psíquica e somática, simbolicamente sadia: estrutura firme e estável, o volume necessário à sustentação e harmonia (satisfação) das formas e proteção do interno através de camadas (pele) que delimitam-no do externo e que Winnicott (1994, p.91) considera como membrana limitadora da personalidade. Assim, esta atividade ofertava aos participantes o estabelecimento de um diálogo entre ambas as estruturas e sua conseqüentemente relação à aspectos da promoção da saúde, ou seja, a integração de uma personalidade, que para Winnicott está *na vinculação entre psique e soma, que assegura uma totalidade do funcionamento físico e uma identidade experiencial da psique.* (Winnicott, 1994, p.88)

Durante a realização dos objetos, pedidos de ajuda como; *“Me ajude, não estou conseguindo ‘preencher’ meu coração.”*, *“Como faço para meu boneco parar em pé? Ou mesmo, “Como faço para que meu coração fique maior?”* demandam que arteterapeutas percebam que algo extremamente subjetivo e bem mais significativo que um ‘simples’ pedido de ajuda técnica está sendo comunicado. Quando este conteúdo, expresso de forma análoga, é compreendido viabiliza possibilidades de acolhimento e intervenções - verbais ou não-verbais de outra ordem, que a de uma simples intervenção técnica, podendo enriquecer a experiência humana, psíquica da pessoa através da atividade artística.

Transpor o que é comunicado objetivamente para uma linguagem análoga a conteúdos subjetivos, é sem dúvida uma tarefa difícil e que demanda

¹⁰ Em 2006, a arteterapeuta Karen Ferri Bernardino realizou uma pesquisa com a finalidade de encontrar uma aproximação às propedêuticas de um material conhecido na Alemanha; *Kleister*, utilizado como cola de papel de parede; para no Brasil utilizá-lo em contexto arteterapêutico, adequou a ‘cola caseira’ ou ‘goma’ substituindo a farinha de trigo pela maisena e adição de gotas de essência de baunilha a esta receita, de forma que tanto a aparência quanto cheiro fossem agradáveis durante seu manuseio. A pesquisa estendeu-se para a utilização do mesmo material adaptado à técnica de pintura com as mãos, porém à inserção das cores, pesquisou-se qual tipo de pigmento que ao ser misturado não impregnasse permanentemente as mãos com as cores; a saber: pigmento líquido da marca xadrez.

muita sensibilidade, competência e ética dos arteterapeutas. Esbarra-se com esta questão, num limiar bastante tênue onde temos no ‘fim da linha’, a ‘interpretação selvagem’; *área perigosa onde (o terapeuta) está utilizando suas próprias idéias, e estas podem estar erradas do ponto de vista do paciente, no momento... a revelação quase miraculosa que a interpretação representa repentinamente transforma-se numa ameaça, por se achar em contato com um estágio do desenvolvimento emocional que o paciente ainda não atingiu, pelo menos como personalidade total.* (Winnicott, 1994, p.164 e 166).

Aproximar-se deste ‘fim de linha’, das ‘interpretações selvagens’ implica numa postura bastante invasiva, por qualquer que seja o tipo de terapeuta e, portanto bastante irresponsável.

A fim de evitar tais posturas invasivas, chamo a atenção para recursos que estão a disposição de arteterapeutas de forma que suas intervenções sejam coerentes sem que precisem das ‘interpretações’. 1) As intervenções verbais, expressas sob a forma de analogias para o paciente, por exemplo ‘*Sua estrutura (apontando para o objeto) é mesmo muito frágil...*’, falamos de uma outra forma sobre coisas que se o paciente estiver ‘pronto’ poderá perceber, caso contrário, não se sentirá invadido pois compreenderá que nos referimos apenas e tão somente à estrutura do objeto construído. Vale observar que o que fazer concretamente (arte) com o reconhecimento de tal estrutura faz parte da continuação do acolhimento e de uma intervenção arteterapêutica. 2) As intervenções não-verbais, as devolutivas do arteterapeuta a partir de um gesto ou de intervenção artística, que objetive algo além da simples ajuda técnica. Por exemplo, quando uma imagem não cabe no papel e o paciente queixa-se do interdito pela falta de espaço, neste caso, considera-se uma intervenção artística não-verbal, a oferta da possibilidade de ampliar tal espaço a partir de uma nova folha em branco anexa ao obstáculo, para que o desenho possa ser continuado. Vale lembrar que, este é apenas um exemplo figurado, pois toda e qualquer intervenção deve-se pautar na compreensão e dinâmica do momento, do processo, do histórico do paciente.

Faz-se necessário, apenas citar, que dois fenômenos: *transferência e contratransferência* surgem como mais uma forma de comunicação, não-verbal

- um sentimento, uma sensação, 'indefiníveis' que o arteterapeuta pode perceber/sentir - nos encontros. E só poderá compreendê-los e manejá-los de modo coerente, quando cuidar constantemente de sua atuação profissional pela via da análise pessoal, supervisão e estudo. Winnicott nos descreve a contratransferência como *“anormalidade nos sentimentos, relacionamentos e identificações estabelecidos na contratransferência, que estão sobre repressão no analista... O comentário que isto suscita é de que o analista precisa de mais análise (...)”* (Winnicott, 1983, p.145) Este é sem dúvida, um importante mas extenso tema que infelizmente não poderá aqui ser esmiuçado.

A técnica de papietagem é simples, cria-se uma estrutura, acrescenta-se o volume necessário com jornal e através da aplicação de camadas de jornal picado embebidos em cola caseira, consegue-se contorno, detalhes ou texturas e então por fim, decora-pintando. Ter este conhecimento, não é suficiente para realizar um trabalho com o foco arteterapêutico, pois ao considerar imprescindível que o arteterapeuta acolha e ajude aquele que cria durante o processo artístico, ele deve estar seguro ao se confrontar com qualquer pedido de ajuda (técnica) na elaboração dos objetos. Há ainda que se considerar que arteterapeutas compreendem a relação entre a propedêutica dos materiais artísticos e as subjetivas reverberações psíquicas destes estão, portanto atentos no decorrer do processo, auxiliando no contato e na relação dos sujeitos com estes.

Problemáticas relacionadas à proporção, equilíbrio, firmeza, pigmentação, emendas, transparência, movimento, estética, agrupamento, materialidades, etc. (a lista seria infinita) surgem em qualquer produção e as soluções para estas são particulares a cada objeto e, possíveis apenas de serem equacionadas, quando exercitado constante através da própria prática artística, nas quais nos deparamos as mais diversas problemáticas e criamos soluções.

Frayze-Pereira (2005) conclui a partir de Pareyson que *a arte é um fazer. Mas é um fazer específico. Ou seja, é um tal fazer, que enquanto faz, inventa o por fazer e o modo de fazer é uma atividade na qual a execução e invenção caminham paralelamente, simultaneamente e de modo inseparável.*

Assim na arte, concebe-se executando, projeta-se fazendo, executa-se encontrando a regra, já que a obra existe só quando é acabada.

Na arte, lidamos, sobretudo com o desenvolvimento da capacidade de solucionar, às vezes lógica, porém, na maioria das vezes criativamente. Na arte temos uma idéia, um projeto e ao executá-la, apesar de estarmos no universo do tudo pode, nos deparamos com questões que exigem de nós respostas concretas, atitudes. Sonhar e ser capaz de 'adequar' de forma satisfatória o sonho à realidade é um dos grandes desafios da vida. A arte nos fornece espaço para lidar com este processo de forma análoga, pois elementos como criatividade, perseverança, resistência, fragilidade, delicadeza, força, raiva etc. estão inevitavelmente implicados no processo, é um espaço ofertado para nos experienciarmos.

De forma poética, o texto abaixo elucida um pouco sobre este tão falado 'olhar sensível e diferenciado' em um ambiente artístico.

Quando traço uma linha sobre a folha, crio um espaço. Eu crio uma terceira dimensão dentro de uma segunda. E também uma ilusão – contanto que eu não me conscientize da dimensão real. Do mesmo modo, eu crio uma situação terapêutica, um espaço neutro, abstrato, desapegado da verdadeira realidade. Um artístico, estruturado e formulado espaço, todavia, um lugar real e um espaço de relacionamento, para lá experimentar a ação. Uma moldura temporal é estabelecida, material à disposição e o terapeuta em sua própria competência. Competência esta, que pode significar tanto um amplo quanto estreito espaço para a terapia. Neste fazer artístico eu me experiencio, abstraio e mergulho. Posso agir pintando, desenhando e posso eu mesmo, resolver balancear, arriscar, completar, inovar, experimentar. Neste espaço se materializa a experiência psíquica, solidifica o processo vital no impulso artístico e criativo. Neste eu desprendo o supérfluo, descubro o âmago e deixo algo crescer. No abstrato infinito da superfície me desloco no espaço real com um tão sem piedade, quanto um afetuoso olhar sobre mim mesmo. Dou forma às idéias, me aproximo, me acaricio, desprendo matéria e uno céu e terra. (TITZE, 2002 - tradução: BERNARDINO)

Assim, acredito que arteterapeutas constituídos por este olhar diferenciado, sensível e compreendendo as analogias encontradas no processo do fazer em contextos de arte, concebem espaços para que as intervenções e acolhimentos arteterapêuticos sejam possíveis e resultem em

Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo

experiências significativas àqueles que expressam no fazer artístico 'suas misérias ou grandezas' que passam em seus interiores. E a diferença entre um atelier de arte e uma proposta arteterapêutica é constatada então pela postura do profissional que conduz um atelier de arte e na manutenção do processo deste fazer artístico proporcionado, nem tanto na proposta da atividade.

Referências

- BERNARDINO, K.F. Tradução do texto de TITZE, D. da Apostila do curso de Arteterapia da Universidade HfBK-Dresden- Alemanha , 2002
- DALGALARRONDO, P. **Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000
- FRAYZE-PEREIRA, J.A. **Arte, Dor: Inquietudes entre estética e psicanálise**. Cotia/São Paulo: Ateliê editorial, 2005
- KRAMER, E. **Art as Therapy with Children**. New York: Schocken Books, 1971.
- KRAMER, E. The practice of art therapy with children, in Elinor Ulman (org) **Art Therapy in Theory and Practice**. New York: Schocken Books, 1977.
- NAUMBURG, M. **Dynamically Oriented Art Therapy: Its Principles and Practice**. New York: Magnolia Street Publications, 1987.
- PHILIPPINI, A. **Para entender arteterapia: cartografias da coragem**. RJ; Wak Editora, 2008
- TITZE, D. Kunst an sich ist nicht heilsam In: TITZE, D. (org.) **Kunstaustausch – Die Kunst der Kunsttherapie**. Schattauer GmbH, Stuttgart, 2004.
- UBAAT – União Brasileira das Associações de Arteterapia. www.ubaat.com.br
- WINNICOTT, C. (org) **Explorações Psicanalíticas: D. W. Winnicott**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994
- WINNICOTT, D.W. O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1983.

Arteterapia rumo à profissionalização: perspectivas para o século XXI

Maria de Betânia Paes Norgren¹¹

Para pensarmos em perspectivas em relação ao futuro, devemos nos apossar da nossa história, ter consciência clara de quem somos, ou seja, saber quais nossos pontos fortes, quais nossas competências, limites, no que precisamos melhorar e, além disso, definir metas, ou seja, saber onde desejamos chegar. Esta palestra tem o intuito de refletir sobre essas questões que já foram contempladas ao longo do dia, nas falas dos outros colegas, contribuindo para aprofundar o questionamento necessário à construção do ser arteterapeuta. Não tenho a pretensão de levar a uma conclusão, porque não a tenho e por acreditar que existem várias possibilidades. Assim sendo, não pretendo me estender sobre os temas já discutidos, mas apenas permito-me ressaltar alguns, que considero importantes.

A arteterapia é uma ciência de interface, nasceu assim, híbrida, entre a Psicologia, as Artes, a Educação, a Sociologia, a Criatividade... só para mencionar alguns campos afins. Isso faz com que a pluralidade seja parte da sua essência. É como, se por definição, nós, arteterapeutas, tivéssemos que conviver com a diversidade: de estilos, enfoques, instrumentos e técnicas, postura terapêutica e fundamentação teórica. A própria história da arteterapia reflete essa riqueza (movimentos como 'arte em terapia' e 'arte em psicoterapia' com Kramer e Naumburg respectivamente são o testemunho disso - Ulman, 1977; Kramer, 1981; Naumburg, 1987; Junge, 1994).

Outro aspecto a ser levado em consideração é que a arte sempre despertou e continua a atrair o interesse da humanidade (vide desenhos dos homens das cavernas – Lascaux; os templos e esculturas clássicas, movimentos como impressionismo, dadaísmo, arte conceitual... só para citar alguns – Fischer, 1977; Gombrich, 2000). Em muitos momentos serviu de veículo para comunicação do universo externo e interno; para refletir sobre a

¹¹ Psicóloga, Arteterapeuta, Mestre e Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-SP. Atua em contexto clínico e de promoção de saúde. Co-coordenadora acadêmica dos cursos de Arteterapia do I. Sedes Sapientiae (SP) e INFAPA (POA- RS). Docente dos cursos de Arteterapia do COGEAE-PUC-SP e da Master School. <http://lattes.cnpq.br/6262194993540282>
Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo

realidade; questioná-la; conseguir lidar com ela; enfrentá-la... Portanto, realizar atividade criativa, fazer arte parece estar intimamente relacionado à tentativa de apreender a realidade e resgatar saúde (Ostrower, 1989, 1990; Ciornai, 1995, 2004; Rhyne, 2000, citando apenas alguns). Se “fazer arte” já traz em si esse potencial, imagine acrescentar a isso a presença de alguém preparado para caminhar ao seu lado e pensar terapêuticamente o que será proposto; capaz de “escolher” ou “sugerir” o que vai ser feito e que ainda pode auxiliar a refletir sobre o processo e o produto realizado? É isso o que acontece na sessão ou no encontro de arteterapia! Por isso é que acredito, como tantos outros (Ulman e Dachinger, 1977; Rubin, 1978; Wadeson, 1980; Quinto de Andrade, 2000; Valladares, 2003; Ciornai, 2004) na arteterapia como instrumento privilegiado, a serviço do autoconhecimento, da melhora da qualidade de vida.

A arteterapia traz em si, a possibilidade de transformação, do resgate de um viver mais saudável, mais integrado. A relação que se estabelece no encontro arteterapêutico se constitui numa relação de ajuda, especial, que permite o descobrir-se no fazer (Rubin, 1987). Enquanto relação de ajuda, implica numa relação dialógica (Hycner, 1995), numa postura terapêutica e numa visão de homem. Ou seja, a questão ética permeia a sua existência. Acredito na relação com um “outro” que, apesar de suas limitações é dono de seu destino (Sartre, 2005) e sabe melhor do que ninguém o significado do que fez. Ele também sabe, lá no fundo, nem que intuitivamente, o que é bom para si. Portanto, tem que ser ouvido e auxiliado a escutar, descobrir, respeitar e a se responsabilizar por si e por suas escolhas. Se isso faz sentido para mim, se acredito que meu cliente é assim, tenho que tratá-lo com dignidade, respeitar sua opinião, ajudá-lo a encontrar o seu caminho e as suas respostas. Não posso pretender que todos os clientes caminhem do mesmo jeito, pois não existe “receita” para o atendimento, devo respeitar a individualidade e o tempo de cada um. Preciso me colocar à sua disposição, ao serviço do Outro. Não posso expô-lo, nem ao seu trabalho; mas também não posso propor qualquer atividade ou técnica que possa lhe trazer danos; não posso forçá-lo a ir onde

não quer ir. Preciso aprender a validá-lo em seu momento existencial e a caminhar da forma que for possível para ele (Juliano, 1999; Barroso, 1989).

Nesse processo, também é fundamental que eu, enquanto arteterapeuta, saiba até onde posso ir, até onde estou capacitado, tenha consciência das minhas competências. Como no Brasil a arteterapia é uma especialização, tenho que levar em conta a minha formação de origem e verificar de que forma posso auxiliar o outro no seu caminho. Se venho da área das artes, da educação ou da psicologia, as especificidades da minha formação / atuação devem ser respeitadas. Não há demérito algum nisso, muito pelo contrário, é isso que torna um profissional confiável e competente. Preciso ter clareza do que sei fazer e como a arteterapia pode enriquecer o meu saber. A partir daí, posso aprender a dialogar e buscar ajuda para o que se fizer necessário. É fundamental e extremamente enriquecedor trabalhar em equipe multidisciplinar, o que pode facilitar e aprimorar a compreensão do ser humano multifacetado e complexo.

Mas, fazer arteterapia não é fácil: ser um artista e um bom ser humano não é suficiente para ser um bom arteterapeuta (Rubin, 1987), assim como ser um psicólogo (ou qualquer outro profissional) e usar recursos artísticos não o transforma num arteterapeuta. Portanto, temos que cuidar da formação dos arteterapeutas e da qualidade dos cursos oferecidos. A meu ver, a formação do arteterapeuta deve ser abordada em diversos âmbitos. No âmbito institucional, se faz necessária a regulamentação, que já foi feita pela UBAAT (União Brasileira das Associações de Arteterapia), tanto em relação ao currículo mínimo necessário, quanto ao código de ética. Mas, isso não é suficiente, não garante que tenhamos arteterapeutas competentes. Temos, enquanto professores, supervisores e orientadores que estar atentos a quem estamos formando. Para isso, a meu ver, devemos nós, profissionais com experiência na área, buscar nos aperfeiçoar, tanto no aspecto profissional quanto pessoal; enquanto psicólogos, educadores, artistas, seres humanos... pois, ninguém está pronto e sempre pode “melhorar” em alguns aspectos. Devemos auxiliar nossos alunos a seguir o mesmo caminho, a buscar o desenvolvimento e aprimoramento profissional e pessoal em todos os âmbitos, reforçando a

necessidade da formação complementar, da supervisão, da psicoterapia e do ateliê terapêutico.

Quais as perspectivas para o futuro?

Ao levar todos esses aspectos em consideração, a meu ver, duas perspectivas tornam-se claras daqui para frente: temos que continuar a investir na formação coerente, consistente e séria de nossos alunos e buscar a profissionalização da área. Há que se observar que esses dois caminhos estão imbricados. No tocante à formação, é necessário que os diversos cursos de arteterapia existentes se aprimorem cada vez mais (de acordo com o levantamento feito por Sei para esse encontro, constam 19 na internet só no estado de São Paulo); que continuemos a produzir trabalhos de cunho científico com qualidade (atualmente existem mais de mil catalogados, dado também mencionado neste fórum por Allessandrini) e que nos fortaleçamos enquanto classe, buscando o reconhecimento da profissão.

Quanto à profissionalização, acredito que tenhamos que nos constituir enquanto grupo e para isso nada mais adequado do que fortalecer nossas entidades de classe, pois “andorinha sozinha não faz verão”. Associações regionais como a AATESP (Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo) e federais como a UBAAT têm trabalhado nesse sentido, estabelecendo além de currículo mínimo e código de ética, já mencionados, indicador profissional, reconhecimento de cursos, revistas, relação da produção intelectual da área, fóruns e congressos científicos. Entretanto, entidades de classe só terão sentido se forem realmente representativas da nossa realidade, se forem capazes de agregar a nossa herança: a nossa diversidade. Mas, agregar, acolher e celebrar a diversidade não implica em miscelânea, nem em homogeneidade. Implica em reconhecer a pluralidade, ter ciência das semelhanças e das diferenças, mas estar aberto ao diálogo. Nesse processo há que se ter em mente que nem tudo é igual e nem é almejado que seja: existe espaço para a troca e para os aspectos que são singulares. Contudo, isso só se tornará possível, se as diferentes abordagens em arteterapia buscarem a excelência, que possibilita o diálogo entre os saberes.

Congressos e fóruns regionais, como este em que estamos (e como o congresso nacional que acontecerá em 2010 em São Paulo) constituem-se em boas oportunidades para por tudo isso em prática. Mas, para que eles tenham sucesso, ou seja, cumpram a sua missão, é preciso que todos os interessados participem, divulguem.

Para finalizar, quando menciono investir na formação, refiro-me a buscar continuamente a fundamentação teórica e prática consistente; a investir na pesquisa e no embasamento da nossa atuação, considerando o que já foi feito, mas buscando ampliar horizontes. Mas, refiro-me também a realizar um exercício constante de auto-reflexão. Acredito que devemos todos, questionar o nosso trabalho, avaliando se está de acordo com os objetivos a que nos propomos. Devemos enquanto profissionais (mais experientes ou recém-formados) e alunos nos perguntar: por que faço o que faço? Trabalho a serviço de quem: do cliente ou para mim? O que posso ensinar/ aprender com os clientes/ alunos/ colegas? O que faço é relevante para o meu cliente / meu aluno / para mim / para o contexto social mais amplo? Quais os meus ideais? O que pretendo com a minha atuação? Como a minha atuação pode ser transformadora da realidade social que se apresenta?... Se tivermos a coragem de responder honestamente a essas perguntas, teremos maior clareza de quem somos, do que podemos fazer e quem sabe assim, contribuir para a construção de um mundo melhor.

Referências

BARROSO, F. O que caracteriza uma psicoterapia fenomenológica – existencial. Trabalho apresentado no II Encontro Nacional de Gestalt Terapia, Caxambú, 1989

CIORNAI, S. (org.) **Percursos em arteterapia**. São Paulo: Summus Editora, 2004.

CIORNAI, S. Arteterapia: o resgate da criatividade na vida. Em: CARVALHO, M. M. M.J. (org) **A arte cura? Recursos artísticos em psicoterapia**. Campinas: Editorial Psy II, 1995.

- FISCHER, E. **A necessidade da arte**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.
- GOMBRICH, E.H. **História da Arte**. LTC, 2000 (16ª edição)
- HYCNER, R. **De Pessoa a Pessoa: Psicoterapia Dialógica**. Editorial Summus, 1995
- JULIANO, J.C. **A Arte de Restaurar Histórias –o diálogo criativo no caminho pessoal**. São Paulo: Summus Editorial, 1999.
- JUNGE, M.B. **A history of art therapy in the United States**. The American Art Therapy Association, Mundelin, Illinois, 1994.
- KRAMER, E. **Art as Therapy with Children**. New York: Schocken Books, 1971.
- NAUMBURG, M. **Dynamically Oriented Art Therapy: Its Principles and Practice**. NY: Magnolia Street Publications, 1987.
- OSTROWER, F. **Acasos e Criação Artística**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1990.
- OSTROWER, F. **Criatividade e Processos de Criação**. Petrópolis: Editora Vozes, 1989.
- QUINTO DE ANDRADE, Liomar. **Terapias expressivas: arte-terapia, arte-educação, terapia artística**. São Paulo: Vetor Editora, 2000.
- RHYNE, J. **Arte e Gestalt: padrões que convergem**. São Paulo: Summus Editorial, 2000.
- RUBIN, J. A (org). **Approaches to Art Therapy: theory and technique** New York: Brunner/Mazel, 1987.
- RUBIN, J. A. **Child Art Therapy – understanding and helping children grow through art**. New York: Van Nostrand Reinhold Company, 1978.
- SARTRE, J.P. **O ser e o nada – ensaio de ontologia fenomenológica**. Editora Vozes, 2005 (13ª edição)
- ULMAN, E. e DACHINGER, P. (org) **Art Therapy – in theory and practice**. New York: Schocken Books, 1977.
- VALLADARES, A. C. A. **Arteterapia com crianças hospitalizadas**. Dissertação de Mestrado. Escola de Enfermagem USP Ribeirão Preto, 2003. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/22/22131/tde-08032004-104940/>

A formação em Arteterapia no Brasil: contextualização e desafios. Textos do III Fórum Paulista de Arteterapia

WADESON, H. **Artpsychotherapy**. New York: John Wiley and sons, 1980.

A Formação do Arteterapeuta, Contextualização e Desafios, nos Posteriores do III Fórum Paulista de Arteterapia

Mailde Jeronimo Tripoli¹²

Tatiana Fecchio Gonçalves¹³

Apresentação

A Arteterapia o que é? Para que serve? Como se aplica e por quem? Quem pode praticá-la? Quais seus principais pressupostos e princípios? Em que se fundamenta a formação do arteterapeuta?

O tema proposto por este fórum permeia estas questões e busca, no seu decorrer, respondê-las. A formação do arteterapeuta e, a partir dela, a delimitação dos campos de atuação desse profissional são questões presentes no nosso campo. A discussão e a ampliação das possibilidades de acesso a essas questões são fundamentais e devem ser incentivadas e promovidas a fim de que a Arteterapia fique cada vez mais clara e fortemente estabelecida. Nesse sentido, endossamos a importância de uma associação forte e agradecemos à AATESP, órgão representante e regulador dessa atividade no Estado de São Paulo, por sua atuação e seu empenho.

Os posteriores que tivemos a oportunidade de ver durante a manhã, aqui expostos, contêm elementos interessantes a estas discussões. Neles, sob a temática geral da Arteterapia, vemos contemplada a multiplicidade

¹² Mestre em Teoria e História Literária pela UNICAMP, Universidade Estadual de Campinas; Especialista em Arteterapia pela Universidade S.Marcos/SP; possui Bacharelado e Licenciatura em Letras pela UNICAMP, Universidade Estadual de Campinas. Autora do Livro: *IMAGENS, MÁSCARAS E MITOS: O negro na obra de Machado de Assis*. Tem formação e experiência na área terapêutica, com ênfase em TERAPIA COMPLEMENTAR (CRT: 37987), atuando nas áreas de Terapia Transpessoal, Constelação Familiar e Arteterapia, AATESP: 070/0507. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8940370737738589>

¹³ Doutora em Artes na Universidade Estadual de Campinas/ Unicamp (FAPESP) tendo realizado estágio sanduíche na Wellcome Trust Centre for the History of Medicine/ UCL Londres (CAPES); Mestre em Artes/Unicamp (2004); Bacharel e Licenciada em Educação Artística/ Unicamp (2001). Especialista em Arteterapia/Unicamp (2003) AATESP 058/1105 e especialista em Artes e Novas Tecnologias na Universidade de Brasília/ UnB (2005). Membro dos grupos de Pesquisa: Transferência Cultural entre Europa e América Latina (IA/ Unicamp) e Desenvolvimento, Linguagem e Práticas Educativas (FCM/ Unicamp). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4364335240213211>

característica também do escopo principal de nossa atividade, a Arte. Esse campo fluido, respeitoso e valorizador das individualidades, fonte de expressão criativa e que, conforme Cristina Costa, em *Questões de Arte*, "... mantém livres nossos canais de comunicação com o outro, ao mesmo tempo em que aprimora a consciência que temos de nós mesmos"¹⁴ é fonte inesgotável de interpretação e sentidos

O conjunto de posteres nos revela e reforça que, de fato, os recursos expressivos da arte são por si só elementos harmonizadores e geradores de bem-estar, equilíbrio e introspecção. Patenteiam ainda que a Arteterapia pode estar atuante em diversos campos, seja na preservação da saúde, na promoção do equilíbrio emocional, abrangendo questões psicoemocionais, autoconhecimento e desenvolvimento.

Os trabalhos mostram que há na Arteterapia um manancial de recursos infintos a serem explorados e que a formação e a criatividade do profissional que a este campo de estudo e atuação se dedica são fundamentais ao seu pleno exercício.

Na sequência apresentaremos cada um dos posteres, não nos referindo aos resumos, mas citando o autor (ou autores) e título do trabalho, a fim de que se possa identificar os autores presentes. Assim, as questões que surgirem poderão ser formuladas diretamente a eles, ao final desta breve apresentação.

Em seguida, pontuaremos alguns aspectos presentes nos posteres, relacionados explicitamente à temática do Congresso, que é a Formação do Arteterapeuta no Brasil. Os trabalhos continuarão expostos e leituras mais demoradas poderão ser realizadas posteriormente em caso de maior interesse por alguma das temáticas apresentadas.

Ao final, conforme já mencionado acima, está previsto um tempo para que os participantes façam perguntas aos autores aqui presentes.

¹⁴ Costa, Cristina: *Questões de Arte: o belo, a percepção estética e o fazer artístico*. São Paulo. ed. Moderna, 2004.

Os Posteres e os Autores

1. Claudia Colagrande. **Diálogos entre Arteterapia e Arte Educação**
2. Fabíola Matarazzo. **A arteterapia nos bastidores da competição**
3. José Francisco Padovani Forti e Sibebe Ribeiro Campos Martins. **A Arte como proposta do trabalho da intersetorialidade entre Centros de Convivência e CAPS-AD**
4. Julia de Montalembert Kater Milani. **A fotografia como instrumento arteterapêutico**
5. Kátia Hardt. **Oficina Multiplicidade, uma questão sensorial: Os princípios do yoga no contexto terapêutico**
6. Mailde Jeronimo Tripoli. **Atelier arte-culinário terapêutico: lazer, crescimento pessoal e autoconhecimento.**
7. Máira Bonafé Sei; Diane Bianchi Carvalhaes Cardoso Sá; Iara Fais Ferreira. **Artes em Família: relato de uma proposta intergeracional empreendida em um Centro de Convivência**
8. Margaret Rose Bateman Pela e Cristina Dias Allessandrini. **O lúdico como recurso arteterapêutico**
9. Mariângela Borret Bonhjour Nascimento. **Ateliê Arte e Vida na Comunidade: Espaço ArtePsicoterapêutico – Um Projeto de Vida...**
10. Melina Del' Arco de Oliveira. **Estágio supervisionado em Arteterapia: Relato de experiência e contribuições para a formação profissional do arteterapeuta**

Poster Interativo: Conteúdos que Dialogam com a Temática do Fórum

Os posteres dialogam entre si e nos trazem diversas questões frente à formação do arteterapeuta quando pensada em relação à pluralidade desse campo de atuação.

O trabalho de *Melina Del' Arco de Oliveira*, perfeitamente enquadrado na temática do fórum, aborda o estágio supervisionado em Arteterapia, trata da importância desta atividade na formação e na prática profissional. Na mesma linha, poderíamos acrescentar a importância dos ateliês arteterapêuticos no decorrer da especialização do arteterapeuta.

Está presente nos posters o reflexo das contribuições de trabalhos acadêmicos por diversos profissionais, tais como, Selma Ciornai, Deolinda Fabietti, Susan Bello, Cristina Dias Allessandrini, Patrícia Pinna, entre muitos outros. O resultado que temos é a confluência de um grande número de profissionais que desenvolvem seus mestrados e doutoramentos em Arteterapia, seja em Faculdades de Psicologia, Artes ou Terapia Ocupacional. Este arcabouço teórico, pelo viés da pesquisa na Universidade, está em desenvolvimento e é fundamental na constituição de uma bibliografia ajustada às particularidades da prática nacional da Arteterapia.

A amplitude de populações atendidas deve ser algo contemplado nas formações, e diversos são os posters que relatam sobre experiências arteterapêuticas com populações diversas. Exemplo disto são os posters de *Margaret Rose Bateman Pela/ Cristina Dias Allessandrini*, de *Maíra Bonafé Sei/ Diane Bianchi Carvalhaes Cardoso Sá/ Iara Fais Ferreira* e de *Fabiola Matarazzo*. Os dois primeiros, ao tratarem do lúdico como recurso para permear as atividades propostas e promover harmonia e saúde, discorrem sobre a possibilidade da Arteterapia junto à família e a grupos de 3ª. Idade.

O potencial de uso de formulações teóricas em diversos campos é algo que também pode ser encontrado nos posters. Os trabalhos de *Claudia Colagrande* e *Mailde Tripoli* nos apontam as possibilidades de uma dada estrutura teórica ter aplicações práticas em campos e públicos diversos, seja na escola, em um núcleo de assistência, uma ONG ou grupos distintos. O trabalho de *Fabiola Matarazzo* também aborda a prática em um setor específico, o esportivo. Seu objetivo, no entanto, é comum a outros trabalhos, no sentido da integração, motivação e descontração dos participantes.

O emprego de recursos expressivos com o objetivo de constituição de unidades de grupo e mesmo em atividades que visam à integração, ou reintegração social apareceu em diversos trabalhos. No caso da saúde mental vemos o quanto esta é importante frente ao atual estágio das reformas psiquiátricas em nosso país. Neste sentido, são exemplos os trabalhos de *José Francisco Padovani/ Sibeles Ribeiro Campos Martins* que, como artistas, desenvolveram atividades de integração social e do indivíduo consigo mesmo.

Embora sejam atuações que utilizam de recursos expressivos por não arteterapeutas, estas também se constituem como ações que resultam em movimentações internas importantes para os participantes. Estas interfaces são importantíssimas e elucidadoras do campo e, por isso, devem ser contempladas nas discussões referentes à formação do arteterapeuta ciente de suas capacidades e limitações. Quais são as reais especificidades de sua formação e atuação?

Por fim, a multiplicidade de técnicas e meios através dos quais a Arteterapia pode se dar. O trabalho de *Katia Hardt* aborda a questão sensorial e a interferência dos sentidos na percepção do mundo externo. *Julia de Montalembert Kater Milani*, refletindo sobre o potencial da fotografia, transita pelo mesmo viés, em que o olhar voltado para a imagem externa, mobiliza para o movimento interno.

Neste quesito poderíamos questionar se os cursos de formação estariam dando conta desta multiplicidade? Quais as estratégias e quais os fundamentos são essenciais a serem partilhados numa formação a fim de dar aos seus alunos um lastro de referências denso à sua atuação criativa? Os trabalhos apresentados trazem a consciência da responsabilidade que possui o arteterapeuta no lidar com o outro. A formação de base específica, a especialização, a experiência nos ateliês e estúdios, a importância da supervisão, o saber lidar de forma criativa e plena com a potencialidade dos materiais, o desenvolvimento acadêmico e também da sensibilidade, a ciência e conhecimento das implicações neste *estar* de atendimento e ajuda.

A amplitude de populações que podem ser atendidas também constitui um desafio à formação do arteterapeuta, pois cada uma, embora constantes em processos gerais de desenvolvimento, contém particularidades. A amplitude dos campos de formação e o respeito às formações iniciais (as primeiras graduações) são fundamentais e necessárias à plena atuação do arteterapeuta. Isto porque cada profissional traz, de sua primeira formação, uma bagagem e um referencial teórico específicos de uma área, o que deve ser valorizado e integrado num escopo de redes e inter-relações a fim de garantir a pluralidade deste nosso campo.

Cabe aqui uma citação de Freud, que afirmava haver ‘...muitas formas e meios de praticar a psicoterapia e todos os que levam à cura são bons... Eu, dizia ele, não rejeito nenhum destes métodos e faria uso deles se uma ocasião favorável se apresentasse¹⁵.

Criatividade, conhecimento, sensibilidade e ética são seguramente palavras chaves para esse campo.

Conclusão

Antes de concluir, reforçamos nosso apreço e agradecimentos à AATESP, que é o órgão que busca regulamentar a atividade e torná-la reconhecida como profissão. Para finalizar, propomos uma questão geral aos autores e, na sequência, abriremos para questões do público. Gostaríamos que estas se dedicassem mais às discussões da formação, a fim de confluirmos à temática do Fórum.

Passemos à primeira questão aos autores: em função da sua prática e experiência arteterapêutica, pontue um aspecto da sua formação que foi fundamental.

¹⁵ *A técnica Psicanalista* (1910), apud, Edmond Marc, *Etre Psychothérapeute: questions, pratiques, enjeux*. p.20.

A Arte como proposta do trabalho da intersetorialidade entre Centros de Convivência e CAPS-AD

José Francisco Padovani Forti¹⁶ e Sibebe Ribeiro Campos Martins¹⁷ - CAPS ad Independência e Espaço de Convivência Portal das Artes - PMC

Resumo

A Arte é um direito de todos. A comunicação é construída também através da expressão artística. Por meio dela, transmitem-se pensamentos, sentimentos e informações. Cada ambiente tem culturas e valores vividos e expressos pela via da palavra e do comportamento. Direito a cultura, lazer, trabalho, saúde, informação e conhecimento são fatores de fortalecimento do sujeito na sociedade. O CAPS-AD, na pessoa de seu monitor, artista plástico e interlocutor da rede intersetorial, em parceria com o Centro de Convivência Portal das Artes, construiu a proposta das Oficinas de Artes. Uma das oficinas é de Escultura com argila, que estabelece troca de informações entre usuários do CAPS-AD e a comunidade. Um dos objetivos é proporcionar a circulação social do usuário fora do circuito da saúde. Nas oficinas, o toque na argila desperta a comunicação e criatividade latentes, independente da origem e da patologia. Disso surgiu o trabalho com Grafite no muro do Portal das Artes, com alunos da Faculdade de Artes da PUC/Campinas, usuários do CAPS-AD, a comunidade e outrosicineiros presentes. Apesar da diversidade de pessoas realizando a troca, o muro grafitado parecia feito por um só artista dada a conexão entre eles. Nossas ações buscam a ampliação da rede intersetorial, o fortalecimento da inserção dos sujeitos à sociedade, conferindo-lhes possibilidades de trocas sociais e exercício da cidadania.

¹⁶ Artista Plástico e monitor CAPS ad Independência - Serviço Saúde Dr. Cândido Ferreira E-mail: chicoforti@hotmail.com

¹⁷ Psicóloga e Coordenadora do Espaço de convivência Portal das Artes - Prefeitura Municipal de Campinas E-mail: sibebe@terra.com.br
Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo

A arteterapia nos bastidores da competição

Fabiola Matarazzo¹⁸ - Esporte Clube Pinheiros

Resumo

Foi solicitado pelos técnicos da equipe principal de natação um trabalho de integração, motivação e descontração frente ao campeonato brasileiro. Nas semanas que antecederam a competição, ocorreram seis encontros como forma de aquecimento (psicológico) na beira da piscina, utilizando técnicas de respiração, dinâmicas de grupo, recursos expressivos e jogos cooperativos. Para finalizar o último treino da semana, foi oferecido um café da manhã e uma atividade onde a arteterapia se fez presente e facilitadora desta proposta. O campeonato de natação é realizado durante sete dias consecutivos, tornando-o intenso e cansativo. Para continuar promovendo integração e descontração, no primeiro dia do campeonato, teve uma atividade com toda a equipe. A delegação foi composta por 45 atletas entre 16 e 32 anos, três técnicos, dois auxiliares técnicos, dois profissionais de biomecânica, um preparador físico, uma psicóloga do esporte, uma fisioterapeuta e duas massagistas. Porém, como continuar estimulando a relação de grupo? Foi aí que a arteterapia se integrou à equipe! Os atletas tiveram a disposição no hotel, um local de referência para o encontro e o contato entre eles, com materiais expressivos e artísticos variados, jogos de desafios, um ambiente descontraído e acolhedor, eram convidados a participar de algumas vivências em arteterapia, além de momentos de relaxamento, massagens, orientações técnicas das filmagens de cada prova, sessões de fisioterapia e alongamento. Por ser uma modalidade individual, o exercício da convivência foi importante e essencial para a relação estabelecida entre eles, as atividades e materiais oferecidos promoveu envolvimento e descontração no grupo, trazendo alegria e prazer. Os resultados obtidos e a importância que essas atividades alcançaram, fez com que a preparação psicológica desenvolvida com esses recursos se tornasse fundamental e presente em todas as outras competições a nível nacional.

¹⁸ E-mail: matarazzo@cebinet.com.br
Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo

A fotografia como instrumento arteterapêutico

Julia de Montalembert Kater Milani¹⁹ - Faculdade de Integração Zona Oeste-FIZO em parceria com ALQUIMY ART

Resumo

INTRODUÇÃO: A Arteterapia contribui para o desenvolvimento harmonioso do ser humano e suas capacidades assim como no processo de autoconhecimento. A Imagem, na concepção junguiana, é capaz de representar, figurativamente, a situação inconsciente em que vive determinado indivíduo. A utilização de fotografias, impregnadas de significado, auxilia a estabelecer relações significativas, como também a qualidade simbólica da imagem permite que haja uma leitura singular sobre o que se vê, pois o símbolo emite mensagens. **OBJETIVO:** Ressaltar as diferentes formas de uso da fotografia no processo arteterapêutico, bem como elucidar a atribuição de significado à imagem no processo simbólico e criativo. **MÉTODO:** Através de jogos feitos com fotografia, atribuiu-se significado à imagem através da *projeção* ou *associação*. Embasamos estes dois conceitos através da teoria do Jung. **RESULTADOS:** Seu uso como instrumento terapêutico pode beneficiar o paciente ativando suas lembranças e memórias, estabelecendo relações significativas. Estes jogos foram aplicados com pacientes de faixa etárias distintas- criança, adolescentes, adulto e idosos. A criança e o adulto foram atendidos individualmente, no ambiente de consultório. Os adolescentes e os idosos foram atendidos em grupo, em uma instituição, resultado do estágio supervisionado. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Arteterapia é um campo específico que busca através da arte acessar conteúdos simbólicos. A fotografia por sua vez é arte e vale-se como instrumento para auxiliar o processo terapêutico. Nela reside a possibilidade de reflexão de um momento vivido, de um sentimento adormecido ou de uma imagem ainda não elaborada.

¹⁹ Julia de Montalembert Kater Milani é pedagoga, arteterapeuta e fotógrafa. Atende em consultório crianças, adolescentes e adultos utilizando uma linha de jogos de fotografia idealizada e criada por ela que ilustra sua monografia. - juliamkater@hotmail.com - (011) 7896.6623/ 5083.7626

Introdução

A Arteterapia contribui para o desenvolvimento harmonioso do ser humano e suas capacidades assim como no processo de autoconhecimento. A Imagem, na concepção junguiana, é capaz de representar, figurativamente, a situação inconsciente em que vive determinado indivíduo. A utilização de fotografias, impregnadas de significado, auxilia a estabelecer relações significativas, como também a qualidade simbólica da imagem permite que haja uma leitura singular sobre o que se vê. Este recurso possibilita o arteterapeuta ter um contato com o seu paciente de forma lúdica e criativa e compreender o conteúdo que foi evocado na leitura das imagens, revelando sensações, emoções e possibilitando integrá-las através da linguagem.

Público Alvo

- Criança, em atendimento individual em consultório;
- Adolescentes, em atendimento grupal;
- Adulto em atendimento individual em consultório;
- Idosos em grupo, em uma instituição, resultado do estágio supervisionado.

Objetivos

- Ressaltar as diferentes formas de uso da fotografia no processo arteterapêutico;
- Elucidar a atribuição de significado à imagem no processo simbólico e criativo.

Metodologia

A pesquisadora na sua prática profissional criou e desenvolveu uma linha de **jogos** feitos com fotografias, onde o lúdico está presente tanto no processo simbólico como no processo criativo. Podemos utilizá-los com o intuito de:

- Abordar um tema específico evocado pelo paciente;
- Incitar uma questão a ser discutida posteriormente.

Através destes jogos feitos com fotografia, atribuiu-se significado à imagem através da associação e projeção. Embasamos estes dois conceitos através da teoria do Jung.

Desenvolvimento

A fotografia apresentada como *modelo* caracteriza-se por trazer imagens que abordam um determinado tema a ser trabalhado com o paciente. Nesta abordagem, o foco está nas percepções, falas ou reação do paciente em relação às imagens selecionadas.

O paciente estabelece uma ligação espontânea de idéias, percepções, imagens e fantasias de acordo com o tema em questão. Jung dá a esse movimento o nome de **associação**. Através de um conjunto de imagens aleatórias foi proposto que cada um traçasse um fio condutor, para estabelecer relações significativas entre as imagens.

Atribuição de significado a imagem pode acontecer também através da **projeção**. Numa sessão terapêutica pode-se, abordar a representação do caminho quando o terapeuta percebe que seu paciente se encontra mobilizado por alguma questão. O terapeuta expõe fotografias de caminho e suas nuances: caminho sinuoso, bifurcado, com obstáculos etc. A imagem não apenas ilustra a situação vivenciada como também auxilia na elaboração e reflexão desta situação.

Qual é o próximo passo? O que posso fazer para caminhar, para escolher? O arteterapeuta pode usar esta imagem para ilustrar o momento em que o paciente se encontra e este por sua vez poderá através desta imagem entrar em contato com os pontos positivos e negativos de cada lado do caminho. E desta forma, caminhar.

Resultados

Seu uso como instrumento terapêutico pode beneficiar o paciente ativando suas lembranças e memórias, estabelecendo relações significativas.

No atendimento com crianças que apresentam dificuldade no aprendizado, a fotografia foi utilizada para entrar em contato com esta dificuldade vigente.

Quando aplicado com adolescentes e adulto, a imagem auxiliou na verbalização de determinados conteúdos pessoais.

Os jogos aplicados com idosos auxiliaram no resgate da memória e de suas lembranças, evocando sentimentos e reflexão deste conteúdo (projeção).

Conclusão

Arteterapia é um campo específico que busca através da arte acessar conteúdos simbólicos. A fotografia por sua vez é arte e vale-se como instrumento para auxiliar o processo terapêutico de pessoas de diferentes faixas etárias.

Referências

- ARCURI, Irene. **Arteterapia de Corpo e Alma**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- BARTHES, Roland. **Câmera Clara. Nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- CHEVALIER, Jean. **Dicionário dos Símbolos**. 17ª edição Rio de Janeiro: José Olympo Editora, 2002.
- FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta**. São Paulo: Hucitec, 1985.
- JUNG, Carl G. **O homem e seus Símbolos**. 4ªed. São Paulo: Nova Fronteira, 1996.
- JUNG, Carl G. **Memórias, Sonhos, Reflexões**. 1ªed. Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- NEIVA-SILVA, Lucas. **O uso da fotografia na pesquisa em Psicologia**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Tese de Mestrado, 2002.
- OAKLANDER, Violet. **Descobrendo Crianças: a abordagem gestáltica com crianças e adolescentes**. 15ª ed. São Paulo: Summus, 1980.
- PAOLINI, Thereza. Revista **Arteterapia: Reflexões**, nº2 São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae, 1997/98.

A formação em Arteterapia no Brasil: contextualização e desafios. Textos do III Fórum Paulista de Arteterapia

SANTOS, Regina. Revista **Arteterapia: Reflexões**, n.º2 São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae, 1997/98.

SILVEIRA, Nise da. **Jung: vida e obra**, Rio de Janeiro: José Álvaro Ed. 1968.

Artes em Família: relato de uma proposta intergeracional empreendida em um Centro de Convivência

Maíra Bonafé Sei²⁰, Diane Bianchi Carvalhaes Cardoso Sá²¹ e Iara Fais Ferreira²²
- Centro Cultural Cândido/FUMEC – Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira e
Associação Cornélia M. E. V. H. Vlieg

RESUMO

A família tem um papel de grande importância para desenvolvimento emocional saudável, ao oferecer um “ambiente suficientemente bom” para o desenvolvimento dos familiares. Enquanto fases de desenvolvimento, o ser humano caminha da “dependência absoluta”, quando vivencia uma ilusão de onipotência que embasa a criatividade futura, para um estágio denominado “rumo à independência”. Neste sentido, somente o viver criativo contribui para uma vida saudável e portadora de sentido. Na promoção de saúde, então, intervenções com grupos familiares se apresentam como estratégias significativas para serem empreendidas nos serviços. Assim, a partir deste panorama, objetiva-se apresentar a oficina “Artes em Família”, realizada com grupos familiares, de caráter aberto, em um Centro de Convivência do município de Campinas. Esta atividade tem frequência semanal e duração de aproximadamente uma hora e meia. As propostas são pautadas em atividades expressivas, baseadas nos recursos da Arteterapia com um olhar advindo da Psicanálise Winnicottiana. Busca-se não direcionar a atividade expressiva que é estimulada por meio da contação de histórias, da formulação de temas e, ocasionalmente, de construção de jogos e brinquedos, onde o lúdico passa a

²⁰ Psicóloga, Arteterapeuta (AATESP 062/0506), Mestre e Doutora em Psicologia Clínica pelo IP-USP; docente de cursos de especialização em Arteterapia; Membro do Conselho Diretor da AATESP. Telefones: (19) 32893005 – 91324530 - Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5815968830020591> E-mail: mairabonafe@hotmail.com

²¹ Psicóloga; Membro de grupo de pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Campinas: “O conceito de sexualidade infantil em Freud: Aspectos empíricos e metepsicológicos”. e-mail: dianecarvalhaes@yahoo.com.br

²² Assistente Social, junto ao Centro Cultural Cândido/FUMEC – Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira e Associação Cornélia M. E. V. H. Vlieg. Telefone: (19) 32587322 - e-mail: iarafais@yahoo.com.br

permeiar a atividade. Os recursos artísticos e o olhar da Arteterapia foram escolhidos por contribuírem para a aproximação entre pais e crianças, com desenvolvimento de um espaço onde o brincar pode estar presente. A arte é vista como um meio de expressão, onde não há certo e errado, e familiar às crianças e adolescentes. Os pais descobrem um potencial pouco estimulado em outros contextos e passam a estabelecer relações de outra natureza com seus filhos. A oficina não é denominada como terapêutica e não carrega o termo “Arteterapia” em sua denominação, mas pôde-se perceber, com a prática, que se configurou como um espaço que efetivamente promoveu saúde, com ação preventiva com um grupo de tanta importância para os seres humanos: a família.

Palavras-chave: Arteterapia; Saúde Mental; Centros de Convivência

Centros de Convivência e Saúde Mental: um panorama

A Saúde Mental se apresenta como um campo complexo e estratégias para uma efetiva atenção em Saúde Mental implicam na interlocução entre diversos campos do saber para além da Psiquiatria e da figura do psiquiatra (Amarante, 2007). Em concordância com estas idéias foi preconizada no Brasil uma Reforma Psiquiátrica de maneira a se alterar o cuidado ofertado à população com transtornos mentais, com uma lógica não asilar e, dessa forma, com atividades desenvolvidas no próprio território onde o indivíduo se encontra. A partir deste processo de mudança, novos dispositivos foram criados, como os Centros de Atenção Psicossociais – CAPSs, os Serviços Residenciais Terapêuticos, os projetos de geração de renda, além dos Centros de Convivência – CECOs.

Os CECOs que compõem, então, a rede substitutiva de atenção em Saúde Mental, mas sua estrutura e dinâmica de funcionamento se diferencia dos demais equipamentos desta área. Não traz o cuidado pautado em prontuários e consultas, e abrange ofertas intersetoriais, nas áreas de Cultura, Educação, Esporte e Lazer. Tem como objetivo promover a convivência e a construção de laços afetivos, por meio de atividades grupais como oficina de culinária, grupo de artesanato, ateliê de livre expressão. É um serviço de

“portas abertas” e recebe desde crianças até idosos, estejam ou não em processo de adoecimento. Desta maneira, não é um espaço exclusivo de indivíduos com transtornos mentais, apesar do acolhimento dado à população em situação de vulnerabilidade e entende-se que estas diferenças mostram-se essenciais para se alcançar o objetivo de promover Saúde a partir da convivência.

Winnicott e a Arteterapia: aproximações

A Arteterapia pode ser definida como

estratégia de intervenção terapêutica que visa promover qualidade de vida ao ser humano por meio da utilização dos recursos artísticos advindos principalmente das Artes Visuais, mas com abertura para um diálogo com outras linguagens artísticas. Foca-se o indivíduo em sua necessidade expressiva e busca-se ofertar um ambiente propício ao surgimento de uma expressividade espontânea e portadora de sentido para a vida (Sei, 2009, p. 6).

Os objetivos específicos da intervenção arteterapêutica podem variar conforme o espaço onde ocorre a prática, a formação inicial do profissional, a população atendida, o tempo de intervenção. Assim, há situações onde o foco se dirige para um aprofundamento das questões psíquicas do indivíduo visualizadas por meio do processo expressivo. Em outras circunstâncias pode se almejar um desenvolvimento da criatividade, com atenção para os aspectos artísticos que permeiam a prática em Arteterapia. Há momentos em que a compreensão do material produzido, com explicações e análises verbais das produções que ocupam parte das sessões e outros em que o encadeamento do processo ocorre através das próprias atividades realizadas.

São apresentadas definições amplas, mas assinala-se que a prática arteterapêutica pode ser pautada em diferentes referenciais teóricos, com forte presença da Gestalt-terapia e Psicologia Analítica embasando a Arteterapia empreendida em território nacional. Um outro autor que referencia parte dos trabalhos descritos em Arteterapia no Brasil é Donald W. Winnicott.

Ele foi um pediatra e psicanalista inglês que propôs a flexibilização do *setting* analítico conforme a necessidade, além de inserir o grafismo nos

atendimentos, como forma de comunicação, ao propor a estratégia do Jogo do Rabisco (Winnicott, 1964-1968/1994). Defendeu a criatividade como um elemento atrelado ao viver saudável e aponta a importância do brincar permear a vida de crianças e adultos (Winnicott, 1971/1975). Colocou grande importância no ambiente e na família como promotores de saúde, entendendo que o ser humano no início de sua vida é um ser extremamente dependente daquilo que esta a sua volta, sem conseguir, inclusive, perceber este estado de dependência (Winnicott, 1963/1983). Por estas características, compreende-se ser possível fazer uma interlocução entre a teoria winnicottiana e a prática da Arteterapia, especialmente quando se trabalha com crianças, famílias e no contexto institucional.

Artes em Família: exposição de uma experiência

A prática “Artes em Família” é desenvolvida em um CECO localizado no município de Campinas. Iniciou como um grupo denominado “Oficina de Saúde e Expressão”, planejado a partir dos pressupostos da Arteterapia e com foco no público infantil. Contudo, ao longo do tempo a proposta foi ampliada para acolhimento da família como um todo, a partir da demanda demonstrada pelos próprios participantes.

Atualmente, constitui-se como um grupo intergeracional, de caráter aberto e realizado semanalmente com duração de uma hora e trinta minutos, onde participam crianças, adolescentes e suas famílias. Cada encontro tem uma proposta que se inicia e finaliza no mesmo dia, visto que há pessoas que participam de forma esporádica das atividades.

Utiliza-se elementos disparadores para a atividade expressiva, como temas e histórias, além de propostas como de construção de brinquedos e jogos. Objetiva-se, além do processo criativo, também a criação de um espaço lúdico durante e após o encontro, de maneira que a atmosfera criada possa ser levada para o ambiente doméstico.

Optou-se pelos recursos artísticos e o olhar da Arteterapia, tendo em vista a contribuição da última para uma aproximação entre pais e filhos, com a vantagem da linguagem expressiva mostra-se familiar ao público de criança e

adolescentes e com isso ter a comunicação destes facilitada. Não há certo e errado e ao longo dos encontros percebeu-se a descoberta feita pelos adultos de um potencial pouco estimulado em outros contextos. A partir deste achado, os pais passam a estabelecer relações de outra natureza com seus filhos, com o lúdico e a Saúde permeando o grupo familiar.

Como assinalado, os CECOs não são espaços onde o “terapêutico” seja nomeado como tal, mas com estes efeitos se dando a partir do objetivo maior de convivência. Na experiência vivenciada, a atividade “Artes em Família” não foi denominada como “Arteterapia”, mas pôde-se perceber sua tonalidade de terapia no sentido de promover Saúde aos participantes, com ação preventiva junto ao um grupo de tanta importância aos seres humanos: a família. Crianças, adolescentes e seus familiares puderam se expressar por meio dos recursos artísticos, com encontro de uma maneira nova e singular de se relacionarem e acredita-se que esta seja uma prática que deva ser divulgada e oferecida não apenas nos CECOs, como também em outros espaços.

Referências

- AMARANTE, P. **Saúde mental e atenção psicossocial**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.
- SEI, M. B. **Arteterapia com famílias e psicanálise winnicottiana**: uma proposta de intervenção em instituição de atendimento à violência familiar. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo: São Paulo, 2009.
- WINNICOTT, D. W. (1963) Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. Em: WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artmed, 1983. p. 79-87.
- WINNICOTT, D. W. (1964-1968) O jogo do rabisco [*Squiggle Game*]. Em: WINNICOTT, C., SHEPHERD, R. e DAVIS, M. (orgs.) **Explorações psicanalíticas**: D. W. Winnicott. Porto Alegre: Artmed, 1994. p. 230-243.

A formação em Arteterapia no Brasil: contextualização e desafios. Textos do III Fórum Paulista de Arteterapia

WINNICOTT, D. W. (1971) **O brincar e a realidade.** Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Ateliê Arte e Vida na Comunidade: Espaço ArtePsicoterapêutico Um Projeto de Vida...

Mariângela Borret Bonjour Nascimento²³ - Instituição: Projeto Cultural Fama & Ateliê Arte e Vida na Comunidade

“Quem olha para fora, sonha. Quem olha para dentro, acorda” (CARL GUSTAV JUNG)

Resumo

Introdução: O Projeto contempla a arte de forma a permear o trabalho terapêutico com idosos e poderá trazer uma melhor qualidade de vida para as pessoas da 3ª idade. Portanto, usando como base a minha formação em Psicologia, os conhecimentos adquiridos no curso de Formação Clínica em Arteterapia embasada nos conceitos da Psicologia Analítica e pela minha experiência de vida na comunidade Jardim Alvorada, iniciei um trabalho com a minha avô, familiares, amigos e algumas pessoas da comunidade, sendo batizado no dia 08/12/2007 - dia de Nossa Senhora da Conceição, com o título de Ateliê Arte Vida na Comunidade – Um Espaço ArtePsicoTerapêutico – como um projeto de vida, onde o encontro é a base. O objetivo geral desse trabalho é poder permitir o encontro com o nosso ser, levando em conta a melhor qualidade de vida e saúde das pessoas idosas. O método que é utilizado fica por conta das diferentes formas de utilização da arte e a diversidade de materiais que permite a ligação com o nosso mundo interior. O resultado esperado é fomentar esse espaço, onde seja possível: resgatar a autonomia, identidade, e o potencial criativo dos idosos da comunidade e incluí-los novamente na sociedade de forma produtiva. Conclui-se que a partir do respeito pela existência humana, devemos por inúmeros motivos investir no tempo de vida, preservar a nossas referências, os nossos ancestrais. Preservar a nossa origem, é manter viva a nossa natureza e o mundo que nos cerca.

²³ Psicóloga Clínica, Pós- Graduada em Psicologia Médica e Psicossomática e em Educação Profissional em Saúde e Aluna de Formação Clínica em Arteterapia. Endereço: Rua Selma, 302 Jardim Alvorada – Nova Iguaçu-RJ – CEP 26261310 - Telefones: (21) 2669-8072 / (21) 96578630 – E-mail: borretbonjour@uol.com.br ou mariangelabonjour@hotmail.com
Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo

Considero que sendo as artes constituídas de diferentes símbolos arquetípicos individuais e coletivos pertencentes a toda a humanidade e que podem estar no nosso imaginário de forma inconsciente, poderá por meio da materialização do mesmo, torna-se consciente e serem integrados como parte de si mesmo estabelecendo uma ponte ou um fluxo imprescindível entre o eixo o ego – self.

Atelier arte-culinário terapêutico: lazer, crescimento pessoal e autoconhecimento.

Mailde Jeronimo Tripoli²⁴ - Espaço Arte Essencial

“A arte de fazer quitandas e pão: misturar, amassar, deixar crescer, assar... e partilhar. Criação, nutrição da alma, além do paladar, processo de percepção e transformação. Expressão simbólica, caminho para o bem-estar e equilíbrio.” Tripoli, M. J.

Resumo

A arte tem muitas faces e é a expressão da criatividade humana. O ato criativo, em um contexto terapêutico (terapeuta e *setting*) torna-se facilitador do processo de expressão para além da verbal. Assim, permite revelar estados emocionais e conflitos internos, e a viabilidade de compreensão e superação dos mesmos. Esse é o campo da Arteterapia, integrativo, multireferencial e multidisciplinar. Nesse contexto apresentamos o ATELIER ARTE-CULINÁRIO TERAPEUTICO: LAZER, AUTOCONHECIMENTO e CRESCIMENTO PESSOAL. Participam vinte mulheres, idades 28 a 73 anos. São aposentadas, artistas, donas de casa, professoras. A abordagem proposta é a arte-culinária como atividade promotora de descontração, auto-percepção, crescimento pessoal e auto-valorização. A fundamentação teórica passa pelo conceito de Luce Giard de que há no ato de preparar alimentos uma ritualização e um investimento afetivo considerável que promovem um lugar de felicidade, prazer e invenção. O cozinhar, ainda segundo Giard, exige tanta inteligência, imaginação e memória quanto atividades consideradas mais elevadas tradicionalmente, como a música e a arte de tecer. Consideramos que a arte culinária, no atelier terapêutico, possibilita a expressividade, os movimentos de

²⁴ Dirige o Espaço Arte Essencial, é Mestre em Teoria e História Literária pela UNICAMP; Especialista em Arteterapia pela Universidade S.Marcos/SP; possui Bacharelado e Licenciatura em Letras pela UNICAMP. Autora do Livro: *IMAGENS, MÁSCARAS E MITOS: O negro na obra de Machado de Assis*. Formação em Coaching Integrative pelo ICI: International Coaching Institutes. Culinarista. Tem formação e experiência na área terapêutica, com ênfase em TERAPIA COMPLEMENTAR (CRT: 37987), atuando nas áreas de Terapia Transpessoal, Constelação Familiar e Arteterapia, AATESP: 070/0507. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8940370737738589>

soltura, expansão, liberação de sentimentos, emoções e de tensões que permitem as demais artes. O método consiste em uma auto-apresentação; aquecimento (movimentos corporais que relaxam e descontraem), e a atividade propriamente dita: juntar os ingredientes, prepará-los, de maneira que se transformem em uma obra única de várias mãos: chá de frutas frescas e bolos. Enquanto se assam os bolos, as participantes vivenciam um relaxamento, com música suave e palavras que promovem calma, descontração e bem-estar. No fechamento, elas expressam o que o encontro representou e compartilham o chá e os bolos preparados. Um desenho é feito por todas, na folha de cada uma. Valeu ver a surpresa e o contentamento manifestados; gratidão e alegria pela percepção das possibilidades, transformação imediata e pelo prazer das descobertas. Os encontros continuam.

Este trabalho pretende contribuir com as reflexões sobre a formação em Arteterapia no Brasil, a contextualização e desafios. Para isso apresentamos uma experiência prática de oficina arteterapêutica em um contexto diferenciado: o *setting* é uma cozinha, anexa a um amplo salão, e a arte é a culinária.

Introdução

A arte tem muitas faces e é a expressão da criatividade humana. O ato criativo, em um contexto terapêutico (terapeuta, cliente e *setting*) torna-se facilitador do processo de expressão para além do verbal. Assim, permite revelar estados emocionais e conflitos internos, bem como a viabilidade da compreensão e superação dos mesmos. Esse é o campo da Arteterapia, integrativo, multirreferencial e multidisciplinar. Nesse contexto apresentamos o Atelier Arte-culinário Terapêutico: lazer, autoconhecimento, e crescimento pessoal.

Reforçamos aqui a importância dos ateliês e oficinas durante a formação do arteterapeuta. Tais atividades representam uma oportunidade para, aos que delas participam, se autotrabalharem e, ao mesmo tempo, apreenderem a gama de possibilidades expressivas que a Arte pode propiciar e assim

trabalhar o autoconhecimento, a auto-estima, a autoconfiança, a manutenção (ou resgate) da saúde, do bem-estar, da alegria de viver, resolução de conflitos e a prevenção do *stress*, entre outros problemas.

A abordagem pretendida com o atelier terapêutico é utilizar a arte culinária como um instrumento de terapia expressiva; uma atividade promotora de descontração, autopercepção, crescimento pessoal e autovalorização.

Gosto e prazer são os motivadores dessa atividade. Através do cozinhar, promover uma nova forma de expressão colocando atenção e propósito no que se está elaborando. Estar presente e consciente.

Metodologia e Técnica

A proposta se baseia no estudo relatado em *Culinária dos Sentidos: ensaio sobre o uso da arte culinária como recurso arteterapêutico*²⁵, de Trípoli, M. J. e pode ser sintetizada no seguinte conceito de Luce Giard:²⁶” há no ato de preparar alimentos uma ritualização e um investimento afetivo considerável que promovem um lugar de felicidade, prazer e invenção”.

Ainda, conforme Giard, na ação de cozinhar, passado e presente se entrelaçam para satisfazer e convir às circunstâncias e, além disso, exigem tanta inteligência, imaginação e memória quanto às atividades tradicionalmente tidas como mais elevadas, como a música e a arte de tecer.

Para participar do trabalho inscreveram-se vinte e três mulheres. Todas adultas, com idades que variam de 28 a 73 anos. São professoras, aposentadas, secretárias, artistas, donas de casas, empresárias. O propósito delas, segundo manifestaram, era conhecer uma atividade nova e dela se beneficiar, da melhor maneira possível.

A oficina consiste no acolhimento inicial, com uma auto-apresentação, conversa informal em que cada um diz da sua expectativa com relação ao

²⁵ Trípoli, Mailde J. **Culinária dos Sentidos:** ensaio sobre o uso da arte culinária como recurso arteterapêutico. Paulínia: Universidade São Marcos, 2006. Monografia (Especialização) Arteterapia.

²⁶ Giard, Luce; Certeau, Michel de; Mayol, Pierre: **A Invenção do Cotidiano:** Morar, cozinhar. Petrópolis, Vozes, 1997. Cap. Artes de Nutrir, p.212.

trabalho proposto. Segue-se um aquecimento (movimentos corporais que relaxam e descontraem), e, então, passa-se à atividade culinária em que todas participam e põem a mão na massa. Enquanto os bolos são assados, as participantes vivenciam um relaxamento conduzido. Ao final deste, cada um começa um desenho em uma folha de papel e passa-a para a colega ao lado, que aí acrescenta algo seu. A folha passa por todas, sucessivamente, até que retorne a quem a iniciou. No fechamento, expressam de diferentes formas o que o encontro representou e compartilham o chá e os bolos preparados.

Resultados

O varal de imagens produzidas na folha de papel, como “expressão” da experiência, explicita os resultados (veja a ilustração no final do texto). A descontração foi o principal sentimento manifestado e perceptível em todo o grupo. Algumas das participantes manifestaram surpresas porque através do tato e do paladar tinham acessado conteúdos emocionais e na dinâmica isso ganhou outra significação. Elas se sentiam mais leves e mais confiantes.

Conclusões/Considerações Finais

Houve uma forte manifestação das participantes, inclusive de surpresa, pois o que aconteceu superou a expectativa de todas. A mobilização interna para algumas, a percepção de sentimentos e emoções aflorados e dissolvidos para outras, sensações e melhoras físicas percebidas, sentimentos de possibilidade de mudanças, além da delícia dos bolos e chás feitos a tantas mãos.

Valeu ver a surpresa e o contentamento manifestados; a gratidão e a alegria pela percepção das possibilidades, transformação imediata e pelo prazer das descobertas.

A Arte Culinária, em um espaço adequado e com profissional qualificado, é um instrumento facilitador do trabalho terapêutico e social muito significativo. A cozinha, um espaço possível para a expressão criativa e contato com aspectos cognitivos, emocionais e sensoriais durante o prepara, cozinhar

A formação em Arteterapia no Brasil: contextualização e desafios. Textos do III Fórum Paulista de Arteterapia

e degustar. Os encontros terão continuidade na trilha do autoconhecimento, da alegria e do prazer.

Nota: segue, abaixo, o “Varal de imagens”, com alguns dos desenhos elaborados pelo grupo, na oficina.





Varal de Imagens Oficina 1

Diálogos entre Arteterapia e Arte Educação

Claudia Colagrande²⁷ - Escolas da Rede Pública de São Bernardo do Campo e São Paulo

Resumo

Introdução - Apresento um trabalho que tenho desenvolvido na formação de educadores da Rede Pública de S.B.C. e São Paulo onde integro a arteterapia na arte educação como forma de sensibilizar o educador para o seu autoconhecimento, além de um olhar cuidadoso para o desenvolvimento expressivo da criança. **Objetivos** - Apresentar parte dessa construção que denomino “Metodologia Espiral” utilizando recursos expressivos como forma de adquirir uma visão consciente de si próprio através de sua representação e leitura das obras. **Método** - A Metodologia Espiral compreende 5 passos: 1. Sensibilização; 2. Motivação; 3. Fazer artístico; 4. Contemplação; 5. Leitura da obra. Em cada oficina esses passos foram seguidos a fim de facilitar o processo expressivo e o olhar atento para a arte, seus recursos expressivos e auto-conhecimento. A fundamentação teórica abrange algumas escolas que tenho como influência: Gestalt Terapia; Metodologia Triangular (Ana Mãe), Contínuum de Terapias Expressivas e Dinâmica Energética do Psiquismo que inclui a espiritualidade e a psicologia transpessoal. **Resultados** - As possibilidades de criação e a compreensão da extensão que a arte pode ocupar como forma de auto conhecimento no contexto da arte educação pode proporcionar a valorização dessa prática na escola. A aplicação foi transposta de imediato para o trabalho desenvolvido em sala de aula possibilitando através da sensibilização do educador, um trabalho de maior qualidade. **Considerações finais** - Essa experiência compartilhada nesse trabalho tornou-se para mim motivo de afeto, respeito e ainda mais vontade de levar a arte em todos os lugares possíveis. Em toda a história percebemos como a cultura favorece a formação dos indivíduos para uma sociedade mais atuante e

²⁷ Arteterapeuta, arte educadora e artista plástica. Telefones: (11) 4169-8864 / (11) 9467-0574
- E-mail: claudiazen@uol.com.br

A formação em Arteterapia no Brasil: contextualização e desafios. Textos do III Fórum Paulista de Arteterapia

consciente. Assim, deixamos nossa contribuição como um grão de areia no extenso oceano.

Estágio supervisionado em Arteterapia: Relato de experiência e contribuições para a formação profissional do arteterapeuta

Melina Del' Arco de Oliveira²⁸ - Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina USP de Ribeirão Preto

Resumo

A arteterapia compôs a iniciativa vanguardista precursora da Reforma Psiquiátrica no Brasil, a partir de 1970. Desde então sua sistematização é um desafio em debate e a formação em arteterapia é a base deste processo. O objetivo deste trabalho é apresentar uma reflexão sobre contribuições do estágio supervisionado em arteterapia à formação do arteterapeuta. Este estudo consiste em um Relato de Experiência de uma psicóloga, aluna do curso de especialização em Arteterapia do Alquimy Art. O processo de elaboração do projeto de intervenção elucidou um importante aspecto da prática profissional: a busca de significados e justificativas à ação arteterapêutica. Este processo iniciou-se a partir da obra do pintor Gustav Klimt, cuja reflexão artística teve a mulher como centro. Esta contribuição elucidou o foco da intervenção arteterapêutica: a emancipação da mulher e assim, a violência de gênero sofrida por mulheres foi a temática escolhida. O desenvolvimento do estágio pressupôs o cumprimento de quesitos éticos exigidos pelo Hospital Geral que sediou o projeto. Esta experiência foi ímpar à formação profissional da pesquisadora pois estabeleceu a interlocução do estagiário em arteterapia com o ser arteterapeuta em potencial, aquele que intercede e conquista seu espaço. O entendimento e a introjeção do papel profissional tiveram suas raízes nesta experiência amparada por supervisões específicas, além do acompanhamento supervisionado do Alquimy Art durante o estágio. Ao longo das intervenções, o atelier arteterapêutico construiu um campo de expressão genuinamente acolhedor e criativo para mulher

²⁸ Melina Del' Arco de Oliveira é psicóloga e arteterapeuta ligada ao Hospital das Clínicas da FMRP – USP, graduada pela FFCLRP-USP e especialista em Arteterapia pelo Alquimy Art/FIZO –SP. Telefones: (16) 3624-2631; (16) 3013-3442 e (16) 9119-6628 - E-mail: melinadelarco@gmail.com Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8064697665807033>

vitimizada, assim, o desenvolvimento do estágio culminou com o desenvolvimento de uma pesquisa-intervenção de base qualitativa. A pesquisadora tem feito uma análise do impacto de sua prática profissional, que junto a outros estudos poderá contribuir para a sistematização deste trabalho. Conclui-se que o estágio supervisionado enriquece muito a formação profissional e que as contribuições da Psicologia à arteterapia são vastas e devem estar mais presentes ao longo da formação.

Introdução

Historicamente, desde o final do século XIX a Psiquiatria realizou aproximações do trabalho terapêutico com o campo da arte por meio dos trabalhos de Mohr (1906), Simon (1876 e 1888), Prinzhorn (1922) (Païn & Jarreau, 1996). De um modo geral a forma estas aproximações pioneiras associavam as expressões artísticas de doentes mentais com suas histórias de vida e patologias, mas também estabeleciam paralelos entre as produções dos doentes mentais e escolas (Andrade, 2000).

Jung, na década de 1920, inseriu a arte no tratamento de pacientes, considerando que o material artístico, as representações de imagens e sonhos eram uma simbolização do inconsciente pessoal e coletivo (Andrade, 2000).

Em 1941, Margaret Naumburg foi a pioneira em sistematizar o trabalho da arteterapia nos Estados Unidos, assim como sua irmã Florence Cane. Elas utilizavam, sucessivamente, a arteterapia e a arte-educação como método de psicoterapia e pedagogia. Já na Inglaterra, Adrian Hill implementou este trabalho (Valladares, 2003).

No Brasil, estas aproximações se iniciaram com Osório César e Nise da Silveira, entre 1925 e 1952 (Andrade, 2000). Essa psiquiatra, em 1946 criou a Seção de Terapia Ocupacional no Centro Psiquiátrico Dom Pedro II em Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro e em 1952 criou também o Museu de Imagens do Inconsciente, onde estão reunidos os trabalhos dos pacientes psiquiátricos deste Centro Psiquiátrico. Este acervo reúne as séries de desenhos, pinturas e modelagens que foram datadas e agrupadas e

acompanham o fio significativo do processo psicótico dos pacientes autores das obras. (Valladares, 2003).

A partir da década de 70, a utilização da arte com uma finalidade terapêutica compôs a iniciativa precursora da Reforma Psiquiátrica quanto à reabilitação psicossocial dos pacientes. Este movimento fomentou o combate à cronificação, à exclusão e à violência muitas vezes presente no modelo tradicional psiquiátrico. Segundo Valladares (2004) modelos alternativos de atendimento às pessoas com sofrimento psíquico foram criados, bem como o atendimento interdisciplinar; “Surgiram então, as Oficinas Terapêuticas, espaços de criação e facilitação da comunicação e das relações interpessoais. Nessa oportunidade, os participantes se tornam agentes ativos no mundo e não meros espectadores passivos e submissos ao tratamento” (Valladares, 2004, p.108).

Aprofundando na perspectiva do trabalho arteterapêutico ligado ao ensino, os primeiros cursos de especialização em Arteterapia são datados de 1982 (Clínica Pomar) e 1990 (Instituto Sedes Sapientiae). Desde então a sistematização da arteterapia é um desafio em debate e discussões sobre a formação são a base deste processo.

Objetivos

O objetivo deste trabalho é apresentar uma reflexão sobre contribuições do estágio supervisionado em arteterapia para a formação do arteterapeuta, assim como os desdobramentos desta experiência para a atuação profissional.

Método

Este estudo consiste em um Relato de Experiência de uma psicóloga e arteterapeuta recém-formada no curso de especialização em Arteterapia do Alquim Art/ FIZO-SP. O Relato de experiência foi desenvolvido conforme 5 subitens, de modo que as reflexões foram tecidas a partir da vivência pessoal e de percepções da pesquisadora. Os subitens são: Projeto de Intervenção em Estágio; Questões Éticas; Ateliê Arteterapêutico; Supervisões; Pesquisa.

Elaboração do Projeto de Intervenção em Estágio

Pode-se dizer que processo de elaboração do projeto iniciou-se primariamente a partir do contato da pesquisadora com a obra do pintor Gustav Klimt, austríaco (1862-1918), pintor simbolista e secessionista cuja reflexão artística teve a mulher como centro, e a redescoberta da força desaparecida do Eros como meta. Este encontro se deu de modo mais profundo cerca de um ano antes do desenvolvimento do projeto. A pesquisadora fartou-se das imagens femininas de Klimt e gradualmente começou a sentir e pensar sobre o que a mobilizava no contato com estas imagens.

Era marcante na obra de Klimt, a força e a vivacidade no olhar das mulheres, assim como sua atitude e inteireza, delicadeza e gozo. Klimt desnudou sem pudor a mulher, mas não revelou apenas o universo feminino, ele utilizou-se do universo feminino para revelar muitas contradições e aspectos dúbios da experiência humana, tais como vida e morte, prazer e dor, saúde e doença, Eros e Tanathos. Pode-se dizer que ele resgatou importantes imagens arquetípicas ao polarizar estas vivências. Sua obra, por sua vez, dado seu caráter simbólico, reportam mensagens, desejos, medos e a dualidade inconsciente, outro objeto de interesse comum a este pintor:

A palavra falada e a palavra escrita não me são familiares, mesmo para me exprimir em relação ao meu trabalho ou a mim próprio... Se alguém quiser saber algo sobre mim como pintor – que é a única coisa que vale a pena ser considerada – esse alguém que observe atentamente as minhas telas e procure descobrir nelas o que eu sou e o que quero (Klimt apud Néret, 2006, p. 79).

Ao contrário da força que a palavra carrega na lógica do pensamento e da razão, Klimt se apresentava à pesquisadora pela lógica da imagem e pelo pensamento simbólico, ele referendava a imagem e atribuía a ela o caráter de revelar.

Neste sentido a Arteterapia também referenda a imagem, enquanto construção simbólica, e entende que ela pode ser reveladora de aspectos tão

íntimos de um indivíduo que a palavra pode não alcançar. Dialogar com esta imagem é algo que pode levar à transformação e transcendência.

Num dado momento, pouco tempo após a proposta da realização de um novo projeto de intervenção a pesquisadora teve uma espécie de insight. De repente as contribuições da expressão artística de Klimt elucidaram o foco da intervenção arteterapêutica: **a emancipação da mulher**.

A violência de gênero sofrida por mulheres foi a temática escolhida. Durante as reflexões sobre o projeto, pensou-se que por meio da arteterapia a mulher pudesse se desnudar para si mesma, percebendo as situações de violência vivenciadas, se apropriando de sua força e seu íntimo criativo.

Foi levantada a hipótese de que a arteterapia poderia construir um campo de expressão para mulher vitimizada que fosse mais acolhedor, sutil e criativo, de modo que ela pudesse ampliar a percepção sobre a violência vivida, encontrando recursos para lidar com este sofrimento. A pesquisadora partiu da premissa de que isto pudesse acontecer por meio de um contraponto: reconhecer a violência vivida a partir do que seria o oposto disto: o autocuidado, a auto-valorização, o afeto e delicadeza proporcionados pela arte.

A mulher poderia aprender a lidar melhor com o sofrimento, com os sintomas e poderia desenvolver recursos físicos e psíquicos para lidar com o episódio da violência ou com a continuidade da violência. Pressupõe-se que por meio do desenvolvimento de Oficinas, ao incentivar a mulher a se apropriar desta nova percepção, ela iniciasse um processo criativo no qual se fortalece. Ela perceberia que poderia criar, transformar seu mundo, criando para si novas alternativas.

Nesse sentido Ostrower (1988, p. 167) contribuiu com esta reflexão ao afirmar que “os processos de percepção se interligam com os próprios processos de criação. O ser humano é por natureza um ser criativo. No ato de perceber, ele tenta interpretar e nesse interpretar, já começa a criar”.

Com o amadurecimento desta idéia foi estabelecido formalmente que o objetivo deste projeto seria permitir que as *mulheres vítimas de algum tipo de violência doméstica ou sexual* pudessem resgatar seu potencial criativo a partir da ampliação da percepção subjetiva sobre si e sobre a situação de violência.

Esta primeira etapa elucidou um importante aspecto da prática profissional: a busca de sentidos, significados e justificativas para ação arteterapêutica.

A busca do sentido do trabalho a ser realizado foi fundamental para a preparação do estagiário uma vez que tiveram a opção de fazer uma escolha: onde, com quem e como trabalhar? A resposta para essas perguntas se deu a partir de um processo de criação interno uma vez que o objeto de trabalho eleito tem muito a dizer sobre nós mesmos e tem muito a ver com os nossos diálogos com o mundo interior.

No caso de quem se propõe a realizar um trabalho terapêutico esses diálogos tem uma contribuição ímpar porque fazem parte da preparação para a o encontro terapêutico. Eles também nos dão a força para amparar o cliente e ainda resistir diante de suas resistências internas ou os obstáculos múltiplos externos ao processo. Seria como se antes de ir “para fora, em direção ao outro”, deveríamos “voltar-nos para dentro” e escutar o chamado.

Ser terapeuta, ou melhor, ser arteterapeuta já implicou uma escolha primeira que será constantemente alimentada pela busca dos sentidos como onde, com quem, como, por quê trabalhar (ou continuar trabalhando) dentro de determinado campo de atuação.

Uma formação pautada apenas em conhecimento não é suficiente para que uma relação verdadeiramente terapêutica aconteça. Franz (1999), ao discorrer sobre profissão e vocação enfatiza que nenhum programa de formação por mais abrangente e por mais conhecimento que ele ofereça irá garantir que o terapeuta co-crie uma ‘emanação criativa`.

Questões Éticas

O estágio também pressupôs o cumprimento de quesitos éticos exigidos pelo Hospital Geral que sediou a realização do projeto. Esta experiência foi ímpar à formação profissional da pesquisadora pois estabeleceu a interlocução do estagiário em arteterapia com o ser arteterapeuta em potencial, aquele que intercede e conquista seu espaço.

A conquista do espaço de trabalho implicou o real entendimento do papel do arteterapeuta e dos domínios e limites da prática profissional. O entendimento e a introjeção do papel profissional tiveram suas raízes nesta experiência amparada por supervisões específicas, além do acompanhamento supervisionado do Alquim Art durante o estágio.

Durante as apresentações e discussões do projeto junto ao Hospital, pode-se perceber que a Arteterapia é um campo ainda desconhecido para a maioria das instituições e a conquista do espaço de trabalho pressupõe persistência, ética, segurança, postura profissional e muito desejo.

O Projeto inicialmente foi debatido junto aos coordenadores do programa de atendimento à mulher vitimizada objetivando a aprovação para realização do estágio e num segundo momento o projeto já reformulado para um projeto de pesquisa foi submetido à avaliação do CONEP – Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, em função da monografia realizada como quesito obrigatório à conclusão do curso de formação.

Após sugestões de adequação do projeto às disposições da lei 196/96 do Conselho Nacional de Saúde/MS, a comissão emitiu parecer favorável à realização desta pesquisa e as participantes foram informados os objetivos desta pesquisa por meio da apresentação de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) formulado a partir de orientações éticas no tocante à pesquisa realizada com seres humanos. O Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP, sob o processo nº 6795/2009 também aprovou a realização deste trabalho.

Ateliê Arteterapêutico

Ao longo dos estágios, o atelier arteterapêutico construiu um campo de expressão bastante acolhedor e criativo para a mulher vitimizada se expressar e permitiu à pesquisadora vivenciar os sabores e desafios da prática profissional em arteterapia. O processo arteterapêutico foi desenvolvido com a utilização de recursos e técnicas expressivas bastante variados tais como desenho, pintura, modelagem, imaginação ativa, criação de estória, escrita criativa, leitura de contos, trabalho corporal com música, trabalho com o tato

(sensorial), bordado em retalho de pano, que serão posteriormente analisados conforme o processo arteterapêutico.

As técnicas expressivas foram aplicadas conforme um modelo de expressão e interação com o meio em diferentes níveis, o “Continuum das Terapias Expressivas” (ETC- Expressive Therapy Continuum), formulado por Kagin e Lusebrink (1978 apud Lusebrink, 1990). É denominado um continuum porque se considera a formação da imagem e o processamento de informações em quatro níveis. As participantes se sentiram bastante confortáveis e à vontade diante desta metodologia de trabalho e puderam expressar-se genuinamente.

Na vivência da pesquisadora, a condução do atelier arteterapêutico se deu como um processo criativo. Foi possível perceber que de um modo geral cada aluna do curso atuou em sua prática arteterapêutica, imbuída de seu referencial, descobrindo o seu modo de criar um encontro terapêutico e considerando suas particularidades e subjetividades.

A despeito do universo teórico utilizado foi possível delimitar com esta experiência aquilo que realmente tange a prática da arteterapia. Pode-se considerá-la como um testemunho da importância do estágio supervisionado

Ao longo da formação teórico-vivencial anterior à experiência do estágio do curso, inicialmente o conteúdo a ser abordado não era oferecido por meio da transmissão lógica e cartesiana do conhecimento, mas de um modo simbólico e vivencial. A compreensão das técnicas expressivas e debates teórico aconteciam em um segundo momento, configurando uma transmissão do conhecimento integrada e íntegra em relação à qual é a proposta de intervenção do próprio arteterapeuta

É possível perceber que grande parte dos cursos enfatiza o aporte técnico inicial e o fazem com bastante qualidade.

Neste sentido, Païn & Jarreau (1996) complementam esta reflexão ao explicar que as ações do arteterapeuta obtêm maior êxito quando são construídas sobre três domínios integrados. O domínio das **técnicas plásticas**, o domínio da **psicologia da representação e da ação** e o domínio da **arte**, em sua história e significação.

Segundo estas autoras, dominar a *técnica* não é um fim em si e não tem a finalidade de ensinar, mas sim, de instrumentalizar as estratégias e a compreensão do processo do paciente. Apesar das afinidades pessoais dos arteterapeutas com determinadas técnicas, a multiplicidade de técnicas plásticas deve ser uma constante no espaço de trabalho para que o paciente não seja contaminado com a subjetividade deste profissional. Há que se acompanhar com atenção flutuante a dinâmica criativa do paciente, evitando a imposição de soluções, lembrando que o nível estético da obra não é valorizado como um objeto que se contempla, mas como algo que revela uma dinâmica e uma história.

No tocante ao domínio da *psicologia*, é importante ter uma noção das teorias psicológicas para maior compreensão do processo de formação de imagens e da construção das representações, bem como as transformações das representações ao longo desse processo. Além disso, objetiva-se que no próprio fazer artístico o paciente vá introjetando seu terapeuta para que ele mesmo possa se reconhecer em obra criada.

Este domínio fornece a escuta daquilo que na produção é da ordem do inconsciente e que é possível ser deduzido a partir da produção consciente. Aqui se fala da instrumentalização para acompanhar o processo criativo do paciente, por meio de comentários de sua produção ou também trabalhar por meio de códigos de interpretação, a partir dos quais é possível atribuir um novo sentido da subjetividade do paciente. Diante da produção artística do paciente, cabe ao arteterapeuta investigar o processo que permitiu ao autor dizer o que queria e a maneira a qual conseguiu dizer (Païn & Jarreau, 1996).

Ainda conforme Païn e Jarreau (1996), o domínio da *arte* é necessário porque o arteterapeuta passa a compreender os diferentes códigos de significação. Tais códigos poderão se apresentar de diversas formas nas produções dos pacientes e a compreensão de tais códigos pode ajudar o sujeito a ampliar sua linguagem e capacidade de simbolização. O enriquecimento deste vocabulário é construído por meio das visitas a museus, exposições e livros de arte.

Portanto, essas autoras enfatizam que há equivalência na importância em se conhecer a cultura artística tanto quanto a psicológica.

Diante de todos estes conteúdos é pertinente dizer que a vivência do atelier terapêutico no processo de formação pode se assemelhar ao forno/vaso alquímico, experienciado, metaforicamente aqui, como aquele recipiente onde o estagiário em arteterapia poderá ter a chance de balancear as doses de conhecimento, técnica, intuição... iniciando a transmutação das inseguranças, incertezas e desconhecimento (representado na alquimia pelos metais vis) em criatividade, coragem, intuição, maior segurança técnica e emocional (como representado pelos metais mais nobres).

Falar da alquimia é falar da passagem de um estado para outro, da passagem gradual do aluno de um curso de formação para o profissional atuante. Esta experiência alquímica inicia-se lentamente e durante o estágio ela constela novos processos, mas na vida profissional ela “depende de tempo, de equilíbrio e de paciência” (Franz, 1980, p. 235)²⁹. Um aspecto interessante deste processo, semelhante aos processos alquímicos, é que ao final da fundição não é possível saber que profissional (metal) nos tornaremos, mas isto só se dará por meio da entrega ao processo.

De qualquer forma, o atelier arteterapêutico nos oferece outra percepção que também contribui para o que foi dito anteriormente: a princípio um clichê que beira o óbvio, mas é fundamental: “a arteterapia funciona”. Esta constatação é vivenciada na prática e isso é importante porque foi construída e houve empenho - estimula a confiança do terapeuta, a sua força interna e o sentido do seu trabalho.

Supervisão

Todo trabalho desenvolvido no atelier arteterapêutico contou com o importante respaldo de supervisões, espaço no qual aconteciam o acolhimento

²⁹ Originalmente Jung associou os conceitos da Alquimia ao processo de individuação, utilizando a metáfora alquímica para falar da busca da integração psíquica perfeita e ideal, assim como o seu desabrochar no processo analítico (Jung, 1944). Seus seguidores como Marie Louis von Franz deram seguimento ao trabalho

das alunas quanto às sensações, inseguranças, dúvidas e onde eram oferecidas sugestões quanto à intervenção técnica e diálogos acerca da postura profissional. A supervisões atuaram também como um anteparo para emoções, prazeres, sabores, tristezas ou inflações.

Franz (1999) oferece grande contribuição com uma reflexão acerca da postura do estagiário. Muitas vezes, em função dele ter adquirido muitos conhecimentos durante o processo de formação eles podem ser possuídos pelo 'arquétipo da cura' e assumir uma postura de inflação: "a pessoa que está inflada não gosta de trabalhar; ela acha que já sabe tudo melhor e mais profundamente do que os outros. Um trabalho árduo, portanto, aliado aos necessários esclarecimentos através da análise, com freqüência tornam possível superar a inflação" (Franz, 1999, pg. 292).

Aqui se pode considerar o trabalho árduo como a atividade prática em si aliada à supervisão e também a necessidade de acompanhamento terapêutico, bastante enfatizado durante o curso de formação da pesquisadora.

Philippini (2004) contribui com esta reflexão enfatizando a necessidade do equilíbrio entre a fundamentação teórica, a intimidade com a arte, suas manifestações e a prática expressiva ampla. Ao dizer da importância de integrar o processo terapêutico do próprio arteterapeuta à sua contínua expressão artística em ateliê ela referencia este cuidado como uma questão ética do trabalho terapêutico, afirmando que trabalhar com o processo criativo implica trabalhar com o desvelamento psíquico de uma pessoa e isto implica bastante cuidado e zelo. Ela afirma (2004, p. 30):

Para transformar-se em observador presente, ativo, empático, companheiro nesta aventura do construir-se e transformar-se pela via das imagens, precisará o arteterapeuta do contínuo trabalho de auto desvelar expressivo do ateliê. Precisarão do aprofundamento da pesquisa em sua linguagem plástica particular, a qual deve ser reciclada e renovada continuamente, para que assegure uma comunicação fluente através de estratégias expressivas diversas. Deste modo, estará efetivamente contribuindo para amenizar bloqueios no processo criativo de seus clientes e facilitando que estes possam encontrar e/ou construir suas próprias alternativas de reconhecimento e transformação através

da sua própria imagética. E isto será então apoiado por sua própria criatividade e confluência expressiva. A necessária complementação advém do contínuo estudo no modelo teórico escolhido para nortear sua prática terapêutica e do contínuo estudo no modelo teórico escolhido para nortear a sua prática terapêutica e do persistente trabalho de auto-conhecimento em seu próprio processo terapêutico.

Durante estágio esse cuidado se mostrou bastante evidente pois a experiência prática sedimenta na 'pele' uma concepção teórica e as supervisões se constituíram como um espaço em que este conhecimento foi sendo sedimentado pelas alunas do curso de formação. Quando as alunas eram questionadas com a pergunta: o que você sentiu? À medida que respondiam era possível perceber que o arteterapeuta está tão implicado na dinâmica psíquica do cliente ou do grupo, transferindo sobre ele (s) seus próprios conteúdos, que ele pode se envolver emocionalmente. Ao mesmo tempo ele também é um receptáculo de projeções, vivendo transferências (material inconsciente do cliente projetado) tanto positivas quanto negativas.

Deste modo, as supervisões lidam inevitavelmente com as questões do relacionamento analítico. Parte destas questões encontram continência nas próprias supervisões, mas a outra parte somente será acolhida no processo terapêutico do arteterapeuta.

A consciência da importância do tripé **supervisão, processo terapêutico e vivência própria em ateliê arteterapêutico** são a maior herança que um curso de especialização pode deixar aos seus alunos, garantindo grande parte da qualidade da formação.

Pesquisa

O estágio, por fim, culminou com uma monografia de conclusão de curso, realizada como pesquisa-intervenção de base qualitativa mediante a necessidade da pesquisadora de testemunhar as contribuições da arteterapia ao campo da violência doméstica e sexual, uma vez que compreender o fenômeno da violência é um desafio em debate há anos no âmbito de pesquisa nacional e internacional e a violência tem permeado a existência humana

desde seus primórdios e hoje, esta complexidade se expressa nas questões psicoemocionais, sócio-culturais e ético-políticas que envolvem a vitimização da mulher.

Na literatura existem escassos diálogos entre a arteterapia e a mulher vitimizada, entretanto, conforme as Normas Técnicas de Uniformização dos Centros de Referência de Atendimento à Mulher em Situação de Violência (CRAMS), a arteterapia é prevista como parte das atividades de diagnóstico aprofundado e atendimento à mulher e este é um importante passo para integração desta atividade aos serviços de atendimento, independente de serem CRAMS (Brasil, 2006).

A análise de dados desta pesquisa-intervenção de base qualitativa está sendo feita a partir da *análise compreensiva* da produção artística de uma participante (Estudo de caso) sob o referencial da Psicologia Analítica. Selecionou-se, do grupo original, fragmentos observados relevantes para apresentar aspectos que corroboram com a base teórica trabalhada.

Em outra etapa da pesquisa está sendo feita a análise da auto-imagem, comparando-se o Desenho da Figura Humana (DFH) de todas as participantes, pré e pós intervenção com o intuito de se avaliar em termos psicodinâmicos qual poderia ser impacto e o alcance da intervenção arteterapêutica em mulheres vitimizadas.

Esta técnica projetiva foi utilizada no processo arteterapêutico, tendo em vista que a pesquisadora é psicóloga e pode fazer uso de um método de investigação da personalidade que cabe somente à sua categoria profissional, sendo que este instrumento tem parecer favorável para utilização pelo Conselho Federal de Psicologia e se constitui como um método projetivo gráfico que se propõe a avaliar os aspectos da estrutura e dinâmica da personalidade.

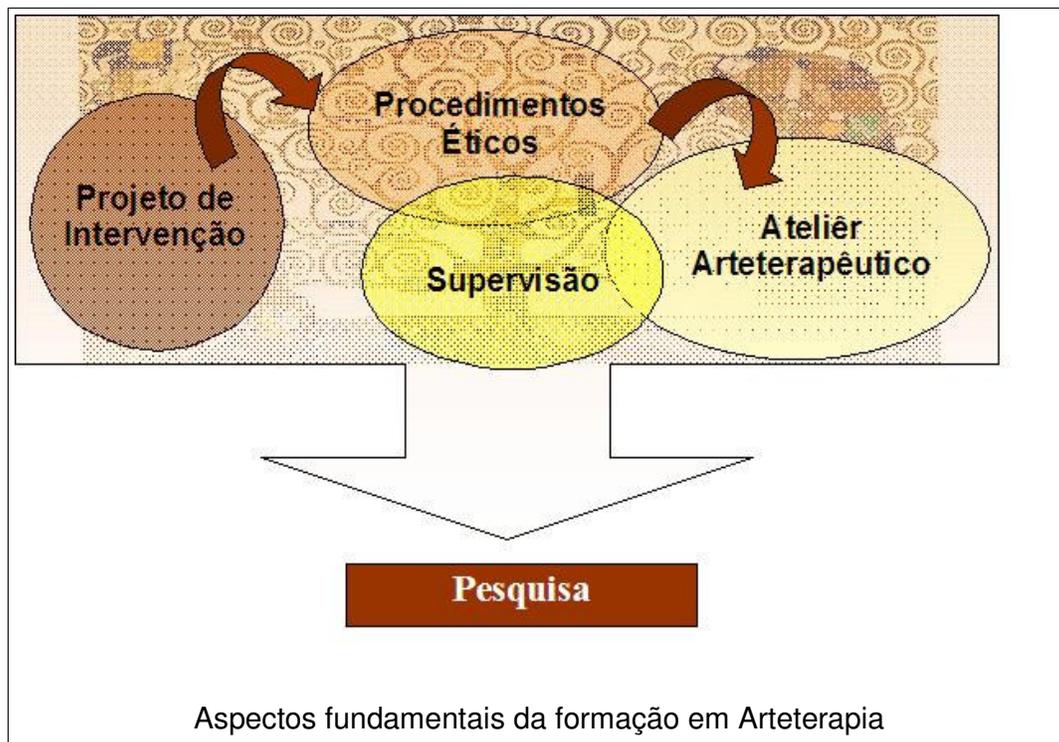
A experiência da pesquisa na formação da pesquisadora tem sido a etapa final do curso de formação e tem trazido grande qualidade neste encerramento porque a pesquisa desenvolvida sobre a prática enriquece muito o trabalho prático e o próprio profissional-pesquisador. A pesquisa em

arteterapia agrega conhecimento e exerce influência direta na atuação prática do arteterapeuta.

E no campo da arteterapia, a pesquisa tem uma contribuição ímpar no tocante à sua sistematização, reconhecimento e, sobretudo, à sua profissionalização. É inquestionável a qualidade de muitos trabalhos que estão sendo desenvolvidos em todo o país, mas infelizmente vivemos numa sociedade em que praticamente só reconhece a produção do conhecimento que provém da academia.

Conclusão

A essência das reflexões desenvolvidas neste relato pode ser representada por meio de um diagrama que integra importantes aspectos fundamentais de uma formação em arteterapia.



Conclui-se que o estágio supervisionado enriquece muito a formação profissional, pois em torno dele giraram a supervisão, a atuação prática e a sedimentação do conhecimento teórico-vivencial proporcionado pela formação.

Cumprir destacar que a experiência do estágio em si é uma experiência criativa e como tal não depende somente do background de conhecimento adquirido ao longo da formação, mas depende de sensibilidade, entrega, escuta e do sentido atribuído à ação de promover a saúde.

As monografias como trabalhos de conclusão de curso podem contribuir tanto para o aperfeiçoamento da prática profissional do arteterapeuta como para a própria sistematização e profissionalização da arteterapia.

Constata-se que as contribuições da psicologia e do universo da arte à arteterapia são vastas e deveriam estar mais presentes ao longo da formação, pois ainda que a formação de base profissional do candidato à arteterapeuta seja multiprofissional, a formação deve garantir a transmissão de um background abrangente e consistente que sedimente e 'nivele' esta categoria profissional.

Por fim, o profissional arteterapeuta após a conclusão de seu curso de formação deveria pautar a sua atuação no tripé *supervisão, processo terapêutico* e vivência própria em *atelier arteterapêutico*.

Referências

- ANDRADE, Liomar Quinto. **Terapias Expressivas**. São Paulo: Vetor, 2000.
- BRASIL, Presidência da República, Secretaria Especial de Política para as Mulheres. **Norma Técnica de Uniformização – Centros de Referência de Atendimento à Mulher em Situação de Violência**. Brasília, 2006.
- FRANZ, Marie-Louise Von. Profissão e Vocação in **Psicoterapia**. São Paulo: Paulus, 1999.
- JUNG, Carl Gustav. **Psicologia e Alquimia**. Rio de Janeiro: Vozes, 1944.
- LUSEBRINK, Vija. **Imagery and Visual Expression in Therapy**. New York and London: Plenum Press, 1990.
- NÉRET, Guilles. **Klimt**. Lisboa: TASCHEN, 1992.

OSTROWER, Fayga. A construção do olhar. Em: NOVAES, Adauto. (org.) **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

PAÏN, Sara e JARREAU, Gladys. **Teoria e técnica em arte-terapia: a compreensão do sujeito**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

PHILLIPINI, Angela. **Cartografias da Coragem: Rotas em Arte Terapia**. Rio de Janeiro: Clínica Pomar, 2004.

VALLADARES, Ana Cláudia. A Arteterapia e a reabilitação psicossocial das pessoas em sofrimento psíquico. Em: VALLADARES, Ana Cláudia (org). **Arteterapia no novo paradigma de atenção em saúde mental**. São Paulo: Vetor, 2004. p.107-127.

O lúdico como recurso arteterapêutico

Margaret Rose Bateman Pela³⁰ e Cristina Dias Allesandrini³¹

Resumo

O brincar é um fenômeno universal que tem atravessado fronteiras, passando por várias transformações ao longo do tempo, mas perpetuando-se na sua essência. Discutida sob diferentes perspectivas em várias teorias principalmente as com foco psico-sócio-histórico, a brincadeira é considerada uma forma de a criança conhecer a realidade interagindo com o meio circundante, como também é considerada responsável pela interiorização dos valores, dos costumes e da tradição entre os membros de determinado grupo social, além de se concretizar em um vínculo também com a aprendizagem e a educação. Reconhecendo-se o lúdico como traço essencial da dinâmica do comportamento humano, este trabalho tem como objetivo demonstrar que a dimensão lúdica pode se converter em recurso fundamental nos processos terapêuticos, ressaltando-se a arte e os recursos expressivos, utilizados sob a ótica da Arteterapia, como tradutores do lúdico no desenvolvimento do trabalho arteterapêutico. Para ilustrar a presença do lúdico como possibilidade no trabalho terapêutico, faz-se uma reflexão fundamentada em três pilares teóricos: a metodologia das Oficinas Criativas de Allesandrini (1996), o modelo do Continuun das Terapias Expressivas (ETC) de Kagin e Lusebrink (1998) e os estudos de Lino de Macedo sobre o lúdico e o jogo na aprendizagem, tendo como fio condutor da reflexão a Psicologia Genética de Jean Piaget. Apresenta-se, resumidamente, os resultados de atendimento arteterapêutico realizado com crianças e também com adultos, em que a

³⁰ Graduada em Letras e Pedagogia. Especialista em Psicopedagogia e em Arteterapia (AATESP 136/0310). Atua como psicopedagoga clínica, na aquisição e desenvolvimento da linguagem e do raciocínio. Tradutora inglês/ português, revisora e consultora técnica para trabalhos científicos nas áreas de Educação, Psicologia, Psicopedagogia e Arteterapia. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9540829055121326> E-mail: margaret@pela.com.br

³¹ Psicóloga Clínica, Arte Educadora, Arteterapeuta (AATESP 015/1203) e Psicopedagoga há 22 anos. Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela USP. Escritora. Fundadora e coordenadora do Alquim Art, SP. Pesquisadora da UnP e do LaPp – IPUSP. Membro da Diretoria da AATESP/SP e sua representante no Conselho Diretor da UBAAT. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2344992227202259> E-mail: allesandrini@uol.com.br

utilização do lúdico mostrou-se relevante como recurso do processo terapêutico, oferecendo subsídios para um estudo mais formal resultando nesta pesquisa em que se conclui que sendo a expressividade uma necessidade primordial ao ser humano, a presença da dimensão lúdica, dentro do processo arteterapêutico serve de ferramenta e suporte para a interpretação da realidade, assim como para a exposição de afetos e da cognição, ajudando a promoção da integração corpo e mente.

Palavras-chave: lúdico – arteterapia – desenvolvimento infantil

Introdução

Este trabalho discute o lúdico no desenvolvimento humano, detendo-se na fase da infância, onde o lúdico, aqui focado no ato de brincar, não tem só uma função social, mas pode ser considerado como fator de promoção de aprendizagens significativas.

Além deste aspecto, aborda-se também o lúdico na arte como elemento participante da possibilidade terapêutica, com a aplicação de técnicas expressivas usadas na Arteterapia.

A partir destes pressupostos, este artigo propõe-se a refletir sobre o lúdico como recurso arteterapêutico.

O enfoque entre lúdico e arte se justifica pelo fato de que a arte, em sua pluralidade de modalidades, é a forma mais antiga de expressão do ser humano. Através da história da humanidade, temos a arte como testemunha das formas de relacionamento do homem consigo mesmo, com seus pares, com o ambiente circundante e com o universo.

Etimologicamente a palavra “lúdico”³² significa:

- 1 relativo a jogo, a brinquedo;
- 2 que visa mais ao divertimento que a qualquer outro objetivo;
Ex.: *observava a criança em seus exercícios l.: corria, saltava, dançava.*
- 3 que se faz por gosto, sem outro objetivo que o próprio prazer de fazê-lo.

³² Dicionário Eletrônico Houaiss, 2009.
Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo

Ex.: *trabalhar com leitura, para eles, era uma atividade.*

4 Rubrica: psicanálise.

- relativo à tendência ou manifestação (artística ou erótica) que surge na infância e na adolescência sob a forma de jogo.

A arte, ao longo do desenvolvimento humano, entrelaça-se à formação do homem enquanto ser coletivo e social. Promoveu a difusão e o compartilhamento de crenças, do mítico, do conhecido, do mistério transformado em tradição, e das diferentes perspectivas sobre a imagem e posição do homem, respondendo à necessidade humana de intercâmbio entre o “conhecido e o desconhecido, entre a construção e transformação das relações homem-universo” (Bernardo, 2006, p. 74).

As idéias e as relações propostas neste trabalho se justificam por repensar as referências atuais que sustentam a formação do ser humano do futuro, pela reflexão sobre a criança, os brinquedos, as brincadeiras e os jogos com suas dimensões funcionais e simbólicas. Paralelamente aponta o resgate do lúdico para restabelecer a capacidade humana de interagir criativamente com a realidade, por meio da dimensão curativa e preventiva proposta pela Arteterapia.

O lúdico

Ao longo da História, livros, histórias, quadros e filmes retratam as crianças em situação de lazer; cada época tinha seus brinquedos e suas brincadeiras, e a brincadeira era um fenômeno social de que todos participavam.

o brincar era uma atividade característica tanto das crianças quanto dos adultos, representando para ambos um importante segmento de vida. As crianças participavam das festividades, lazer e jogos dos adultos, mas tinham, ao mesmo tempo uma esfera separada de jogos. (Friedman, 1993-1994, p. 28).

Contudo, a complexidade da sociedade contemporânea e também o avanço tecnológico exigiram adaptações nos aspectos do lúdico, sendo um deles a aquisição de um caráter mais individual.

As moradias foram encolhendo no tamanho, apartamentos tomaram o lugar das casas; terrenos e espaços livres foram incorporados à funcionalidade urbana; as ruas ganharam filas de automóveis, a falta de segurança prendeu moradores em suas próprias casas e novas exigências foram impostas limitando a movimentação, enfim, condições inerentes da vida moderna tal como se configura em grandes cidades.

Gradativamente, as crianças foram sendo alijadas do convívio no espaço urbano e o espaço para crianças foi se limitando cada vez mais, até se tornar um conjunto de pequenas áreas, ou locais de consumo.

Contudo, e apesar das contingências, brincar permanece como uma atividade constante da infância. Independentemente do lugar e situação, pois seja no campo ou na cidade, com melhor ou pior situação econômica ou social, a criança procura espaços e formas de se expressar e descobrir o mundo por meio de brincadeiras. A criança persiste e não para de brincar— junta pedrinhas, papel, pecinhas de jogos, manuseia objetos, dá-lhes nova vida, nova função, como vemos até mesmo em países em guerra onde as crianças fazem dos artefatos bélicos seus brinquedos.

Macedo complementa dizendo que “todas as crianças brincam se não estão cansadas, doentes ou impedidas [e quando] não estão dedicadas às necessidades de sobrevivência (repouso, alimentação)” (2005, p. 13).

Outra influência da vida contemporânea moderna na questão do lúdico na infância diz respeito aos pais que trabalham período integral, de modo que a escola torna-se quase que a opção única para deixar a criança. Mesmo com ajuda e assistência de um parente (normalmente avós) ou empregada para os cuidados, as crianças começam a frequentar cada vez mais cedo instituições como as creches e as escolas de Educação Infantil. Nesses espaços, o brincar é, muitas vezes, desvalorizado em relação a outras atividades consideradas mais importantes.

A brincadeira espontânea acaba ocupando o tempo da espera, do intervalo, ou ganha hora e lugar, no recreio, no horário livre, quando não há nada “produtivo” para fazer (Macedo, 2005), ou ainda adquire regras, horários, formas determinadas e, principalmente, objetivos bem definidos por um planejamento prévio feito por especialistas.

A entrada precoce da criança na escola também ocasiona a iniciação de um ensino formal precoce. Cabe refletir sobre esta expectativa da sociedade moderna que contribui para o abreviamento da infância, intencionalmente introduzindo as crianças no mundo adulto.

Os pais querem que a criança se socialize, que aprenda, que se desenvolva, seja equilibrada e responsável, preste atenção e que se acostume a trabalhar. Mas se deixarem de lado os preconceitos verão que é isto que a criança faz enquanto brinca, brincadeira é o momento da verdade da criança. (Cunha, 2005, p. 40)

Todo ser vivo, principalmente o ser humano, tem possibilidades que permitem que desenvolva aptidões e habilidades ao longo de sua vida individual e coletiva (Macedo, 2008), agindo de modo a atender às necessidades de sobrevivência em suas diferentes esferas; física, social, cultural e psicológica.

Neste sentido, observa-se que o lúdico desempenha importante papel para o desenvolvimento saudável das crianças.

As brincadeiras e o desenvolvimento infantil

A criança se desenvolve a partir da construção que faz na sua interação com o meio físico e social, isto é, a criança conhece o mundo a partir da sua ação sobre ele. Nesta interação sujeito-objeto a criança vai assimilando informações, segundo seu estágio de desenvolvimento.

Jean Piaget, psicólogo suíço, estudou a construção do conhecimento, e formulou uma teoria sobre como se desenvolve o pensamento da criança. Apesar de sua investigação estar mais voltada aos aspectos cognitivos, percebe-se que as construções mentais estão impregnados de elementos sociais e afetivos.

Nesse sentido, Piaget afirma que “afeto e cognição resultam de uma adaptação contínua e interdependente, em que os sentimentos exprimem os interesses e os valores das ações, das quais a inteligência constitui a estrutura” (1975, p. 265).

Piaget reconhece o brincar como instrumento que favorece o desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo e social, principalmente nos períodos sensório-motor e pré-operacional, onde diz que “agindo sobre objetos, as crianças, desde pequenas estruturam seu espaço e seu tempo, desenvolve a noção de casualidade, chegando à representação e finalmente à lógica” (Piaget *apud* Kishimoto, 1996, p. 95).

As brincadeiras “na vida da criança significam um meio de expressão e de comunicação. Permitem mostrar toda espontaneidade, não ocultando seus verdadeiros sentimentos” (Valladares, 2004, p. 1).

A criança, quando brinca, vai acumulando, desde bebê, as experiências que vão constituindo sua cultura lúdica. Essa experiência vai se enriquecendo na medida em que ela participa de brincadeiras com outros parceiros (adultos e crianças), pela observação de outras crianças e pela manipulação cada vez maior de objetos de jogo.

A brincadeira é uma forma privilegiada de aprendizagem. Na medida em que vão crescendo, as crianças trazem para suas brincadeiras o que vêem, escutam, observam e experimentam.

No espaço criado pelo brincar, na brincadeira espontânea “a criança se desenvolve mental e emocionalmente, pois brincar a faz conviver com situações ilusórias e, dessa forma, aprende a organizar seu imaginário, realizando, muitas vezes, seus desejos simbolicamente” (1999, Ferraz & Fusari, *apud* Valladares, 2008, p. 54).

O uso que a criança faz do brinquedo, a maneira como brinca e suas preferências indicam uma produção de sentidos e de ações. Ela se apropria dos conteúdos disponíveis, tornando-os seus, através de uma construção específica. As brincadeiras variam segundo as idades, o gênero e também os

níveis de interação lúdica, pois brincadeiras coletivas propiciam conteúdos diferentes daqueles presentes em uma situação individual.

Reconhecer a importância do brincar na vida da criança é o primeiro passo para resgatar o espaço fundamental da brincadeira que vem se perdendo e comprometendo o desenvolvimento infantil como um todo.

Quando a brincadeira é valorizada em todas as fases da vida, as crianças aprendem com os adultos e estes aprendem com as crianças.

O lúdico na escola

Na escola, a presença do lúdico nos processos de aprendizagem aproxima a criança de sua atividade primordial que é o brincar.

O brinquedo deve ser visto como uma forma de estimulação, que leva a a inauguração de novos padrões de respostas, aumentando o repertório da criança e favorecendo o processo de aprendizagem; Os brinquedos são suportes para as brincadeiras e sua livre exploração deve permear os momentos lúdicos.

Contudo existe uma certa confusão por parte de alguns professores, quando chamam de brincadeira uma série de atividades que podem até serem lúdicas, mas que não são propostas nem desenvolvidas pelas próprias crianças. A utilização do brinquedo como auxílio à função docente, buscando resultados previamente determinados em relação à aprendizagem de conceitos ou desenvolvimento de habilidades, transformam o brinquedo em material pedagógico.

Macedo (2005) afirma que as crianças não brincam para ficarem mais inteligentes ou por que serão bons profissionais no futuro. A criança brinca por que lhe causa prazer e “se soubermos observar a presença – maior ou menor- do lúdico, poderemos compreender resistências, desinteresses e toda sorte de limitações que tornam, muitas vezes, a escola sem sentido para as crianças”. (2005, p. 15)

As atividades lúdicas na escola não devem ser usadas “para ensinar”, mas “para aprender”, pois, caso contrário, acabam por se tornar experiências sem êxito, com aprendizagens inúteis e aborrecidas (Macedo).³³

A criança, quando brinca, entra num mundo de comunicações complexas e que podem ser utilizadas no contexto escolar, em simulações educativas, nos exercícios, etc. Isto porque a brincadeira pressupõe um aprendizado com conseqüências sobre outros aprendizados, abrindo possibilidades nos diferentes tipos de comunicação: reais, realistas, fantasiosas

A intervenção pedagógica na brincadeira, na escola, deve acontecer por meio da seleção dos brinquedos e de demais materiais colocados à disposição das crianças, de sua arrumação num determinado espaço e da participação na brincadeira, enfim, no convite à brincadeira.

A relação entre a brincadeira e as atividades dirigidas pode ser também lúdica, pois as duas formas podem se enriquecer mutuamente. As atividades dirigidas podem sugerir idéias e oferecer oportunidades para as crianças ampliarem sua visão de mundo. As crianças podem, depois, transferir suas descobertas para suas brincadeiras. Reciprocamente, o professor pode observar o conteúdo cultural da brincadeira para desenvolver outras atividades que, desse modo, vão partir dos interesses demonstrados pelas próprias crianças. (Porto, [20-], s/p)

Brincar não constitui perda de tempo nem é, simplesmente, uma forma de preenchê-lo, mas possibilita o desenvolvimento integral da criança, já que envolve afetividade, convívio social e operações mentais.

O jogo como recurso lúdico

Os jogos são uma forma de desafio que faz a criança se empenhar para dar o melhor de si, promovendo um desenvolvimento intelectual e social.

Para Macedo: “O jogar é um dos sucedâneos mais importantes do brincar [...] a brincadeira é uma necessidade da criança; o jogo, uma de suas

³³ MACEDO, Lino. Informação verbal durante Grupo de Estudo sobre Teoria da Equilíbrio em 4 jun. de 2009. Departamento da Psicologia da Aprendizagem da Faculdade de Psicologia da Universidade de São Paulo.

possibilidades à medida que nos tornamos mais velhos [...] é a brincadeira que evoluiu (2005, p. 14-15).

Brotto (2002) que trabalha com Jogos Cooperativos, considera que o jogo oportuniza uma manifestação da dimensão lúdica da experiência humana, “aquela que permite aperfeiçoar a convivência com **os outros** existentes **dentro de nós mesmos.**” (2002, p. 11) (*grifo do autor.*)

Assim há, portanto, ao proporcionar simulações da vida real o jogo pode ser trazer às claras o que está escondido: um sofrimento, uma dificuldade e aprender e transformar sentimentos, contribuindo para a construção do “ser si mesmo”.

Com essas características podemos dizer que o jogo constitui-se como um recurso lúdico que pode ser amplamente utilizado no trabalho arteterapêutico. Dentro de um ambiente arteterapêutico, o uso do jogo ajuda a traduzir facetas do íntimo permitindo conhecer, aceitar e dinamizar aspectos da personalidade. Pratica-se o exercício de coexistir, reconectando-se à essência da vida, auxiliando no desenvolvimento integral do ser, e aprimorando sua qualidade de vida.

O lúdico e o criativo: a interface nas Oficinas Criativas®

Os referenciais teóricos em Arteterapia podem variar segundo diferentes abordagens, estabelecendo, assim, diferenças e similaridades nas formas de desenvolver o trabalho em atelier. Como uma forma de realizar um trabalho terapêutico dentro da Arteterapia, Allessandrini (1996) desenvolveu uma metodologia que norteia a dinâmica no atelier arteterapêutico: a Oficina Criativa.

A metodologia da Oficina Criativa® cria “a oportunidade para que pessoas que vivenciam os processos trabalhem internamente suas competências, desencadeadoras de um saber próprio e direcionado” (Allessandrini, 2004, p. 85).

A criatividade resulta do desejo de prazer e da necessidade de autoexpressão. O prazer fornece a motivação para uma vida criativa proporcionando ao indivíduo uma maior independência e autoconfiança,

estimulando-o a perceber suas potencialidades e limites. A integração do prazer e da alegria ao criar pode ser incentivada no trabalho arteterapêutico, onde a “a dimensão lúdica deve estar presente, seja de forma intrínseca, por meio de um ambiente acolhedor e instigante, ou de forma explícita, pela oferta de jogos ou brincadeiras” (Macedo; Petty & Passos, 2005, p. 15).

Macedo *et al.* diz que “qualquer jogo supõe uma pergunta inicial; vamos jogar? A pessoa convidada é livre para dizer sim ou não” (2005, p.16).

Do mesmo modo, num atelier arteterapêutico, o cliente é convidado a entrar no jogo, no jogo de descobertas e expressão de conteúdos pessoais e significativos.

Como explica Alessandrini: “ele é convidado a tocar o ‘si mesmo’- [e] estabelece uma relação diferenciada de contato com o mundo, apoiando-se na sensibilidade e percepção de seu *eu*” (1996, p. 39) e dos objetos que o cercam. [...] As atividades desenvolvidas nesse momento, visam à vinculação do sujeito com a situação (1996, p. 16).

Esta etapa corresponde ao primeiro nível do ETC - nível cinestésico/sensorial, em que os recursos arteterapêuticos utilizados visam à exploração cinestésica, isto é, a movimentos motores ligados à ação e gestos. Podem ser usados a música, danças, movimentos corporais, e trabalhos expressivos como rabiscos, pinturas com jatos de tinta.

O exercício do tato, o tocar os objetos, manipular o material estabelece contato com o nível sensorial da experiência, que fornece o caminho para formação de imagens, muitas vezes ligadas ao primitivo, ou seja, à infância.

Explorar e manusear concretamente possibilita à criança internalizar imagens (1971 Kramer *apud* Kagin; Lusebrink, 1978). O aspecto lúdico está no prazer funcional, responsável pelo despertar de uma “motivação intrínseca” (Macedo *et al.*, 2005)– a mesma motivação que movia o sujeito quando ainda bebê em direção ao mundo.

Deste modo, na dimensão do prazer funcional, Macedo *et al.* aponta: “Nessas atividades, o que vale é o prazer, a alegria, que muitas vezes também é sofrimento, de exercitar um certo domínio, de testar certa habilidade, de

transpor um desafio do momento. [...] depois serão outros [momentos] mas isto não importa” (2005, p. 18).

Diante destes pressupostos, podemos inferir que a Sensibilização, primeira etapa da Oficina Criativa, pode apoiar-se em atividades corporais, em explorações sensoriais que são permeadas pelo lúdico com momentos inusitadas e interessantes que atingem as condutas adquiridas e automatizadas.

Qualquer atividade, em princípio, deve provocar o interesse, a curiosidade, mobilizando, assim, um esforço positivo rumo às possibilidades de superar problemas ou desafios (Macedo *et al.*, 2005).

Na etapa da Oficina Criativa® - Expressão Livre -, ocorre a livre expressão de sentimentos e pensamentos, pela linguagem não-verbal. As relações do homem com o mundo real são mediadas pela linguagem oral, mas ao mesmo tempo são limitadas por ela. Ao privilegiar novas linguagens, “utilizando técnicas e materiais artísticos como argila, pintura, desenho construção com sucata etc. [...] o que foi sentido, intuído [...] pode corporificar-se em contornos por vezes pouco delineados, mas densos e potencializadores de uma nova ação construtiva e diferenciada” (Allessandrini, 1996, p. 41).

Nessa fase, encontramos atuando, principalmente os níveis perceptual e afetivo do ETC, embora o sensorial e cinestésico ainda são, obviamente, evocados.

O contato com materiais expressivos, cuidadosamente escolhidos pelo arteterapeuta, promove uma maior interação do sujeito com o meio externo, aqui representado concretamente pelo material manuseado. Isto possibilita também, em um sentido mais amplo, a elaboração do ambiente: mudança de pontos de vista, demarcação de espaços, mudança ou maior foco em objetos, de modo que “o meio pode funcionar como agente simbólico de estabelecimentos de limites do sujeito [do sujeito]” (Lusebrink, 1990, p. 22). Acontece também a expressão de sentimentos e afetos, e diferentes disposições de como expressar e de como interagir com esse mundo.

Segundo Macedo, as atividades devem ser necessárias (pois possuem um componente afetivo) e possíveis, que significa que há meios de realizar a

tarifa, mesmo que esses meios sejam precários: “Os resultados podem não ser os mais satisfatórios frente à demanda para a tarefa, mas algo faz sentido e cria a demanda” (Macedo *et al.* 2005, p. 19).

Esta etapa do trabalho arteterapêutico em Oficina Criativa® é a fase em que o indivíduo, ainda na representação não-verbal “re-elabora” o conteúdo que emergiu anteriormente.

A partir de um “retrabalhar as figuras e formas, dando-lhes mais contornos, linhas e cores, [...] trabalha simbolicamente na qualidade do poder ser original, único e criativo dentro do encontrar recursos para clarear e delinear seu conteúdo pessoal” (Allessandrini, 1996, p. 41).

Baseando-se em Macedo (2005), podemos dizer que o lúdico expressa-se aqui como uma possibilidade de percorrer caminhos com qualidades contingenciais diferentes quanto “ao ser das coisas” (2005, p. 20).

Neste contexto, ainda é mais presente o nível perceptual-afetivo – dentro do enfoque do ETC -, onde “a forma e sentimento, ou percepção e afeto, influenciam uns aos outros. A forma dá estrutura ao sentimento, e o sentimento dá vida à forma” (Lusebrink, 1990, p. 23).

Mas também pode ocorrer a partir de outras dinâmicas que tornem possível uma nova elaboração e aprofundamento do material psíquico que emergiu anteriormente. Enfim, pode ocorrer por meio da palavra, de um movimento mais elaborado de corpo (dança, por exemplo), e assim o sujeito transita por entre os níveis do ETC, com o alinhamento do criativo que dá a direção a seguir.

As brincadeiras, na perspectiva simbólica, fazem relação com a experiência real vivida pelo sujeito e cria uma nova forma de relacionar-se com o mundo: pela via do conceito, da imaginação, do sonho, da representação, do jogo simbólico.

“No jogo simbólico, o símbolo implica a representação de um objeto ausente, visto ser comparação entre um elemento dado e um elemento imaginado” (Piaget, 1990, p. 146).

O simbolismo lúdico significa que aquilo que se faz tem um correspondente, qualquer que seja ele, para a criança. São como metáforas ou metonímias para ela. [...]. As atividades que realizam são interpretáveis porque correspondem minimamente a algo que faz sentido, que corresponde a algo da experiência das crianças, que pode ser intuído por sua importância ou valor. Metonímia no sentido de que uma parte remete-nos ao todo. (Macedo; Petty & Passos, 2005, p. 21)

No trabalho arteterapêutico há um ressignificar de todo o processo vivido, na etapa da Transposição de Linguagem, em que outros recursos como escrita e linguagem oral podem ser introduzidos.

“O conteúdo expressa-se nas formas que se tornam repletas de significado: o mundo visível transforma-se em alegoria, clara e significativa, compreensível enquanto expressão da consciência”. (Allessandrini, 1996, p. 42).

Aqui, o nível simbólico do ETC é ativado e as informações são processadas através de metáforas; e sob o olhar do arteterapeuta “o significado dos símbolos precisam ser resolvidos em termos pessoais e experimentados como molduras referenciais da realidade” (Lusebrink, 1990, p. 25).

A dimensão construtiva da atividade lúdica pressupõe a capacidade de considerar algo sob diversos pontos de vistas, “dada sua natureza relacional e dialética. Assim faz parte do lúdico um olhar atento, aberto, disponível para muitas possibilidades de expressão” (Macedo, 2005, p. 20).

No processo arteterapêutico, esta etapa corresponde a da Avaliação, que significa a retomada do processo vivido, permitindo a conscientização e a percepção crítica, como explica Allessandrini: “É o tempo de olhar e poder re- ver cada etapa, reelaborar conteúdos ainda não explicitados, ou avaliando a dimensão de significado simbólico [...] oferece ao indivíduo a oportunidade de crescer dentro de um caminhar próprio e autêntico” (1996, p. 42). E complementa a mesma autora: “É a compreensão dos elementos que surgiram até então e sua organização sequencial inserindo-os em contextos de vida mais amplos ou reconhecendo-os como padrões pessoais de ação” (2004, p. 87).

O nível cognitivo do ETC evoca a “formação de conceitos, sequenciamento, relações espaciais e mentais e abstrações, bem como a interação recíproca da verbalização e formação de imagens” (Lusebrink, 1990, p. 24).

Fechando as interrelações entre o trabalho arteterapêutico por meio da metodologia da Oficina Criativa® e a dimensão lúdica, temos o nível *Criativo* do ETC que é o aspecto que articula e alinha os diversos aspectos presentes no fazer terapêutico permitindo que ele aconteça.

O *Criativo* é o fator que alimenta cada fase do trabalho com ambiência, exploração, sensações, materiais expressivos, motivação, acolhimento, mobilizando a energia psíquica do indivíduo para o “fazer” de modo que “a cada produção expressiva que transforma um material, “analogamente aconteçam transformações no nível psíquico” (Philippini, 2000, p. 20).

Os níveis do ETC estão presentes em maior ou menor grau em todas as etapas das Oficinas Criativas®, contudo a maneira como é vivida a experiência é diferente. Em cada etapa no trabalho arteterapêutico, no passo a passo da Oficina Criativa® como um todo, o processo vivenciado evolui fundamentando-se em conexões onde o indivíduo se depara com necessidades e, portanto, se desestabiliza. Toda nova experiência causa um desequilíbrio e, naturalmente, o indivíduo busca um novo equilíbrio - e este novo equilíbrio é o *Criativo*.

Este novo equilíbrio é *Criativo* por que pressupõe mudanças nos conteúdos internos previamente conhecidos e a assimilação de novos elementos. Este processo ocorre num novo patamar interno em que o sujeito se percebe ampliando a consciência, percebendo que questões interiores mudaram, gerando transformações e novas configurações existenciais, e por isto é uma mudança surpreendentemente majorante dentro do sistema psíquico. O indivíduo pode, então, passar a estabelecer uma relação mais autônoma com os objetos e questões de sua vida, de seu mundo, até prescindir de um mediador externo.

O trabalho em Oficina Criativa® dá a oportunidade de o sujeito encontrar saídas para seus conflitos, de retomar ou encontrar o equilíbrio psíquico diante de conflitos de acordo com sua potencialidade. As qualidades potenciais do

indivíduo são, então, alavancadas pela experiência direcionada e dimensionada pelos diversos níveis do ETC e tornam-se consistentes e significativas se vivenciadas prazerosamente, permeadas pelo elemento lúdico.

Podemos dizer que o *Criativo*, no trabalho arteterapêutico, direciona e é direcionado pela energia psíquica do sujeito, que é acolhido em toda sua multiplicidade e complexidade, ao mesmo tempo em que é atendido nas suas singularidades, pois o considera como um ser único.

O destaque do aspecto lúdico na prática arteterapêutica tem sua origem no prazer que é observar no decorrer da experiência criadora que o sujeito vive, quando em processo arteterapêutico, uma qualidade diferenciada daqueles muitos outros elementos que participam do fazer terapêutico. Assim, o objetivo é oferecer um olhar mais atento ao lúdico como recurso essencial para enriquecer o trabalho em Arteterapia.

De acordo com as idéias construtivistas de Piaget, o conhecimento é construído pelas interações do sujeito com o mundo circundante, e não meramente transmitido por alguém. Assim, aprender é construir o seu próprio caminho e não encontrar o caminho indicado por alguém.

Trata-se, sobretudo, de desenvolver a mente, pois isso contribui para uma aprendizagem com menos dificuldade. Além disso, um bom desenvolvimento intelectual contribui para que a criança compreenda melhor o mundo em que vive, “e por meio de fazer arte, [há] a possibilidade de reconectar ou de inaugurar um esquema de ações” (Allessandrini, 1996, p. 104).

A Arteterapia propicia experimentações e vivências múltiplas, onde brincar para conhecer ou reconhecer diferentes recursos expressivos pelo manuseio reativa o estágio **sensório-motor** do indivíduo, nosso primeiro modo de apreensão o mundo.

Ao permitir a liberação de energia e da expressão através da ação, do movimento, há um maior contato com as sensações corporais, com os sentimentos e emoções. Para muitas pessoas há um reviver de sensações, e nesta ação, revisitam-se sentimentos há muito ocorridos e profundamente escondidos no inconsciente trazendo à memória cenas, sensações, símbolos,

estímulos e diversas lembranças, que ganham novos significados pelo estabelecimento de conexões mais fluentes entre consciente e inconsciente, permitindo um crescimento psíquico mais saudável.

A liberdade com que conteúdos internos afloram pelo trabalho expressivo pode ser comparada à catarse da brincadeira infantil espontânea, pois como afirma Cedotti: “No recurso lúdico promovido pela arte, podemos ativar por via da expressão os aspectos motor, afetivo, social e cognitivo do sujeito” (2006, p. 66).

A novidade que se constitui experimentar o corpo pela música, pela dança, pelas técnicas corporais incita a mesma exploração que a criança pequena faz ao tentar caminhar sozinha ou alcançar um objeto.

Cada material plástico propõe uma tarefa diferente: quer seja no contato, na manipulação, no desafio, na sensação. Assim, pode-se “jogar” com diferentes materiais expressivos, cada qual com sua qualidade; esses materiais trazem possibilidades de instrumentalizar e facilitar a assimilação da realidade física, mental, emocional e social do sujeito.

Observáveis do aspecto lúdico em Atelier Arteterapêutico

Para a realização da pesquisa aqui apresentada, o trabalho arteterapêutico realizado com crianças e com adultos serviu como elemento de base. O registro das sessões, por meio de relatório detalhados, possibilitou reflexão posterior a partir dos atendimentos. Levantou-se indícios observáveis representativos da atividade lúdica em ambas as populações e notou-se certa semelhança, assim como diferenças significativas em sua forma de expressão, oferecendo subsídios para um estudo mais formal.

O grupo de crianças pertencente a uma escola estadual da cidade de São Paulo foi formado pela direção da escola, com alunos provenientes da classe de reforço, pois apresentavam dificuldades de aprendizagem em geral e, em particular, na escrita e leitura, fase de alfabetização em que se encontravam.

Em cada etapa do trabalho das Oficinas Criativas as atividades foram desenvolvidas tendo o lúdico como fio condutor. Contação de histórias, jogos e

brincadeiras tinham o objetivo de provocar situações em que fossem estimulados comportamentos como: cooperação, liderança, motivação, interesse, lidar com situação como perder, ganhar, respeitar os colegas, criar, aprender regras, estimular a tomada de decisões, resolução de problemas, assumirem papéis, interação entre o grupo e, principalmente, desenvolver aspectos cognitivos, como concentração, exploração corporal e espacial, raciocínio, memória, entre outros, fundamentais para o processo do aprender formal.

O uso de atividades lúdicas mostrou extremamente importante na prática arteterapêutica e no desenvolvimento de potencialidades criativas e desenvolvimento cognitivo das crianças, tornando-se transformadoras e curadoras. No caso do atendimento às crianças, o lúdico torna-se uma forma prazerosa de viver o momento da oficina, intimamente relacionado à sua vivência diária de brincar e explorar o corpo, o ambiente, o espaço, os objetos.

Os observáveis em Atelier Arteterapêutico com crianças são: a invenção de histórias pelo próprio grupo, com maior liberdade de deixar aflorar os próprios conflitos; a perda do medo de “não” saber desenhar e de “não saber escrever”; mais sorrisos; mais soltura e demonstração de afeto; maior interação, disposição em participar de atividades em grupo; maior capacidade de atenção; aceitação de trabalho com o corpo nas rodas de dança e cantigas; envolvimento na contação de histórias e desejo de representá-las, com troca de papéis entre o grupo e uso de material de apoio para o “faz-de-conta”.

Devido ao pouco espaço disponível, sem mesa para se trabalhar, pia próxima, a escolha dos materiais recaiu sobre lápis de cor, giz de cera, canetas hidrocor, colagem, posteriormente dobradura e até a escrita.

Com adultos, o trabalho foi realizado na sala de espera de uma das unidades da Delegacia da Defesa dos Direitos da Mulher, na cidade de São Paulo. O público, flutuante e muito heterogêneo (sexo, idades e razões por estarem no local), e o local sem privacidade, uma sala de espera, determinavam uma interferência bem sutil da arteterapeuta.

Devido ao pouco espaço disponível, sem mesa para se trabalhar, pia próxima, a escolha dos materiais recaiu sobre lápis de cor, giz de cera, canetas hidrocor, colagem, posteriormente dobradura e até a escrita.

O material era deixado exposto em uma caixa, e a ação da arteterapeuta como: pintar mandalas, recortar, desenhar, montagem de cartaz e dobraduras servia como sensibilização, estimulando uma ou outra pessoa a, pelo menos, tocar o material.

Vencida a relutância, o receio, a escolha recaía, na maioria das vezes, na pintura de mandalas já impressas e com motivos bem figurativos: ursinhos, sol, golfinhos, corações, borboletas, flores, demonstrando uma preferência por motivos mais femininos e infantis. Dobraduras chamavam a atenção, mas poucos se aventuravam a fazer, preferindo ajudar em trabalho iniciado pela arteterapeuta.

Os observáveis presentes no trabalho arteterapêutico foram: conversas e comentários surgem em decorrência do material exposto, geralmente lembranças da própria infância; motivos que gostavam de pintar e desenhar; recordações de brincadeiras, comidas e jogos infantis; nota-se uma tranquilidade maior, uma redução da ansiedade e sorrisos frente aos trabalhos já coloridos.

O próprio ato de pintar era referido como brincadeira de criança, um prazer esquecido com o passar dos anos. A exploração do sensorial no poder colorir, brincar com as cores, escolher e misturar materiais trazia novamente este adulto em conflito, ferido no físico, às vezes, mas sem dúvida, sempre na alma, a poder usufruir de um prazer intrínseco à atividade, sem expectativas ou cobranças, tal qual podia agir quando criança.

Pôde-se constatar nessas atividades a presença do lúdico, que remetia à infância sendo o lúdico, em parte, responsável pela interação do indivíduo com o ambiente à sua volta e pela mobilização de uma ação potencializadora no resgate do si mesmo.

A partir destes aspectos descritos, pode-se refletir e ampliar a gama de indícios observáveis de modo a se constituírem elementos marcantes passíveis de futuras pesquisas. O recorte lúdico dentro de um enquadre arteterapêutico

representa ampliação e compreensão de aspectos subjacentes ao desenvolvimento humano e absolutamente presentes no trabalho arteterapêutico. Vale dizer que 'inauguramos' este olhar dentro da Arteterapia, que merece ser mais investigado!

Enfim, durante o atendimento arteterapêutico realizado com crianças e também com adultos, em que a utilização do lúdico mostrou-se relevante como recurso do processo terapêutico, há observáveis possíveis que podem direcionar a ação do arteterapeuta durante seu processo de intervenção.

O lúdico e a Arteterapia

Trabalhar com recursos expressivos de acordo com os pressupostos da Arteterapia resgatando a dimensão lúdica oferece a oportunidade de interagir criativamente com a realidade.

Os jogos lúdicos podem ser utilizados como elemento de expressão, consciente e inconsciente do sujeito. A subjetividade do sujeito se manifesta possibilitando fazer pensáveis os conteúdos trabalhados, os sentimentos e emoções, pensamentos e esperanças, sonhos e desejos que podem se revelar com muito mais facilidade através da criatividade proporcionada pelo prazer do lúdico.

O processo lúdico, envolvendo contextos de brincadeira e jogos, possibilita a interação entre as pessoas, pois a partir do momento em que elas se encontram, conversam, discutem as regras, há uma situação de socialização, competição, cooperação.

O jogo também é uma das formas de brincadeiras, porém diferencia-se do brincar livre por apresentar regras que permeiam a ação. Ao jogar, a criança é convidada a raciocinar, pensar, agir com atenção e concentração.

“O jogo também trabalha interação - é puro símbolo interativo, é sócio-cultural. Na interação trabalha-se com recorrência, recorre-se a evidências, ao realizável, ao que é observável no sistema.” (Macedo, 2009)³⁴

³⁴ MACEDO, Lino. Informação verbal dada em Grupo de Estudo sobre Teoria da Equilíbrio em 2009.

Durante os jogos, a criança experimenta um sentimento de grande prazer ante o descobrimento do novo e suas possibilidades de invenção. Os jogos passam a ter significados positivos, dentro do processo terapêutico quando é proporcionado um trabalho coletivo, de cooperação, de comunicação e socialização. Os jogos em grupo, no processo terapêutico, são uma forma de atividade muito indicada para estimular a atividade construtivista da criança e a sua vida social.

O prazer que advém do trabalho com a arte oferece a mesma capacidade que a brincadeira tem de envolver a criança, gerando um clima de alegria, excitação e orgulho, ou seja, algo que motiva e a envolve emocionalmente. Esse prazer é gerador de um interesse intrínseco, voluntário no sentido de alcançar os seus objetivos.

Conclui-se que, sendo a expressividade uma necessidade primordial ao ser humano, a presença da dimensão lúdica, dentro do processo arteterapêutico serve de ferramenta e suporte para a interpretação da realidade, assim como para a exposição de afetos e da cognição, ajudando a promoção da integração corpo e mente.

Deste modo, podemos dizer que o lúdico cria uma demanda, uma necessidade promovida pela novidade que o constitui, que resgata o anseio de conhecer o mundo pela ação, como na infância. Há uma ressignificação da atitude ou atividade na realidade atual do sujeito.

Portanto, a infância necessária para todos é a que tenha, além de casa, comida, carinho, saúde e educação, um tempo e um espaço de brincar garantidos. E cabe a cada um de nós, especialmente quando lidamos diariamente com as crianças, tentar romper com alguns paradoxos da infância, permitindo e favorecendo o brincar.

Referências

ALLESSANDRINI, C. D. **Oficina criativa e psicopedagogia.** Coleção Psicologia e Educação. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1996.

ALLESSANDRINI, C. D. **Oficina Criativa e Análise Microgenética de um Projeto de Modelagem em Argila**. Coleção Arteterapia. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2004.

BERNARDO, Patricia Pinna. *Arteterapia; a arte a serviço da vida e da cura de todas as nossas relações*. In: ARCURI, I. (org.) **Arteterapia: um novo campo do conhecimento**. São Paulo: Vetor, 2006.

BROTTO, Fábio Otusi. **Jogos Cooperativos: o jogo e o esporte como um exercício de convivência**. Santos, SP: Cooperação, 2002.

CEDOTTI, Walmir. *Arteterapia e psicanálise: dimensões subjetivas de uma possível morte simbólica*. In: ARCURI, I. (org.) **Arteterapia: um novo campo do conhecimento**. São Paulo: Vetor, 2006.

FRIEDMANN, Adriana. (1993 e 1994) *A evolução do brincar*. In: **O Direito de brincar; a Brinquedoteca**. Projeto desenvolvido para apoiar a implantação de brinquedotecas com apoio da fundação Abring pelos Direitos da Criança e da Vitae - Apoio à cultura, Educação e Promoção social. Distribuição de cinco mil exemplares. [s.l.]: Scritta, 1998.

HOUAISS, A. et al. **Dicionário Eletrônico Houaiss**. Rio de Janeiro, Instituto Houaiss e Editora Objetiva, 2009.

KAGIN, S.; LUSEBRINK, V.B. *The expressive therapies continuum*. **Art Psychotherapy**, 5 (4): 171-179, 1978.

LUSEBRINK, V.B. **Imagery and visual expression in therapy**. New York and London, Plenum Press, 1990. Tradução preparada para o curso de pós-graduação *lato sensu* em Arteterapia do Alquimy Art por Miriam Paula S. Stahl (cap. 2 e 6) e Maria Silvia Farina (cap. 5). Revisão de Silvia Zaffarani. Supervisão Técnica: Cristina Dias Alessandrini. Imagética e Expressão Visual na Terapia. mimeografado. 51p.

KISHIMOTO, Tizuko M. **O Jogo e a Educação Infantil**. São Paulo: Pioneira, 1996.

MACEDO, L. de; PETTY, A. L. S.; PASSOS, N. C. **Quatro cores, senha e dominó: oficinas de jogos em uma perspectiva construtivista e psicopedagógica**. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1997.

MACEDO, Lino; PETTY, Ana Lúcia S.; Passos, Norimar Christe. **Os jogos e o lúdico na aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

MACEDO, Lino. *A questão da inteligência. Todos podem aprender?* In: OLIVEIRA, Marta K.; REGO, Teresa C.; SOUZA, Denise T. (orgs.) **Psicologia, Educação e as Temáticas da vida Contemporânea**. São Paulo: Moderna, 2008.

PORTO, Cristina Laclette. **Brincadeira ou Atividade Lúdica**. Série Jogos e brincadeiras: desafios e descobertas. Programa Salto para o Futuro, na TV Escola de 7 a 11 de abril. Coordenadora da Brinquedoteca HAPI e professora do Curso de Especialização em Educação Infantil da PUC-RIO.

PHILIPPINI, Ângela. **Cartografias da Coragem. Rotas em Arte terapia**. Rio de Janeiro: Pomar, 2000.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança. Imitação, Jogo e sonho, imagem e representação**. 3ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1990.

PIAGET, Jean. **O raciocínio na criança**. Rio de Janeiro: Record, 1975.

VALLADARES, A. C. **Arteterapia e saúde mental**. Coleção Arteterapia. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2008.

VALLADARES, Ana Cláudia Afonso. A. *Manejo arteterapêutico no pré-operatório em pediatria*. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 06, n. 1, 2004. Disponível em: <<http://www.fen.ufg.br>>. Acesso em: 20 maio 2008.

Oficina Multiplicidade, uma questão sensorial: Os princípios do yoga no contexto terapêutico

Katia Hardt³⁵

Resumo

Segundo textos antigos do yoga, o sofrimento e as aflições dos seres humanos, originam-se pela falta do conhecimento de si mesmo. Esses estados emocionais podem estar ligados ao fato de estarmos sempre voltados para o mundo externo, sendo que, o que nos dá acesso a esse mundo e o conhecimento dele, são os nossos sentidos. Eles são essenciais a nós, mas em geral, não prestamos atenção na relação entre os sentidos e a imaginação que nossa mente cria a partir das sensações despertadas. Dessa maneira, damos origem aos nossos sentimentos e emoções causados pelas impressões e estímulos constantes que recebemos de fora. Portanto, a multiplicidade de sensações cresce, e os sentimentos bons e ruins também, já que vamos nos vinculando a todo tipo de imaginação. Ao refletir sobre a questão sensorial, podemos avaliar melhor a interferência dos sentidos sobre a mente e as emoções, descobrindo a origem dos prazeres, dos sofrimentos e do nosso comportamento. Este trabalho visa apresentar um percurso teórico como proposta para intervenções em Arteterapia, dando a possibilidade de trazer uma nova percepção do mundo externo, através do conhecimento e entendimento do si mesmo, propiciando a compreensão das tendências aos condicionamentos que nos impedem de mudar. Nesta oficina, serão empregadas técnicas específicas da prática do Yoga que objetivam a experiência sensorial plena e a reorientação dos nossos sentidos de maneira a ir de encontro com o si mesmo. Essas técnicas serão aliadas aos recursos da Arteterapia, contribuindo para uma percepção consciente do sistema sensorial, proporcionando meios para a conquista do equilíbrio, da harmonia e de uma vida mais saudável.

³⁵ Katia Camargo Hardt - Fones: (19) 2139-7229 ou 9706-3900 - katia_hardt@yahoo.com.br

Exposição de Arte Postal: um convite

Claudia Colagrande, Ronald Sperling e Sue Steinberg

Amigos,

Convidou-se todos os arteterapeutas e estudantes de Arteterapia participantes do III Fórum Paulista de Arteterapia, realizado em Campinas no dia 05 de Dezembro de 2009, a envarem seus trabalhos para uma exposição que teve como objetivo a troca de ideias por meio da Arte Postal.

O tema para a conversa em arte postal foi:

A Arte Postal iniciou-se logo nas primeiras décadas do século XX. Dadaístas, Surrealistas e Futuristas aderiram à Arte Postal para divulgar seus pensamentos, aproveitando os serviços do correio que estava se expandindo.

TEMA QUE NORTEOU A PRODUÇÃO DOS POSTAIS:

“Ser ou não ser arteterapeuta, eis a questão!”

FORMATAÇÃO:

- Tamanho do suporte: 10 x 15 cm;
- Os materiais a serem utilizados no processo de comunicação e criação de imagens foram de livre escolha do autor;

CRITÉRIO DE SELEÇÃO:

A proposta da Arte Postal teve como objetivo divulgar todos os trabalhos recebidos, sem que fossem submetidos à seleção ou júri, desde que seguissem as normas de formatação descritas.

Ressalva: A apresentação das contribuições a seguir segue o critério de ordem alfabética de seus autores, a partir da nomeação que optaram por assumir ao assinar sua Arte Postal.

A Arte Postal na Arteterapia³⁶

Claudia Colagrande³⁷

Na década de 1960, correspondências trocadas entre artistas plásticos deram origem a mais uma forma de expressão da arte contemporânea: a arte-postal (mail art). A arte-postal se caracteriza por ser um meio de expressão livre, na qual envelopes, telegramas, selos ou carimbos postais são alguns dos suportes em que é possível a expressão da sensibilidade. Os artistas utilizam, principalmente, técnicas como colagens, fotografia, escrita ou pintura. A única limitação real é a utilização de diferentes técnicas e suportes é a possibilidade de envio dos trabalhos pelo correio.

No final dos anos 80 o movimento de arte postal perdeu a força, especialmente junto aos artistas que trabalhavam esse veículo como forma de protesto.

No entanto, nos anos 90, a arte postal iniciou seu diálogo com as novas mídias. E foi na internet que os artistas encontraram um meio privilegiado para novas experimentações, inaugurando novas possibilidades.

Na arteterapia utilizamos a arte-postal de duas maneiras:

1. Forma de arteterapeutas se corresponderem;
2. Em atendimentos como forma da pessoa se expressar como se estivesse comunicando algo a ela mesma ou a outra pessoa que não necessariamente receberá o postal.

Por ser um meio de expressão livre, suporte pequeno (10 x 15cm) é um caminho facilitador da expressão, diria não intimidador. Várias possibilidades existem nessa forma de conduzir a expressão numa sessão de arteterapia e os resultados são sempre surpreendentes.

³⁶ Parte do texto extraído do texto da historiadora Valéria Peixoto Alencar - Arte Postal: Correspondência com valor artístico. **UOL Educação**. 2010. Site: <http://educacao.uol.com.br/artes/arte-postal.jhtm> Data de Acesso: 16 de Fevereiro de 2010.

³⁷ Artista plástica e arteterapeuta (AATESP 100/0109), Membro do Conselho Diretor da AATESP (Gestão 2009-2010)

Na AATESP decidimos colocar essa forma de expressão em todos os Congressos e Fóruns que promovemos a fim de que os arteterapeutas mostrem a sua produção e comunicação não verbal. Hoje possuímos o Blog da AATESP (<http://www.aatesp.blogspot.com/>), além do site onde também podemos postar imagens enviadas de vários lugares do mundo onde arteterapeutas e clientes queiram compartilhar os seus postais.

Arte Postal: considerações

Ronald Sperling³⁸

A arte postal ganha 'status' de grande meio artístico de comunicação, especialmente entre artistas, no início do século passado com os integrantes do movimento Dadaísta, liderado por Marcel Duchamp e Francis Picabia.

Sendo o processo arteterapêutico aberto à utilização das linguagens artísticas, sem restrições, em arte postal encontra um meio para a comunicação, à distância, entre o paciente e seu terapeuta.

Devido a relevância de que o movimento se reveste, o Conselho Diretor da AATESP, implementou em seu programa de eventos a realização de amostras de arte postal. Todos são convidados a participar, arteterapeutas e estudantes de arteterapia, enviando trabalhos artísticos, tendo como diretriz os temas propostos para os encontros.

Neste III Fórum Paulista de Arteterapia, tivemos a primeira Mostra de Arte Postal. Foram recebidos diversos trabalhos que evidenciaram o cuidado com que os arteterapeutas e estudantes de arteterapia, que enviaram seus cartões postais, acolheram a proposta. Foram trabalhos onde se pôde ver o interesse, a atenção e o apuro com que foram elaborados. De significativa expressão, neles ficou demonstrado a preocupação, de cada participante, em tornar visível mensagem alusiva ao III Fórum Paulista de Arteterapia e sua importância como espaço para debates e trocas de experiências nestes tempos do século que se inicia.

Realizados com os mais diversos materiais plásticos, o visual apresentado, a estética implícita e a sensibilidade transparente nas imagens, fizeram emergir entre obra e espectador elos que, tocando o interior de cada um, brindavam à percepção, elevando a arte e exaltando a vida.

³⁸ Artista plástico, Arte educador, Arteterapeuta (AATESP 009/1203), Mestre em Gerontologia pela PUC-SP. Membro do Conselho Diretor da AATESP – gestão 2009-2010.
Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo



Arte Postal 1 - Betânia Norgren



Arte Postal 2 - Carolina Wiermann



Arte Postal 3 - Carolina Wiermann



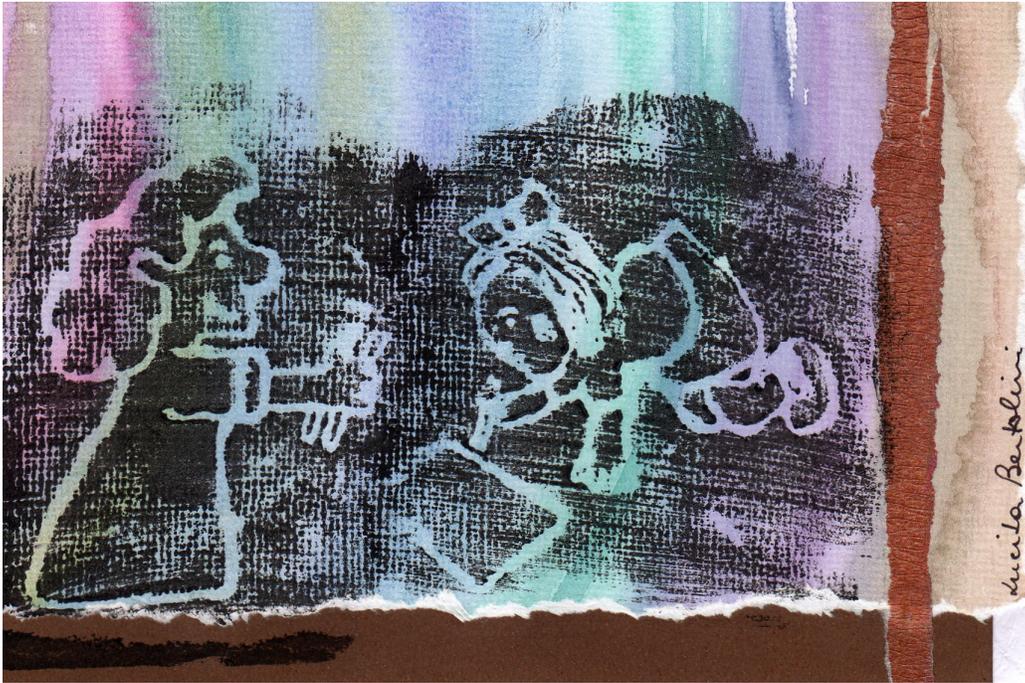
Arte Postal 4 - Claudia Colagrande



Arte Postal 5 - Claudia Colagrande



Arte Postal 6 - Lucila Bertolini



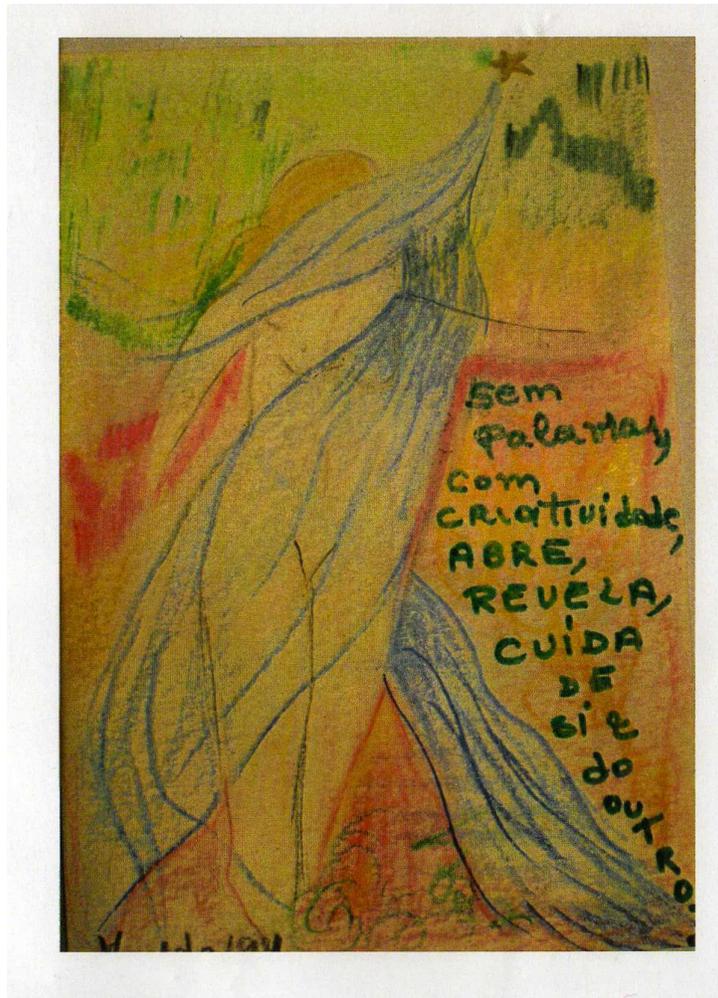
Arte Postal 7 - Lucila Bertolini



Arte Postal 8 - Mailde Tripoli



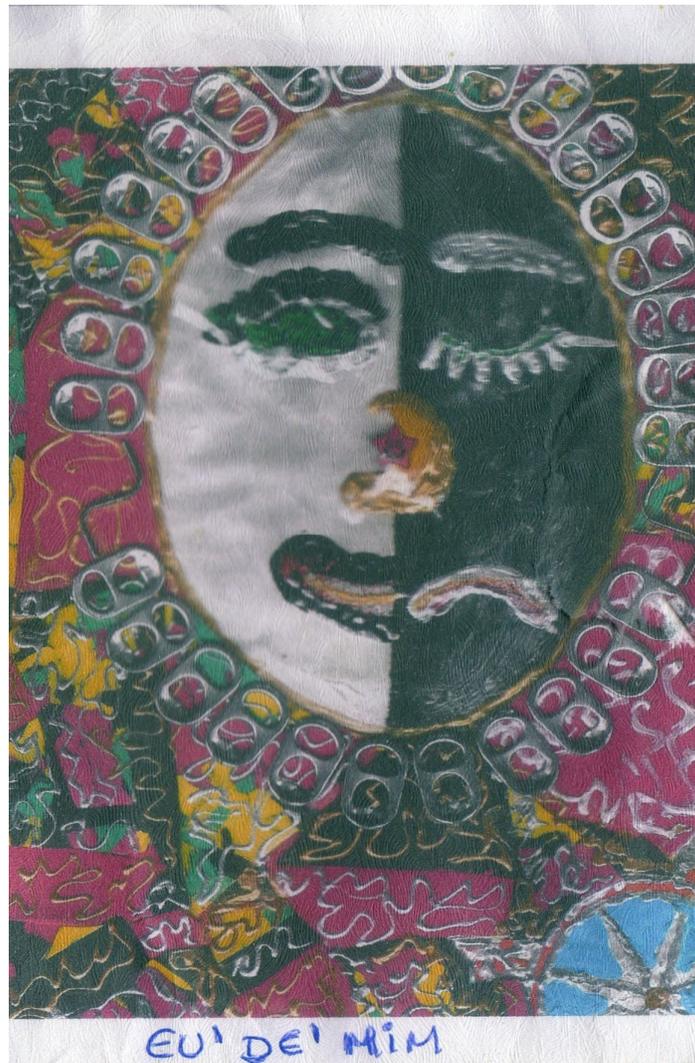
Arte Postal 9 - Mailde Tripoli



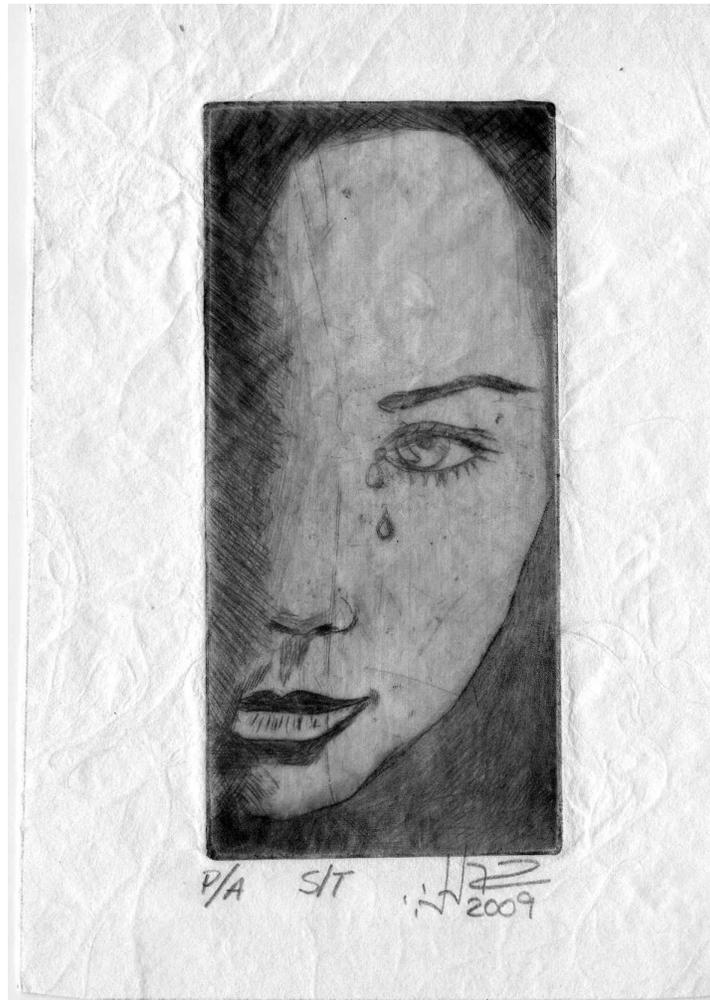
Arte Postal 10 - Mailde Tripoli



Arte Postal 11 - Mailde Tripoli



Arte Postal 12 - Mariângela Bonjour



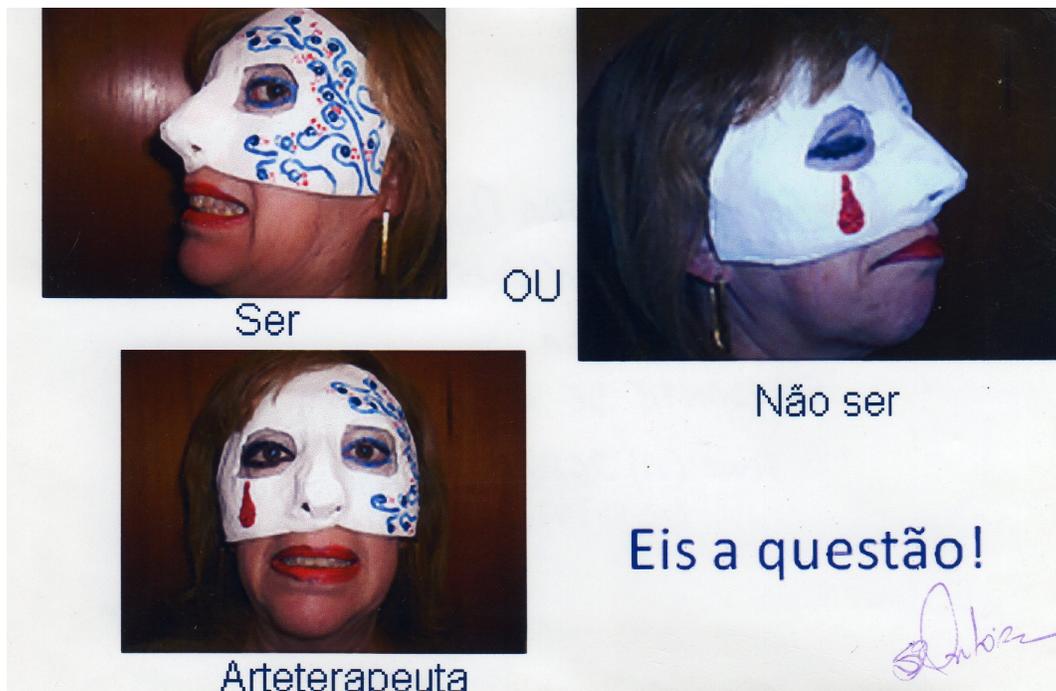
Arte Postal 13 - Sall Viana



Arte Postal 14 - Silvana Di Blásio



Arte Postal 15 - Silvana Di Blásio



Arte Postal 16 - Solemar Ontoria



Arte Postal 17 - Sue Steinberg



Arte Postal 18 - Sue Steinberg